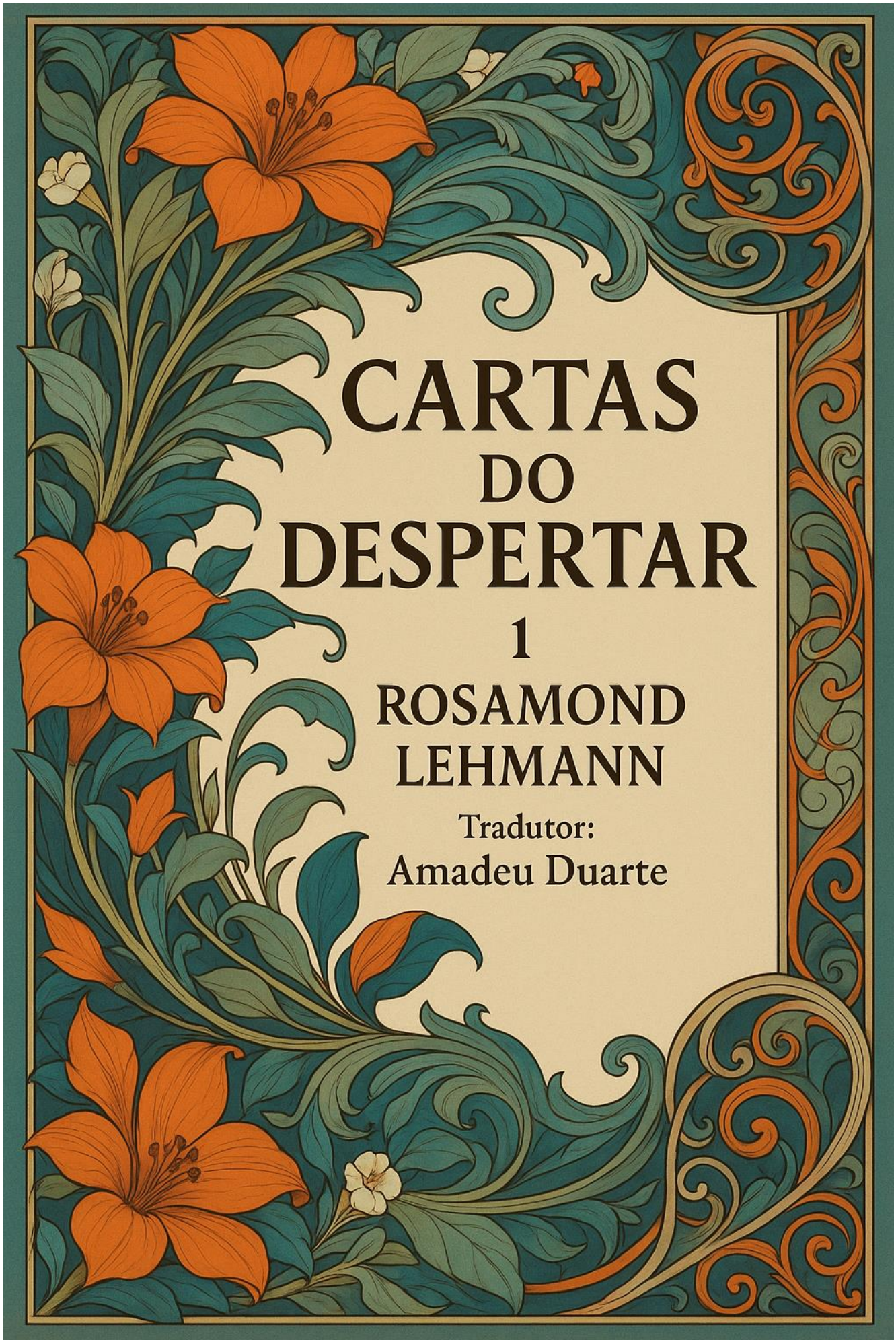
CARTAS
DO
DESPERTAR
1
ROSAMOND
LEHMANN
Tradutor:
Amadeu Duarte

1978

RELAÇÃO DE PARENTESCO

Arthur FitzGerald Sandys Hill, sexto Lord Sandys, Barão de Ombersley (1876-1961, viveu 85 anos), era filho do Coronel Richard Frederick Thomas Trench-Gascoigne (1851-1937) e de Laura Gwendolen Douglas Galton (falecida em 1949). Era irmão de Sir Alvary Douglas Frederick Trench-Gascoigne, conhecido como Joe (1893-1970). Teve uma filha, Patricia Mary Gwendolen Hill (1926-1957), e um sobrinho, Douglas Wilder Trench-Gascoigne (1917-1944).

A VARIEDADE DE EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS NA VIDA FUTURA

Prefácio

Estes escritos foram seleccionados por Cynthia Sandys e por mim, a partir de um imenso número de mensagens recebidas através da sua mediunidade mental ao longo dos últimos trinta anos. Leitores familiarizados com os dois folhetos intitulados Cartas das Nossas Filhas (publicados pelo College of Psychic Studies) já terão sido apresentados a Patricia, filha de Cynthia, e a Sally, a minha própria filha. Mais cartas delas aparecem no presente volume, assim como comunicações notáveis de outros familiares e amigos… alguns distinguidos durante as suas vidas na Terra, outros menos conhecidos, ou completamente desconhecidos. Contudo, a maior parte do material provém do irmão de Cynthia, Joe, Sir Alvary Gascoigne.

As suas cartas formam aquilo que é, sem dúvida, um registo único das aventuras e experiências de um homem após a morte. A preparação de Cynthia para o seu trabalho é absolutamente simples e modesta. Depois de se desfazer das muitas tarefas domésticas, senta-se calmamente, com um bloco de notas no colo; e, após um período de meditação profunda, pega numa caneta e começa a escrever rapidamente.

Dá a impressão de uma concentração intensa, mas sem esforço, enquanto regista aquilo que a sua audição espiritual está a receber. As palavras surgem num fluxo ininterrupto e sem pontuação, criando uma espécie de delicada teia caligráfica sobre o papel. À medida que cada página é preenchida, eu retiro-lha – quando tenho o privilégio de estar presente – e espero até que o 'poder' se esgote e ela depouse a caneta. Depois, leio toda a carta com ela, copio-a e pontuo-a. Seja qual for a pequena parte que pude contribuir, a minha dívida para com ela permanece incalculável.

Rosamond Lehmann

Introdução

Muitas pessoas fazem a eterna pergunta: o que acontece quando morremos...? Deixamos de ser as pessoas que fomos na Terra...? Mudamos? Reconhecemos os nossos amigos...? Lembramo-nos da nossa vida terrena...? Queremos ou precisamos de voltar à Terra? Escolhemos cartas de personalidades muito diferentes, esperando que a mensagem que trazem possa despertar um sentido de continuidade da vida, quando possamos dizer com crescente confiança.

Gostarias que eu traduzisse também as próximas secções do livro?

NO MEU FIM ESTÁ O MEU COMEÇO

Cynthia Sandys

A primeira carta da Patricia

Ah, Ma. Eu adoro este plano, você nunca me disse o quão terrivelmente bem a gente se sente. É maravilhoso estar delimitada de energia, e capaz de saltar direto do chão, e ficar no ar! Deixa-me bastante inebriada.

Eu não consigo entender como a nossa terra pode ter-se tornado tão horrível, e ainda assim permanecido ao alcance destes lindos raios.

Eu sou muito vaga com respeito à diferença entre o Raio de Deus e o Raio de Cristo, tudo o que conheço é esta gloriosa sensação de paz absoluta – que irrompe sobre tudo, até mesmo a dolorosa falta que sinto do Johnny – até isso cede, e sinto como se alguma substância quente e emocionante estivesse a ser derramada sobre as minhas veias, e estivesse a refazer todo o tecido celular do meu corpo.

Chamam-lhe "Presença."

Não é nem um pouco parecido com a ideia de Presença que eu tinha associado a Deus, algo inspirador que nos levaria a prender a respiração maravilhadas e a sentir-nos mais pequenos do que nada – algo que é exatamente ao contrário.

Ela derrama-se literalmente sobre nós, e leva-nos a ter vontade de rir e ser jovial, algo que se acomoda mais perto de nós próprios – mais perto até do que o Johnny* – e ainda assim parece ser o Johnny, ou fazer com que o Johnny seja parte disso. Há uma sensação de inspiração da mesma Divindade. É a inspiração que nos liga. Quando Johnny pensa em mim, inspiramos juntos e o sopro de ligação é Deus – na verdade, tudo é Deus, mas de alguma forma foi-nos permitido esquecer.

* Seu marido.

Cartas de Charles Bonham Carter

É uma coisa estranha morrer; claro que a sua mãe foi uma das minhas primeiras visitas. Ela entrou no hospital onde eu estava a tentar descobrir como e por que eu tinha chegado ali. Nunca gostei de hospitais. Supunha que deva ter ficado inconsciente e tenha sido levado para lá nesse estado. Quando perguntei pela minha esposa, as deliciosas jovens enfermeiras mostraram-se tão vagas que eu poderia tê-las abalado! Então G. veio-me ver e eu perguntei pela minha esposa, mas ela ficou em silêncio, até que finalmente eu disse. "Diga-me, aconteceu-lhe alguma coisa horrível? Ela está morta? — 'Não' — disse G. tomando as duas mãos, 'mas você está'.

Quase pulei da cama, de tão ridículo que aquilo pareceu. Lá estava eu na cama mais confortável, num quarto encantador, com as mais bonitas das enfermeiras, e muito boa comida! Olhei para G. com espanto, mas ela apenas riu e lembrou-me que tinha falecido vários anos antes de mim. Eu senti-me bastante irritado e incomodado, quase dececionado. Eu sabia que não tinha muito mais tempo de vida. Mas sempre pensei que a morte fosse algo majestoso, inspirador e tremendo – um momento de avassalador para a alma – momento que eu nunca deveria esquecer – algo que haveria de suprimir todos os meus desejos terrenos, e de me transformar em algo mais sábio e melhor, e dotar de visão e compreensão.

Mas aqui estava eu, morto segundo a G., mas absolutamente inalterados, exceto que eu não sentia dor nem desconforto. Em vez disso, dormi facilmente, as minhas

refeições eram uma grande fonte de interesse, e em vez de detestar a ideia de comida, aqui estava eu com o apetite de um menino de escola, a desfrutar de delícias como nunca tinha provado antes! Mal me podia queixar das condições em que me encontrava, mas mesmo assim senti que tinha sido enganado pela morte. Não me tinha sido permitido ver a majestade da passagem. Bem, é preciso aceitar as deceções, especialmente com alguém tão jovial e adorável como a sua mãe, que agora insistia em que eu dormisse, com a promessa de voltar a estar comigo quando acordasse.

Comecei a sentir-me inseguro. Atrever-me-ei a dormir? Onde deverei acordar? 'Ah, exatamente aqui', disse G. Mas se você não acreditar em mim, terei que tentar trazer um pouco de sua família chegada." Ah! agora isso era um problema, por que não tinham eles vindo com a G.? Ela explicou que, devido a todo o trabalho que você e ela tinham feito desta natureza, ela agora era uma rececionista treinada, e capaz de nos receber nos estágios iniciais, e que, curiosamente, eu provavelmente não deveria ter sido capaz de ver a minha própria família devido a que eles tivessem ido mais longe na Vida Espiritual e tivessem perdido a parte inferior do corpo. Então aceitei o conselho dela e, sentindo-me sonolento, virei-me e dormi.

Quando acordei novamente, a G. estava ao meu lado. Conversamos um pouco, e então ela disse. "Você não gostaria de se levantar?" No início, receei que a dor pudesse voltar, mas como a G. tinha certeza de que isso não poderia acontecer, pedi-lhe para apanhar a minha roupa junto de uma das enfermeiras.

"Ah, isso não é necessário, respondeu a G.:

'Você levanta-se simplesmente da cama e vai descobrir que as suas roupas estarão postas na perfeição."

"Mas tenho de me lavar, barbear, e assim por diante...".

'Ah não, isso tem lugar justo aqui,'" respondeu ela.

Quão terrivelmente desleixado soava... arrastar-se em roupas que nunca envergamos; no entanto, eu estava sob as suas ordens, pelo que fiz o que me foi pedido. Levantei-me da cama – sem ajuda – e com efeito lá estava eu inteiramente vestido, e com as minhas próprias roupas! Isso foi bastante surpreendente. As minhas próprias roupas, usadas aqui e ali por mim! A G. riu e disse:

"Isso vem de estabelecer tanto gosto pelas suas roupas que elas brotam um duplo etérico, e vêm junto."

Agora venha para o jardim e se quiser lavar-se, vamos banhar-nos no lago" – uma coisa que eu não fazia há anos, e só a ideia me fez estremecer. No entanto, lá fomos nós, movendo-nos com grande facilidade enquanto a G. me amparava pelo braço. Uma vez ela soltou-se e eu perdi o equilíbrio e comecei a cair, mas nunca atingi o chão. Fiquei deitado no ar, como se fosse um sofá. Era uma sensação peculiar, e o tempo todo uma sensação de leveza esquisita acometia-me. Eu sentia-me o mesmo apenas mais forte,

mas o meu corpo parecia ter uma textura diferente, e quando eu me movia os meus membros eles eram tão leves que quase pareciam papel.

Reinava uma certa irrealidade que teria sido aterrorizante se não tivesse sido tão agradável. Quando chegamos ao lago, eu já não questionava mais se poderia ou não querer tomar banho. O meu corpo parecia tão intensamente diferente do antigo, que quando chegamos à margem eu estava pronto para pular de roupa e tudo, com a certeza de que minhas roupas teriam o bom senso de se retirar do meu corpo e de aguardar o meu retorno! E, com efeito, eu estava tão livre quanto o ar quando toquei na água; e a água era bastante diferente de tudo o que eu já tinha experimentado antes. No momento em que a toquei, deixei de ser a pessoa concreta e pesada que tinha sido nos últimos oitenta e poucos anos, e tornei-me por tempo o imortal mais cabeça de vento!

Você não tem ideia do quão divertido é ser absolutamente cabeça de vento, eu sei que soa demasiado insensível quando eu recordei a M. e todos os que eu tinha deixado para trás. Mas eles estavam tão distantes naquele momento, enquanto eu rompia a concha que me ligava à terra, e me libertava para recuperar a gloriosa filiação com relação ao Divino...

Nada em todo o mundo pode furtar-nos ao momento inspirador em que cada célula do corpo é inundada de luz. Essa é a sensação. Todo o peso e confusão, todas as trevas da mente e do corpo se desvanecem literalmente, quando a paternidade de Deus se manifesta.

Posso ter ficado desapontado com a brevidade da morte, mas a maravilha e a beleza da ressurreição estão além de toda a explicação. Deixei de existir, e mesmo assim me tornei-me completamente eu próprio – e muito mais.

* * *

Estou tão feliz por você poder escrever comigo novamente. Tenho feito os exercícios que todos fazemos ao vir para cá. Não acho difícil. Tenho-os feito com a sua família e com a minha, que agora consigo ver com toda a clareza, mas eles quase deixaram de usar a voz na fala, sendo todo o intercâmbio telepático, e eu ainda não ser minimamente perfeito!

Acho os tratamentos de banho de cor são a maior alegria. Eu gostaria de escrever um pouco sobre eles, porque a M. poderia fazê-los no seu plano.

Fui levado para um vale, onde toda uma cadeia de pequenos lagos jazia como um cordão de pedras preciosas colocadas sobre veludo verde, que parecia ser algo entre grama e musgo. O primeiro em que mergulhamos era de ouro pálido, e eu pareci cair direto num copo de manteiga, e o refrescamento foi instantâneo. Eu pude nadar nele, mas era necessário muito pouco esforço físico.

Passados alguns momentos no primeiro lago, fomos para o segundo, que era azul, e senti mais como tomar banho no mar como eu o conhecia, mas com uma diferença de

vibração muito grande. Aqui, a tremenda energia evocada pelo primeiro lago foi atenuada e foi-nos dada uma grande sensação de paz e descanso: nenhuma sensação de cansaço, era mais a sensação de poder mantida em reserva. Apenas um tempo muito curto foi permitido para a minha primeira imersão no lago azul, e então passamos para o terceiro que era quase cor de pêssego, rosa pálido emocionante que mudava para ouro e laranja pálido.

Foi-me dito que tinha sido o meu primeiro contacto direto com o poder de Cristo e, com um imenso sentimento de admiração, mergulhei naquela piscina vibratória emocionante. Mesmo enquanto eu estava de pé na margem, senti todo o meu corpo relaxar e contrair ritmicamente como se estivesse automaticamente a tentar alinhar por aquela vibração muito mais alta e maravilhosa. Fui mais fundo, permitindo que a água se fechasse sobre mim e experimentei um novo despertar de poder e intenção. Senti-me limpo e revigorado, ao qual se juntou uma alegria de vida bastante ilimitada.

Tenho estado tão ocupado a "sentir" que ainda não encontrei palavras para expressar essas sensações. Sinto-me bastante ofegante com tudo o que aconteceu e está a acontecer comigo, pelo que só posso dizer: "Como poderíamos ter vivido e respirado sem o conhecimento constante da presença de Deus? Agora, a vida antiga já passou, como Cristo predisse, mas nunca compreendemos verdadeiramente o seu significado: 'Eis que faço novas todas as coisas...'"

Esta carta é da minha filha Patricia,

que veio em espírito ao Serviço Memorial de um Mestre de Caça à Raposa que não tinha pensado muito sobre o que aconteceria depois. Ele partiu subitamente com um ataque cardíaco.

Chamaste-me ontem para encontrar o B.S. Fiquei orgulhosa por me pedires para receber aquela figura tão imponente. Lembro-me dele nas provas Point-to-Point e no Baile da Caça. Uma vez visto, nunca esquecido.

Fiquei encantada por poder aproximar-me dele e dizer: «Sou a mais velha das filhas Sandys, mandaram-me para te dar as boas-vindas.» Ele olhou para mim como se eu fosse completamente doida, e depois disse muito devagar: «Uma das raparigas Sandys de Himbleton? Lembro-me de ti e da tua irmã — mas o que diabo estás a fazer aqui?»

«Bem, não estou exatamente na Terra, é precisamente esse o ponto», respondi. Mas isso não lhe fez sentido.

Ele estava a assistir à cerimónia e ao serviço. De repente, ouviu o seu nome ser mencionado. Como se eu não estivesse mesmo ali — nunca recebeu qualquer aviso para comparecer a este serviço. Ouvi-o murmurar: «Sempre fui quando me pediram: toda a gente parece muito deprimida. O que se passa?»

Eu estava bastante perto dele e sussurrei: «Acho que vais perceber em breve.»

«Mas, santo Deus, porque não hei de perceber já? E porque estamos nós de pé no corredor? É melhor ires procurar a tua família, e eu avanço por aqui.»

Assim fez, surpreendendo-se ao perceber que ninguém lhe dava passagem nem lhe prestava atenção. Parecia tão preocupado que me aproximei e sussurrei: «Não percebes? É o teu Serviço, todo planeado para ti. Sabias que não faltava muito para vires ter connosco, e agora aconteceu, e estão todos a desejar-te boa viagem.»

Ele aceitou aquilo com toda a simplicidade e, com a voz mais prática, virou-se para mim e disse: «Estou morto...? Parece uma coisa estranha de perguntar a uma rapariga, mas pareces saber do que se trata.»

Então eu concordei e insisti para que ele fosse comigo até ao altar, bem perto do Bispo. Quando foi dada a Bênção, invocou-se tal corrente de poder espiritual que escapámos diretamente pelo teto para outro plano de existência.

Que mente brilhante ele tem. Estou a deixá-lo agora com um grupo enorme de velhos amigos e parentes. Algumas pessoas que tinham sido mortas na Primeira Guerra Mundial. Um deles é muito próximo, será irmão? Ele ficou encantado por os ver e agora sente-se muito sonolento, desligado de qualquer sensação de perda familiar. Provavelmente vai dormir durante algum tempo, por isso deixei-o.

* * *

Esta carta é de uma mulher muito inteligente que morreu repentinamente de insuficiência cardíaca.

Estou espantada com tudo o que me aconteceu. Nem sei por onde começar. Quero que saiba que a Patrícia tem sido o ponto crucial do meu novo entendimento. Ela é tão calma e está tão inalterada, que eu simplesmente não conseguia acreditar que fosse ela, e que tanto ela quanto eu tenhamos passado pela morte, mais parecendo a cada qual estarmos bastante inalteradas!

Você não faz ideia da ajuda que ela foi para mim, com a sua sagacidade veloz e explicações claras. Se eu pudesse partilhar tudo isso com o H. Acha que seria possível? Patrícia diz-me que estas separações são para que possamos aprender a desenvolver os nossos poderes percetivos sem o uso da forma ou do som. É tudo fascinante de tão interessante e cheio de possibilidades. Eu não tinha ideia de que dever andar a vagar pela casa e pelo jardim com o braço preso ao H. Parece-me bastante inalterado. Posso dizer-lhe como tudo aconteceu?

O meu coração cedeu, e foi isso. Caí num coma e acordei e vi-me numa luz curiosa. Não era luz solar, luar nem luz elétrica, era diferente de qualquer luz que eu já tinha visto. Tentei dormir de novo, mas a luz era bastante perturbadora e a isso foram acrescentadas vozes, que riam e falavam. Eu preferia que elas parassem. Afinal, eu estava doente e eles talvez se lembrassem e me deixassem sossegada. Mas as vozes

aproximaram-se e, finalmente, eu não aguentei mais. Levantei-me, mas em vez de me sentir cansada e doente, estava perfeitamente bem.

Naquele momento, alguém me acenou e disse: "É lindo vê-la finalmente acordada." Eu senti-me bastante irritada por não ter sido autorizada a dormir. Outras pessoas vieram de ambos os lados. Reconheci algumas delas, e estava a ponto de dizer isso, quando elas desapareceram, e outra pessoa tomou o seu lugar. Então, de repente, vi a Pat e senti que deveria fazer com que ficasse. Eu disse: "Fique comigo, não me sinto muito bem." Ela sentou-se imediatamente e explicou o motivo por que eu estava a sentir-me tão confusa e insegura. Foi uma sensação horrível. Cheguei a este plano sem fazer ideia do que deveria encontrar. Era tudo meio luz e meio sombra. A Patrícia era uma especialista em explicações, e logo fomos acometidas por ataques de riso. Eu não posso dizer o quão divertido ela fez parecer.

Então, um membro da minha própria família, que eu tinha mais ou menos reconhecido, voltou e de repente percebi o facto de que eu tinha morrido e deixado o H. para sempre. 'Não, nunca para sempre,' disse a Pat, e se você quiser, vamos direto para sua casa agora!

A própria ideia deixou-me apavorada. O que deveria encontrar? Seria tolerável ver H. e as crianças? A Pat foi muito prática. Ela disse: 'Acho melhor você acostumar-se à ideia primeiro e limpar a sua mente de todo essa coisa da "morte." Eu ansiava por explicar como seria difícil para H. encará-lo a esta luz, quando Pat, parecendo ler os pensamentos, respondeu. "Se ele não conseguir estabelecer um contato mental, terá perdido a oportunidade, que é um dos principais objetivos da vida física."

Aquilo era tão completamente novo para mim que eu tive que ir e pensar e orar sobre aquilo. Eu perguntei a Pat sobre a oração, e ela disse: 'Oh é maravilhoso aqui, tente apenas.' – por isso rezamos juntas. Como eu gostaria de ter o poder de escrever e descrever a maravilhosa libertação que sucedeu. Deus parecia estar no toque e na respiração. Fui envolvida pela Presença – foi além das palavras. Senti que me tornara imediatamente parte do Todo Divino. Eu parecia ser uma pessoa distinta (separada) e senti de repente como se tivesse sido encaixada no meu lugar, como uma peça em um quebra-cabeças. Se é isto que a morte significa – e se morrermos para levarmos este êxtase para a vida daqueles que deixamos para trás – só posso dizer como estou grata por me terem permitido passar tão facilmente, e aprender isto sem mais perda de tempo.

[Recebido da mesma escritora um ano depois.]

A Pat mostrou-me como me mexer,' como ela diz. Acho que muita gente vem para aqui bastante despreparada, e muitas vezes fica completamente destroçada pelo choque de descobrir que está morta. Elas sempre evitaram discutir ou mesmo pensar nisso e enganam-se com o facto de os parentes serem incapazes de as ver ou ouvir, enquanto elas próprias são plenamente capazes de ver a dor daqueles que ficaram para trás. Nesse estado, muitas vezes recusam toda a nossa ajuda e, quando se habituam a

esta vida invisível, acomodam-se para aguardar num conforto relativo. Quando os seus parentes se juntam a elas, elas ou continuam à espera de outra pessoa, ou começam a interrogar-se o que haverá mais. E não tendo feito nada deste lado, construíram uma espécie de "muro de espera" que cresce automaticamente entre eles e a fase seguinte da vida.

Eu tentei acordar alguns dos meus velhos amigos e, com a ajuda da Pat, tirei alguns deles dessas rotinas. Parece-me extremamente importante que evoluamos, e a Pat e eu estamos ambos a fazê-lo, para que, quando os nossos amados se juntarem a nós, possamos ajudá-los.

* * *

Esta carta é de um médico do interior, de clínica geral

Posso escrever? Eu fui médico na terra, e eu conheci todos vocês intimamente, o meu nome é Sykes. Eu gostava muito de todos vocês, mas não tinha nenhuma utilidade a dar à religião nem à cura pela fé, nem a nenhuma dessas emoções sentimentais. A dor era real demais para ser tratada assim. Eu sofri e cheguei num estado de espírito bastante desgastado. Parecia haver tanto sofrimento inútil e infelicidade, e parecia ser tudo sem pés nem cabeça. Depois acordei num hospital. Eu tinha morrido em casa e não conseguia pensar em como tinha chegado lá. Mas era um lugar maravilhoso. Fiquei instantaneamente tão excitada com o que vi e senti que não fazia ideia de que estava a olhar para o tratamento etérico.

Um médico veio até mim e perguntou como me estava a sentir e acrescentou: "Teremos todo o gosto em lhe ensinar tudo o que sabemos. Bem, eu não estava a perguntar nada, exceto no meu próprio pensamento, mas ele estava a responder ao meu pensamento não expressado. Dei por mim a pensar se me poderiam medir a tensão arterial, e ele respondeu imediatamente. "

'Sim, se quiser, mas não precisamos aqui, porque o sangue circula de forma diferente.' O que queria ele dizer...? Ele sentou-se a meu lado e, do nada, apareceu um diagrama a mostrar os órgãos e artérias do meu novo corpo. É nisso que você tem que trabalhar agora," explicou. Pensei que devia estar a enlouquecer. Aqui estava um diagrama de um corpo, semelhante na forma ao que eu conhecia, mas com dutos de alimentação, órgãos digestivos e assim por diante, de um tipo muito mais simples.

Notei que todos os pontos de pressão do corpo estavam marcados com "entrada de luz," "entrada de cor," "entrada de calor," e assim por diante. Os órgãos digestivos pareciam estar num sistema rotativo. Parecia um grande volante que atraía de todos os lados os raios brancos e coloridos, transformando-os em energia e vida como estou a experimentar agora. Após alguns momentos, ele sentiu que eu não aguentava mais. O diagrama desapareceu e eu adormeci -- a pensar e a pensar.

Aquilo de que me lembro a seguir foi de ouvir música, música profunda e adorável como um órgão de igreja. Eu senti como se estivesse a ganhar força e peso em mim. Se

antes me sentira tonto, agora já tinha passado. Eu estava a ser nutrido, essa era a sensação, definitivamente nutrido pela música, e quando me senti repleto adormeci de novo...

Posso voltar a escrever mais num outro momento?

* * *

Sim, gostaria de continuar. Eu disse-lhe que vim para cá sem nenhuma compreensão ou crença na vida espiritual. Não neguei que existisse, mas era tão dissociada da vida comum que era inteiramente incontactável para o homem e a mulher comuns. Agora descobria que era eu e outros como eu, que estávamos a desviar os raios curativos do alcance com a terra. Claro que me sinto profundamente constrangido, e tenho-me esforçado e cuidado de aprender a maneira de os passar para os vossos corpos.

Conheço-vos muito bem nos dois lados do véu da vida, e também sei que muitas vezes pedem ajuda aos outros, de modo que gostaria de trabalhar através de si e do seu marido, se me deixarem? Vejam-me como o médico que conheceram e expliquem-me o problema por pensamento, e peçam que o poder que nos rodeia e interpenetra a todos seja concentrado para uma maior saúde daqueles que querem curar.

Gostaria de prosseguir e falar sobre as experiências por que passei ao chegar aqui pela primeira vez. Eu falei-lhe sobre o diagrama do corpo etérico, e como eu absorvi tudo o que pude, e então adormeci. Ao acordar, encontrei o mesmo homem a meu lado. Perguntou-me imediatamente se eu gostaria de ir ao teatro de operações. Eu disse que sim, mas que precisava vestir-me primeiro. Então percebi como tudo era estranho. No momento em que levantei da cama estava vestido! e a sentir-me bem, descansado e ansioso para aprender qualquer coisa.

Ele pegou-me pelo braço para me estabilizar enquanto o chão parecia subir e descer e eu não tinha poder de equilíbrio no meu novo corpo. Pairamos através da parede para meu grande espanto, e encontramo-nos num jardim com um lago cercado por enormes árvores. Quando chegamos à beira do lago, ele fez como se quisesse empurrar-me, mas eu descobri que estava a deslizar acima do lago sem tocar na água, e com receio de que o feitiço se quebrasse, e eu caísse e mergulhasse a qualquer momento, decidi-me a aceitar tudo como bastante natural, e tentei pensar no lago como não sendo um lago aquático, e logo tive muitas outras coisas em que pensar.

No centro, irradiando para fora, por todos os lados, havia belos raios coloridos, a piscar cores tão brilhantes que, quando chegamos ao centro, eu estava a sentir-me terrivelmente tonto. O médico sentindo o meu desconforto disse imediatamente: Olhe para baixo, o que eu fiz, para um azul de tal calma curativa que a vertigem me deixou imediatamente.

A seguir ele disse: "Olhe para cima, e uma vez mais encontrei esse estranho azul mesmérico, e senti-me ensanduichado entre esses dois cintos de azul com os raios brilhantes a piscar ao meu redor. Eu tinha perdido de vista o lago e as árvores enquanto

tal, mas agora via que as pessoas estavam a ir e a vir entre nós, a trazer outras consigo que pareciam estar a dormir ou inconscientes.

Muita dessa gente tinha corpos retorcidos e mutilados. Vi os ajudantes deitá-los em posição horizontal sobre um raio, usando-o como se fosse uma mesa, endireitar os membros de forma bastante simples, depois focar outro raio sobre eles e, em seguida, e ainda em estado de sono afastá-los da nossa vista. Eu sentia-me ofegante com tantas perguntas, e o meu amigo médico não precisava de mais nenhuma palavra vocal, mas começou imediatamente a explicar.

Aqueles eram na sua maioria os corpos etéricos de pessoas que tinham sofrido de poliomielite, ou que tinham ficado deficientes ou paralisadas de alguma forma. Todos eles tinham que ser tratados antes de acordar e era tudo muito simples. Ele explicou que não havia nenhuma doença do corpo etérico, eles só ficavam amassados como um vestido que está sempre a ser usado torto. Tinham de ser endireitados e reforçados, e isso era tudo.

Perguntei o que aconteceria se fizéssemos isso na Terra. Ele disse:

"Tudo depende do paciente. Aqui ninguém os impede ou contraria mentalmente, enquanto no plano físico eles estão sempre à procura de uma explicação física, mas se a mente humana pudesse aceitar a cura simples, ela seria curada."

Assim, o meu primeiro tratamento é, endireitar o seu corpo quando você vai para a cama para que a força possa fluir para cima e para baixo sem obstáculos.

* * *

Muito obrigado, gostaria de continuar. É a coisa mais extraordinária, mas eu sinto-me muito melhor, mais eu próprio, menos vago e muito mais composto depois de ter escrito através de si. Parece deixar a minha mente focada, e dar-me uma sensação daquela existência que nem pedra, que levava no plano físico.

Vejo agora que vivi uma vida muito tacanha, com poucas ideias novas, e é coisa difícil romper os hábitos de setenta anos peculiares. Mas temos de o fazer. Ninguém nos faz, mas temos de nos tornar elásticos na mente e no corpo. Devo dizer-lhe que me senti muito incómodo quando começámos a escrever. Era tão novo para mim. Mas eu já sinto que você está a forçar-me, a dar-me um incentivo para trabalhar através de si no plano físico onde o meu coração e mente ainda estão ativos.

Eu não fazia ideia de que isso fosse possível, nem era a este ponto no meu tempo, mas agora há muitos, muitos médicos aqui que estão prontos e ansiosos para trabalhar através de si.

Eu estava faminto de oportunidades, nunca conheci os grandes homens da minha época e ansiava por estar informado. Agora sinto que estou bem ali, e é mais inebriante; é por isso que eu disse que escrever consigo me leva a perceber novamente

a constrição da vida terrena e o sentimento de incapacidade de curar, que tantas vezes foi a minha sorte. Agora não vejo razão para que qualquer cura falhe.

Quando você nos envia a qualquer pessoa que precise de cura, tente fazê-lo durante as horas em que normalmente estaria a dormir, porque então temos o ego fora de ação por assim dizer, com a embraiagem a funcionar livremente. Esse período de sono é mais vital. O sono corrige toda a configuração da máquina mental. Então, quando você se prepara para dormir, você não pode acatar muitos problemas, seja para si mesma ou para o seu paciente. A deriva silenciosa para o sono é o momento vital.

Esta carta é sobre uma mulher que morreu subitamente em consequência de um acidente de viação

Patricia escreve:

Você pediu-me para procurar a Sra. W. Eu mal a conheço, mas ela veio muito de repente e foi um choque terrível. Ela nunca tinha pensado muito sobre isso. Ela não conseguia perceber onde estava, e não parava de perguntar pelos cães, pelos netos e pelo marido, e de dizer como ficaria contente em ver o Richard... Eu estava um pouco desanimada, mas prometi fazer o que pudesse e procurei acalmá-la. Passados alguns minutos, ela bocejou e disse:

"Ah meu Deus, tive uma noite tão ruim no hospital que realmente preciso dormir. Por que disseram que eu estava feita em pedaços? Eu não estou. Eu senti-me terrível, mas isso agora passou."

E assim a deixei a dormir.

[Continuação; alguns dias depois.]

A W. está a dar-se muito bem. Ela estava acordada quando voltei e ouvi-a rir e dizer:

"Você não me poderá arranjar alguns cigarros neste lugar?"

Ela realmente não sabe ainda, pois não está devidamente desperta, mas a cada passo ela está a ficar mais bonita, vital e jovem. Nunca vi ninguém mudar tão rapidamente. Acho que ela deve ter estado imobilizada de alguma forma na terra.

É adorável ter mais pessoas de Worcestershire, mesmo que eu não a tenha conhecido. Ela conhecia-te e, quando lhe mencionei o meu nome, lembrou-se imediatamente e disse:

"Ah, os Sandyses, pois, é claro. Há muito tempo que não os vejo, estão aqui?"

Eu disse que não propriamente, mas que eu muitas vezes te via.

"Mas o que está a fazer?" perguntou ela a seguir. Respondi que trabalhava num hospital e fazia muita botânica. Eu disse isso com naturalidade, esquecendo que eles eram grandes jardineiros. Mas W. agarrou imediatamente a oportunidade.

"O que é que faz? Fale-me sobre isso."

Então, olhando para cima, ela disse.

"O que são aquelas flores ali?"

"Papoilas." Disse-lhe eu: "Vou buscar-lhe algumas."

Então eu levei-lhe uma mão cheia e ela reagiu imediatamente: foi como colocar duas gotas de mercúrio juntas. W. tomou-mas das mãos e disse:

"Ah. estas são maravilhosas, mas são rosas."

"Não." Persisti. Apenas papoilas perfumadas, e elas logo farão com que se sinta sonolenta."

Sim, já o fizeram. Preciso dormir agora, mas volte e fale comigo sobre flores. Eu adoro-as. Não consigo viver sem elas... e depois adormeceu.

Esta carta é de um clérigo da Igreja da Irlanda de um distrito remoto da Irlanda Ocidental.

Acordei depois do sono da morte, não num jardim como muitos outros, mas na igreja de Bunbeg durante a celebração. Eu estava em frente ao altar. No início, pensei que devia ter desfalecido e tentei recuperar o meu lugar no serviço. Então, descobri que um estranho estava a celebrar o serviço religioso, e ninguém parecia notar a minha presença, pelo que permaneci onde estava. Realizou-se a consagração e o sacerdote tomou o pão e o vinho, e nesse preciso momento desapareceu o extremo leste da igreja...

Era como se todas as pedras e argamassa não passassem de uma cortina que havia sido retirada em um momento, e em seu lugar uma luz rica abrira caminho para a igreja. Parecia que ia queimar o altar: envolvia o sacerdote numa coluna de fogo, que rodeava cada um dos comungantes à vez: e eles voltavam para os seus bancos com o cheiro e o brilho da chama de Deus sobre eles.

Fiquei tão deslumbrado e estupefato que não sei exatamente o que fiz, ou se a chama chegou perto de mim, mas de repente a luz desvaneceu-se e a parede da igreja fechou-se de novo, e as pessoas saíram. Virei-me para o padre cheio de interrogações, mas é claro que ele não me podia ver nem ouvir, e eu fiquei a pensar como ele era tão rude, quando um padre mais velho desceu do santuário, que eu não tinha notado lá antes, e perguntou se me poderia explicar alguma coisa.

Eu ofegei e comecei a desfiar um rosário de perguntas, às quais ele deu as respostas mais maravilhosas. O velho padre disse: 'Venha ver um pouco mais, e antes que eu soubesse o que tinha acontecido, estávamos a andar pelo ar rumo às Ilhas. Ele pegou-me pela mão com força, ou eu deveria ter caído. Em alguns momentos, estávamos na pequena igreja em Carrickfinn. Eu adorei, e passei muito tempo em oração dentro das suas paredes.

Quando entramos, vi um brilho, um brilho praticamente ardente ao redor do altar. Percebendo a minha surpresa, o padre parou e apontou para ele, e disse.

"Isso é o resultado da sua oração, Williams."

'Mas,' disse eu, 'como é possível ver os resultados?'

"Porque, agora, você está a olhar para as causas e resultados."

Eu não consegui imaginar o que ele queria dizer, estaria eu a sonhar? Não, eu estava acordado e a andar com as minhas roupas habituais. Mas, a ideia surgiu-me de repente.

"Você está fora deste para sempre. Agora você verá apenas o resultado dos seus pensamentos e atos."

Fiquei desnorteado. Eu estava em transe? — "Não" — disse o padre olhando diretamente para mim.

"Você serviu o seu tempo na terra e agora você é um ministro de Cristo no plano seguinte."

Você não consegue imaginar o que aquilo significou para mim. Eu simplesmente não conseguia acreditar. Eu estava doente e com algumas dores, mas chegar tão facilmente, e continuar o meu trabalho no mesmo lugar era inacreditável.

Foi-me dito para lhes contar tudo isto, porque nos momentos de desilusão ou cansaço estais aptos a sentir que o fracasso terreno e o celestial sejam a mesma coisa; mas o motivo e o desejo, por mais rebelde que sejam, alcançam Deus, o Pai misericordioso e compreensivo. Foi o que aconteceu comigo, um seguidor bastante débil de Cristo.

Esta carta foi escrita por uma jovem, uma escritora muito talentosa, que faleceu após uma longa e dolorosa doença.

Você tem pensado em mim tantas vezes ultimamente que eu consegui chegar bem perto, e agora eu posso escrever através de si! Quão divertido. Eu adoraria enviar mensagens para casa, mas ninguém está preparado para as receber. Eu deveria perturbar deixar a minha família muito perturbada, se começasse a fazer algo tão imprudente. Mas gostaria que uma velha amiga tivesse notícias minhas. Ela sempre soube que as palavras gozavam de imortalidade, pelo que eu posso alcançá-la através de mundos de palavras.

Como costumávamos isolar-nos do mundo e desfrutar apenas da palavra impressa. Eu continuo com as minhas palavras, mas elas agora são um tipo diferente e escorrem-me mais suavemente do cérebro fervilhante do que alguma vez da minha caneta. Diga-lhe – ah diga-lhe que eu sou livre. O pensamento leva-me numa extensão cada vez mais além do alcance. Não brincamos às escondidinhas com os nossos pensamentos por aqui, mas os cavalgámo-los como se fossem cavalos com crinas soltas. Tudo é alcançável –

precisamos trabalhar pelo sucesso, mas não há frustração. Posso falar-lhe sobre a minha vida?

Eu vim infeliz, não como os velhos que morrem facilmente, e caem como sementes maduras amadurecidas e prontas no solo da vida espiritual. Eu vim através do vale escuro -- mas ah, nada em todas as minhas vidas pode chegar à beleza do despertar... Na infelicidade perdi-me na inconsciência, mas acordei para uma glória que excede a do sol da manhã... Eu tinha esquecido o êxtase, mas ele estava à minha espera com uma plenitude de perceção que rompe com a fantasia e furta à minha caneta a sensação de absorção na própria Divindade. É a única maneira de o descrever.

É o que nos acontece a nós que sofremos: Cristo, na plenitude da sua compaixão divina, abraça-nos e dota-nos de um poder de fusão e de literalmente deixar a nossa consciência individual no esplendor do seu Ser. Envolvemo-nos numa consciência tão amável, tão encantadora, tão profunda, que eu não conheci nenhuma perda de mim, mas tornei-me apenas mais uma parte senciente da consciência de Cristo, e conheci e senti apenas a grandeza do amor, e nesse êxtase avassalador eu fiquei a suspensa entre a vida e a vida, até que as partículas desfeitas do meu sofrimento se juntarem tivessem juntado nesta solução de amor. À medida que o tempo se aproximava de eu me tornar novamente apenas Bárbara. Encontrei-me não menos, mas mais, muito mais do que alguma vez tinha imaginado ser possível.

[Mais tarde]

Eu estava a contar-lhe como acordei e descobri que tinha um corpo ativo leve, sem dor, nada com que me preocupar, era beatitude. Não sei dizer-lhe como me senti. Eu tinha estado confinada na dor e na escuridão, a minha doença tinha me separado de todas as criaturas saudáveis até eu me sentir uma pária. Eu sabia que a hora devia chegar, e quando isso aconteceu foi como despertar de um pesadelo. Durante um tempo fiquei tão feliz por estar viva e bem, que não cheguei a sentir falta de ninguém.

Eu sei que isto soa indelicado, e como se o meu amor tivesse ido com o meu corpo físico, mas não foi isso. Eu, Bárbara, tinha morrido em espírito há muito tempo, muito antes de eu deixar o meu corpo físico, por isso não foi um choque separar-me de todos eles, mas – posso dizer-lhe – foi uma paz infinita. Não mais me esforcei por conter as minhas lágrimas, nenhum outro planeamento agonizante para os meus filhos e não mais ter que enfrentar a sua deceção quando deixei de desempenhar o meu papel na família. Não, as cartas tinham sido todas jogadas e eu era uma carta fora do baralho, e muito feliz. Valeu a pena tudo para ter aquela sensação maravilhosa, de que eu tinha acabado...

Suponho que deslizei da consciência para a inconsciência e vice-versa, lembro-me de achar que era como um perfeito dia de verão no país mais glorioso. Eu podia ver um lago e algumas montanhas, e eu senti claramente estar deitada na urze. Estava sozinha. Sempre adorei estar sozinha e, ultimamente, tornara-se uma obsessão. Eu não tinha necessidade de agir. Eu estava sozinha.

Devo ter adormecido de vez em quando, e quando dormi e o cansaço deixou os meus ossos lembro-me de estar deitada em completa harmonia e conforto, à espera do que acontecesse a seguir, o que sucedeu na forma de uma voz. Eu não conseguia ver ninguém. Era apenas uma voz a chamar-me pelo nome. Mas o meu nome soava tão bonito que quase não o reconheci. Sentei-me para ouvir com maior facilidade.

A voz parecia vir de todos os lados, e dizia-me para me levantar e caminhar até o lago e tomar banho, e ver como a água me devolveria as forças. Levantei-me sem qualquer esforço, e caminhamos, a voz e eu, em direção ao lago. Quando lá cheguei, parecia natural pular de uma rocha suspensa e, no momento em que toquei na água, soube que estava a experimentar a vida real pela primeira vez. Estas eram as águas de Estige onde se aprende e se esquece.

*****(Rio mítico do esquecimento.)

Descobri o êxtase naquele lago. O poder do movimento e o senso de força dentro de mim estavam além de tudo quanto eu pudesse imaginar. Quanto tempo a voz e eu ficamos na água eu não faço ideia. Podem ter sido horas ou dias.

Descobri que podia mergulhar a profundidades imensas, deitar-me na superfície e repousar sem qualquer esforço especial, e a voz esteve comigo o tempo todo, a falar-me, a apoiar-me e a instar-me a fazer mais e a empreender novos esforços, a olhar em volta e a ver o país e, finalmente, a escutar. Deitei-me e escutei. No início, não ouvi nada além do bater da água, depois uma pequena cadeia de ruídos brotou. Cresceu até eu puder definir notas, e então, gradualmente, irrompeu toda a orquestra do Céu– e eu simplesmente fiquei deitada a escutar.

Cartas diversas de comunicadores, que seleccionámos pela sua variedade e, esperamos, pelo seu interesse excepcional.

Quatro cartas de Arthur, Lord Sandys (marido de Cynthia)

O ANJO

Queres saber mais sobre os anjos. Isto é um chamamento distante, mesmo para nós. Tenho muito interesse por anjos e, nas ocasiões relativamente raras em que os vi, fiquei fascinado com a sua graça e beleza.

Eles não penetram a atmosfera etérica inferior, exceto no Natal e, penso eu, até certo ponto na Páscoa. Mas o Natal é a festa da Terra – a Páscoa, a do Céu.

Na véspera de Natal, os anjos podem ser vistos quase por toda parte nos lugares sagrados – na Abadia de Westminster, em São Paulo, em Glastonbury, e por aí fora. O meu primeiro encontro foi na Abadia de Westminster, depois de visitar a Capela da Batalha da Grã-Bretanha: havia um anjo belíssimo a guardar a porta. Tentei comunicar com o seu espírito elevado, mas as vibrações comuns não registavam. Ele, ou ela,

estava em profunda meditação, por isso fui-me embora, atento à possibilidade de uma mudança nas forças do seu pensamento; mas aquilo continuava, e a quietude da sua figura parecia como se tivesse sido esculpida em pedra.

Voltei e tentei perceber as vibrações, mas eram completamente diferentes das nossas; mais longas, mais lentas, completamente fora do tempo tal como o conhecemos. Esperei e, após um longo intervalo, ele suspirou e moveu-se, viu-me, sorriu e depois disse: «Homem da Terra, tu não és homem do ar.» «Não», confessei. «Sou apenas um soldado terrestre.» Ele suspirou novamente, dizendo: «Estou mais próximo dos homens do ar, mas também estive nos campos de Flandres, e é daí que vens, vejo agora.» Fiquei muito surpreendido, o tempo afastou-me tanto desses dias; não esperava que as hostes angélicas sentissem hoje a lama de Flandres nas minhas botas.

Mas estava enganado. Ele estremeceu e continuou: «Todo este tempo, e ainda levas horror na tua aura.» Perguntei: «Como posso libertar-me destas experiências?» O anjo aproximou-se bastante de mim, e senti-me no centro de um vento poderoso e impetuoso. Quando passou, o anjo tinha desaparecido, mas o suspiro que apanhei no vento dizia: «Agora estás livre.»

Isto fez-me perceber que tinha guardado as vibrações de França e Flandres, acarinhando-as e mantendo-as demasiado próximas, impedindo o meu próprio avanço. Agora posso mover-me e pensar muito mais rapidamente por consequência; e sei que tudo se deve ao anjo.

OS FAZEDORES DA NOITE

Estou tão grato por continuares com o regime de oração conjunta à mesma hora. Faz-me muito bem ter uma rotina. Isso é algo que todos nós sentimos falta deste lado, onde não há rotina natural de noite e dia para marcar o ritmo, nem horas de refeição, nem estações para definir o modo de vida ou alterar o interminável esplendor e beleza da perfeição intemporal. Muitas pessoas acham isto muito incómodo: algumas ansiavam tão intensamente por voltar a ter noite e dia que formaram um pequeno grupo chamado "Fazedores da Noite".

Encontram-se e induzem escuridão, relaxamento e sono. Tudo começou de um desejo de fazer uma pausa entre o "fazer" e o "ser", e agora cresceu para algo místico. Eles "vêem" a noite como nós víamos antigamente em tempo limpo, com a lua e as estrelas, e tornam-se conscientes da influência subjetiva da luz refletida. "Tocados pela lua", costumávamos dizer.

Mas aqui é algo bastante tangível. Os "Apanhadores de Raios da Lua" têm uma abordagem curiosamente diferente, e eu, por mim, estou a estudar isto com muito cuidado. São todos trabalhadores da Terra muito dedicados, por isso sincronizam as suas noites com as vossas, a fim de terem mais poder e ajuda durante o sono. São

utilizados pelos curadores e artistas, e pela maioria dos grupos de trabalhadores inspiracionais.

A Pat deixou-me encontrá-los sozinho, e aconteceu assim:

Eu estava sentado no jardim do pensamento, a tentar espaçar a minha vida, o que é difícil no início, quando a intemporalidade deixa passar as semanas enquanto estamos apenas a refletir sobre um tema – interrompido de vez em quando pelos teus constantes chamamentos – que ao princípio marcavam os meus dias; e embora te parecessem vir num padrão errático, para mim pareciam fixos e regulares. A tua necessidade de mim surgia sempre que a substância do nosso último contacto próximo se esgotava; isso criava uma rotina para eu trabalhar. Mas não era suficiente, e percebi que estava completamente desalinhado com os tempos e as estações na Terra; e se queria ser realmente útil, teria de me alinhar mais claramente.

Estava a pensar nisto, quando um homem que eu conhecera nos Engenheiros se aproximou e perguntou se eu sabia dos Fazedores da Noite. Eu disse: «Não, quem são?» e ele explicou, tendo percebido a linha dos meus pensamentos, que se eu precisava de rotina e de um "relógio" na minha vida, devia juntar-me a eles. Então levou-me a uma dessas áreas de noite. Foi extremamente emocionante.

Gradualmente o sol desapareceu, e o crepúsculo, e depois caiu a escuridão, enquanto entrávamos num bosque de ciprestes. As estrelas estavam mais brilhantes do que eu alguma vez as tinha visto; e a lua, embora não iluminasse como em San Miniato, iluminava este jardim de beleza e quietude. Foi uma sensação inteiramente nova de paz.

Esta luz noturna, que estava a ser produzida artificialmente, destinava-se especialmente à cura e inspiração durante o sono. Observei e escutei, e gradualmente percebi como usá-la.

O meu amigo Engenheiro Real absorveu as vibrações de imediato e partiu na sua linha privada, deixando-me parado no jardim de ciprestes inundado de luar. As pessoas iam e vinham: muitos eram trazidos nos seus corpos de sono para saúde e revigoramento; outros guardavam as linhas de retorno contra a entrada de espíritos menos evoluídos.

Isto soa seletivo, e claro que é. Só se pode trabalhar ao nível da própria vibração. Mas muitos que chegam aqui com ressentimento contra interesses instalados, ou sentimentos de classe, estão constantemente a tentar empurrar-se para dentro das esferas mais próximas da Terra, que foram criadas especialmente para ajudar todos vós que ainda estais no corpo.

Andei a vaguear pelas defesas; segundo o meu treino militar, elas eram inexistentes; mas depressa descobri que não era bem assim.

Massas e massas de minúsculos fios de força tinham sido tecidas, como uma teia de aranha, por toda a área, e qualquer pessoa a vibrar num nível puramente egoísta, com o desejo de forçar a entrada, era imediatamente detetada no gabinete central. Então, em

vez de um recuso ríspido à entrada, como eu teria dado em serviço, alguém era enviado imediatamente para ajudar o intruso. Estavam a tratar disso quando eu cheguei, e perguntei se podia juntar-me ao grupo de defesa e observar como faziam.

Comecei com os meus novos amigos, e depressa encontrámos o intruso, um homem grande, um verdadeiro valentão, na zona crepuscular, e a cena desenrolou-se assim:

O guarda saudou o recém-chegado com: «Olá, estás à procura da escuridão, depois de toda a monotonia da Terra?»

«Não», foi a resposta. «Mas quero ir a todo o lado, e disseram-me que esta era uma área fechada. Afastei-me de tudo isso, e quero ir a sítios. Qual é a vossa resposta?»

«Vem ver por ti mesmo.»

Isto deixou-me espantado. Depois, sem que o intruso visse, foi tecido na sua aura um envelope de "não ver", e nós voltámos para o jardim. Gradualmente, a escuridão clara da lua substituiu o crepúsculo e a plena beleza do jardim surgiu à vista. Mas o intruso só via escuridão no interior, e um medo profundo penetrou-lhe na aura. Ele perdeu-se nela. Estendeu uma mão em busca de orientação e, encontrando a do guarda, disse: «Não há nenhuma luz?»

«Bem, não. Essa é a ideia, não gostas?»

«Não, levem-me de volta imediatamente para o sol.» E assim fizemos, deixando-o um homem mais sábio, e talvez mais humilde.

Fiquei contente por poder preencher os meus dias desta maneira. Quando se chega aqui com força para atravessar o dia interminável, o elemento do tempo desaparece, flui sem parar, como um tapete em movimento. Pode parecer-te que já passaram séculos desde que deixei o corpo, mas para mim parece que foi ontem, apesar de toda a novidade e entusiasmo desta vida. Aqueles que estudaram meditação provocaram este período de noite de que te falava. Descobriram que, ao produzir noite, ganhavam uma visão interior e outro tipo de poder que só podia acumular-se através do uso de uma luz invisível, algo que chamavam o sol interior.

Era isso que eu procurava e, depois de ver a capacidade do principiante para sentir a luz do sol, como te contei na minha última carta, deixei de questionar a estranha sensação que surgia em mim. Havia uma sensação de formigueiro. Uma estranha carga elétrica parecia difundir-se à minha volta. Disseram-me: «É isto que deves agora usar para aumentar a profundidade e a cor da tua aura, e a força da sua penetração.» Fiquei encantado e pus-me a tentar respirar essa força intangível para dentro de mim.

Ao princípio, não consegui fazer nada com ela; depois, de repente, apoderou-se de mim e senti-me como um balão que costumavas encher para as crianças. Primeiro, a sensação foi estimulante, mas depressa tornou-se tensa, e senti como se a minha aura estivesse a rachar em todos os poros. Tentei largar e escapar, mas não consegui. «O

que acontece agora?», perguntei. «Continua, não te preocupes com a sensação de expansão, isso é ilimitado. Ainda tens todas essas ideias de limitação.

Deita fora a sensação de rebentar e continua...»

Muito bem, mas a sensação de rebentar era tão forte que chamei a Pat para vir ajudar-me. Ela veio, e como se riu! Eu tinha-me lançado sozinho, e como sempre, metido em sarilhos, como ela dizia! Exatamente como ela desligou as "torneiras" e me trouxe de volta à luz do dia já não me lembro. A próxima coisa que soube foi que estávamos sentados na relva a rir-nos disso, e ela dizia-me que eu tinha ido demasiado longe e demasiado depressa, como sempre. «És demasiado precoce, Pa», foi o principal comentário dela.

Esta minha vida noturna está agora a tornar-se uma das minhas fontes de poder. Se me achaste distante ou difícil de contactar, como ontem, é porque ainda não cresci ao tamanho da minha aura. Exatamente o contrário de ser grande demais para as botas!

A Pat está sempre a lembrar-me que aqui não há um minuto aborrecido, e cada vez descubro mais que isso é verdade à medida que me aventuro sozinho. Em breve voltarei ao Ferguson, o meu velho amigo dos Engenheiros Reais, para ver se consigo agitá-lo. (A resposta dele, quando se mencionou que o impulso para continuar é muito forte, foi: «Oh, não te preocupes com isso, se não lhe ligares, acaba por passar!»)

A Pat diz: «Não se deve pressionar as pessoas a desenvolverem-se se não têm vontade. Isso significa que os laços com a Terra ainda são demasiado fortes, e é melhor descansarem e relaxarem ao sol; e quando tiverem esgotado esse prazer, ou avançarão naturalmente ou voltarão à Terra noutro corpo.»

SHAKESPEARE

Vou falar do nosso mundo, não do vosso. Precisam de pensar mais, rezar mais e sentir mais claramente o efeito dos nossos raios e influências.

Primeiro vou falar-te de Shakespeare. Já se passaram quatro séculos desde o seu nascimento, e tantas pessoas estão a pensar nele, que ele voltou ao meu plano, e todos nós vimos, ouvimos e desfrutámos das ondas de riso, da diversão desenfreada e da calma filosofia incisiva que o acompanham por todo o lado. Como personalidade, ele é cheio de calor e espírito, completamente senhor do seu ego, um príncipe entre os homens. Como me faz rir! – muito mais do que alguma vez antes, porque agora consigo perceber o enorme prazer que os elisabetanos tinham em piadas simples. Fico impressionado com a tremenda quantidade de bem que os comediantes fazem. Relaxam toda a estrutura da mente tensa e dão-nos uma nota comum de riso.

O meu primeiro encontro com Shakespeare foi precisamente quando ele estava a ouvir o "chamamento" que se lançou para o seu aniversário em Stratford. Vi-o a tentar lembrar-se de quanto, ou quão pouco, Stratford significava para ele. Aproximando-me,

perguntei-lhe se continuava a escrever peças no etérico, ou se podia influenciar os atores da Terra a ver as coisas como ele as via.

Ele olhou para mim durante alguns momentos e depois disse: «Não, não há necessidade. O mundo avançou, mas as coisas que escrevi não estão presas a uma época. Fico tão contente que a natureza humana não mude realmente. Continua a ser desonesta e preguiçosa, honrada e exaltada; todas as coisas que são tão divertidas de retratar. Ainda agora, a Inglaterra que eu amava continua assente num mar de prata. Cresceu, mas os essenciais permanecem inalterados. Os soldados ainda resmungam, as esposas ainda discutem e atacam umas às outras e aos maridos: a humanidade continua cheia de curiosidade e teimosamente obstinada. Sim, em si mesmos são exatamente os mesmos.

Eu poderia viver na Inglaterra moderna e desfrutar tanto dela, talvez mais, por causa destas mudanças novas e excitantes, que para nós não são nem tão novas nem tão excitantes, tendo usado estas faculdades no etérico de forma muito mais ampla; mas agora, vê-las implantadas na Terra dá-lhes um sabor novo. Este "wireless", como lhe chamam, com o qual "veem" nas vossas casas o que se passa noutro lugar – em breve – se soubessem, poderiam, e provavelmente verão, coisas projetadas de outro planeta...

Oh! Eles estão a observar-vos a todos, seus filhos precoces! Um dia, ver-nos-ão projetados no ecrã da visão, e então, como aceitarão esse prodígio da ciência? Tudo cairá dentro do vosso âmbito de ciência-vida e raciocínio, e toda a grandeza será roubada pela pequenez das mentes humanas... Nunca crescerão para corresponder ao universo em que vivemos?»

E então ele virou-se e entrou num dos seus longos silêncios.

Observar a humanidade e continuar a cuidar de todos vós — é isso que torna Shakespeare tão grandioso. Ele ama a humanidade; é uma faculdade semelhante à de Cristo, e por causa disso, ele sofre e renasce com quase todas as representações das suas peças.

Shakespeare nunca pode perder o contacto porque vocês estão constantemente a chamá-lo; e as suas peças nunca podem perder o toque vivo porque ele está continuamente a representá-las através das mentes dos atores e encenadores.

A ILHA DOS CARRASCOS

Quando estiveste no hotel da ilha, eu vi e falei com várias aparições, que estavam extremamente infelizes e horrorizadas. Descobri que tinham sido carrascos e, como as suas vidas eram odiadas por todos os habitantes das vilas, viveram sempre com medo de serem mortos; e depois das suas mortes — que todas parecem ter acabado violentamente — continuaram nesse estado.

Perguntei: «De que é que têm medo?»

«De tudo», foi a resposta. «Exceto de ti, tu trazes uma sensação de calma.»

Bastante satisfeito, continuei: «Nunca saíram desta ilha?»

«Não. Não. Não podemos sair. Se o fizermos, seremos mortos horrivelmente.»

«Mas vocês já estão mortos. Já não podem sofrer dor física.»

Olharam para mim espantados e disseram: «Mas estamos vivos — temos corpos.»

«Sim, eu também tenho», apontei. «Mas estou morto há dezoito meses.»

Olharam para mim boquiabertos; um deles, corajosamente, perguntou se eu os podia ajudar a escapar da ilha.

Disse: «Sim, imediatamente», e, para grande espanto deles, flutuámos para fora pelo teto.
Ouvi um dizer: «Ele deve ter razão, sabes, eu nunca teria conseguido fazer isto antes.» Ao aterrar, eles viram um carro no cais e perguntaram-me o que era aquilo. Percebi que ainda viviam no século XV, por isso expliquei brevemente que era uma espécie de coche motorizado. Ficaram perplexos e perguntaram onde estavam os cavalos, pois viam-no mover-se sem nenhum. Tentei dizer-lhes que já tinham passado vários séculos desde a morte deles, mas recusaram-se francamente a acreditar em uma única palavra, por isso disse: «Bem, vão lá e descubram por vocês próprios.»

Voltando um pouco mais tarde, agarraram-se a mim e disseram que não tinham visto ninguém que conhecessem, que o lugar estava completamente diferente e ninguém lhes falava. Expliquei que estavam invisíveis para os que ainda estavam no corpo, estando agora em corpos espirituais, mas eles não conseguiam aceitar isso e continuavam a voltar aos seus velhos modos de pensar.

De repente, um deles levantou-se e gemeu: «Olhem, olhem, ali está Alexis.» E olhando na mesma direção, vi um homem que poderia ter pertencido ao período deles. Ele veio na nossa direção e, ao reconhecê-los, disse horrorizado: «Vocês! Aqui? Pensei que vos tinha deixado para sempre.»

O meu grupo estava a encolher-se de terror e eu tentava protegê-los. Perguntei ao estranho o que tinha ele contra eles.

«Contra eles? Eles são os carrascos. Eu fui uma das vítimas deles.»

«Não te preocupes», respondi. «Agora eles são as tuas vítimas. Olha para eles.»

E com isso ele riu-se e disse: «Sim. Já passou, na verdade. Foi apenas uma sensação da antiga amargura. Agora passou, e eu vou ajudá-los.» O que ele fez, e ganhando coragem, eles deixaram-me para o seguir.

Duas cartas de Joe (irmão de Cynthia, Sir Alvary Gascoigne)

O MAGNATA

Perguntei à Pat o que acontecia aos milhões de pessoas que passam para este lado sem ninguém no seu círculo para os ajudar. A resposta dela foi: «Vem e vê.»

Assim, encontrei-me numa casa bastante rica, com um homem idoso prestes a abandonar o corpo terreno. Ele tinha sido um verdadeiro magnata da indústria e muito rico. A pobre mulher dele não conseguia imaginar a vida sem ele. Ele sempre fizera tudo, e agora ela estava sozinha. Senti que não tinham filhos, e ele tinha sido tão bem-sucedido que afastara a maioria dos seus contemporâneos, e lá estava ele, fora do corpo, um indivíduo cinzento, assustado, completamente sozinho.

Aproximei-me dele e disse-lhe algo como uma saudação, para mostrar que não estava completamente sozinho. Ele ouviu-me, olhou à volta e simplesmente resmungou: «Como diabo entraste aqui?» Ri-me e tentei explicar, apontando para o corpo dele na cama. «O que fizeste comigo?» foi a próxima pergunta. «Mataste-me?»

«Não», repeti, «deves lembrar-te da tua doença.» Ele acenou com a cabeça. «Bem, agora morreste, segundo o médico, mas como vês, não há morte, apenas uma mudança de corpo; como te sentes?»

«Não sei quem és, e não tens o direito de estar aqui. Sai.»

«Claro, se assim o dizes», respondi, «mas então ficarás completamente sozinho.» «Não, não quis dizer isso, podes ficar, és apenas uma voz, afinal.» Então ele começou a ver-me: «Ah, afinal não és só uma voz — és um homem! Bem, como é que me vês e a minha mulher não?»

«Sim», respondi, «agora és etérico; deixaste o teu corpo físico para sempre.» «Isso não pode ser verdade, isto é só um sonho, e bastante preocupante também, vou acordar num instante.» Então foi até à cama e tentou voltar ao corpo, mas ele estava frio e repelente. «Não consigo», disse desesperado. «Bem, vem ajudar-me, quem quer que sejas.

De qualquer maneira, não estou morto.» Mas estava tão exausto que consegui convencê-lo a deitar-se no sofá do próprio quarto e, num momento, ele adormeceu.

[Mais tarde]

Quero voltar ao meu magnata, que deixei a dormir no sofá. Sabia que ele acordaria antes do funeral e precisaria de ajuda. Por isso, mantive vigilância, como a Pat lhe chama, e enviei mensagens para saber como estava. Quando as pessoas começaram a entrar no quarto, temi que ele acordasse, e assim foi. Olhando de repente, viu-me e disse: «Olá, tu outra vez. Quem diabo és tu?»

«Não sou o diabo», garanti-lhe. «Sou apenas um guia para te explicar e ajudar a lidar com esta nova situação.»

«Que situação? Ah, sim, lembro-me que disseste que eu estava morto. Bem, isso é uma boa piada: estou ótimo, simplesmente fantástico, melhor do que estive há anos. Não acordava assim fresco há muito tempo.»

«Não gostarias de sair e apanhar um pouco de ar fresco?» sugeri.

«Não, prefiro ficar aqui. Se, como dizes, estou morto, então vou provar à minha mulher que não estou nada morto.»

«Bem», disse eu, «vai e tenta, mas lembra-te de que agora estás num corpo diferente e ela não te pode ver.»

«Bem, isso logo se vê; não me sinto como um fantasma ou algo etéreo — vou tentar.» E, dizendo isto, levantou-se e começou a sair do quarto, cambaleando bastante. Peguei-lhe no braço.

«O que se passa comigo? Não estive a beber, mas não consigo andar direito.»

Expliquei-lhe que ele tinha de aprender a andar com o novo corpo. «Oh, pára com essas asneiras, aqui estou eu, exatamente como estava nos meus velhos pijamas, não há mudança nenhuma.»
«Pois bem, continua e vê por ti mesmo», insisti.

A porta estava fechada; ele agarrou na maçaneta e tentou virá-la, mas a mão escorregou na superfície polida — e o esforço fê-lo atravessar a porta! Isso abalou-o. As escadas foram o obstáculo seguinte; segurou-se a mim e flutuou para baixo bastante confortavelmente. «Como deslizar pelo corrimão em miúdo», murmurou. Chegámos à sala da esposa. Mais uma vez, a porta não ofereceu barreira, mas ele começou a sentir-se inseguro.

«Hettie!», chamou, ao ver a esposa a escrever cartas, chorando enquanto o fazia. «Hettie, não chores, amor, estou bem.» Nenhum movimento, nenhuma resposta; aproximou-se mais. «Hettie, não me ouves?» Tentou sacudir-lhe o braço, mas não conseguiu agarrar-se. Gritou-lhe ao ouvido, mas ela não reagiu. Ele ficou exasperado. «Ela ficou maluca?», foi a pergunta seguinte.

«Não, mas tu mudaste. Já atravessaste duas portas; flutuaste pelas escadas abaixo e agora esperas que ela ouça uma voz tua que já não tem vibrações materiais. Vai até aquele grande espelho e sopra nele — consegues ver o teu hálito?»

«Não! Mas o que devo fazer? Graças a Deus que estás aqui, posso ver-te e tu vês-me e ouves-me, senão eu enlouquecia.»

«Conheces ou estimas alguém que já tenha morrido?» perguntei-lhe.

«Oh, sim, muitos, mas como chego até eles?»

«Pensando neles; o teu pensamento chama-os.»

«Isso não me parece sensato, mas estou num verdadeiro aperto — vou seguir as tuas instruções.»

Levei-o para o jardim. Queria afastá-lo da esposa a chorar. Havia umas cadeiras debaixo de uma árvore e eu disse: «Senta-te e pensa.» Ele sentou-se, mas não nas cadeiras: flutuou acima delas e queixou-se de que eu lhe tinha posto uma dessas malditas almofadas de ar por baixo. Mesmo assim, acalmou-se, e logo começou a pensar nos seus velhos amigos.
«Havia o George, que morreu no ano passado... Não, ele teve uma doença terrível, não podia estar vivo agora.»

Disse-lhe: «Está, basta pensares nele e chamá-lo.»

Então ele disse: «George, isto é parvo, mas ficaria mesmo contente por te ver.» E em poucos segundos começou a surgir a forma de um homem de meia-idade, com ar bem saudável. «Oh George», engasgou-se, «como chegaste aqui?»

«Ouvi o teu chamamento», foi a resposta simples. «Passaste também para este lado, Rob? Bem, isso é ótimo.» E durante alguns momentos os dois velhos amigos trocaram histórias, tão aliviados por se encontrarem que achei que podia deixá-los, mas a Pat disse: «Não, tens de ver o Rob adormecer primeiro, depois podes ir.»

A conversa prolongou-se, o Rob tornando-se cada vez mais calmo e contente, e eventualmente adormeceu. Voltei-me para o George e disse: «E tu, já és um etérico estabelecido?»

«Bem, não completamente, mas estou a habituar-me. Vou tomar conta dele. Obrigado por cuidares e ajudares o velho Rob. Sabes, ele no fundo não é má pessoa…»

O DESASTRE NA ILHA DE MAN

Sei que estás a perguntar-te porque é que no mundo, e por todo o mundo, estão a ocorrer tantas catástrofes.

Não vês a resposta?

O mundo tornou-se completamente, ou quase completamente materialista. Adoram dinheiro e poder neste plano e no nível mais baixo, e então, para quebrar essa corrida louca, grupos de pessoas têm de ser retirados subitamente, para chocar os que ficam, levando-os a algum tipo de medo ou estado de questionamento.

Eu estava em Douglas quando esta coisa terrível aconteceu, e foi tremendo e, visto apenas do vosso lado, horrível. Mas havia outro lado.

A Flo estava lá, encarregada das crianças, e conseguiu tirá-las com uma rapidez que era preciso ver para se compreender. Ela literalmente arrancou-lhes os corpos etéricos (como ela própria disse, «como descascar ervilhas»).

As crianças podem ficar tão maravilhadas por serem mostradas uma visão que se tornam praticamente insensíveis à dor física. Permitem que a consciência flua para a beleza emocionante que lhes é lançada ao alcance da visão e, enquanto dura esse momento, os corpos são separados, e a Flo levou-os todos para bem longe da cena num piscar de olhos.

Mas, para os pais ansiosos, a história era bem outra. Fui com um jovem casal à procura de uma criança de quatro ou seis anos, que tinha sido deixada a brincar, perfeitamente feliz, enquanto eles se afastavam um pouco. Depois aconteceu! O primeiro pensamento deles foi: «A criança!» — e separaram-se, correndo de volta por caminhos diferentes.

A mãe chegou primeiro e encontrou o corpo da criança e, numa onda de emoção profunda, saiu quase de imediato do próprio corpo, conseguindo seguir o minúsculo rasto das vibrações do filho e alcançar o grupo da Flo, incluindo o seu próprio filho. Ela sentira o poder ardente e sufocante do fogo, mas a sua agonia intensa pelo filho tornara-a indiferente a isso; e depois, subitamente, tudo cessou, e ela estava livre, a seguir um rasto que só o seu corpo mais subtil podia detetar.

Flo recebeu-a imediatamente e colocou o filho nos braços dela — Florence Nightingale, que era prima em segundo grau de Cynthia Sandys (prima direita da avó dela) — dizendo: «Isto é maravilhoso, agora estão juntos para sempre.» A mulher estava atordoada e encantada, sem palavras, por encontrar o filho bem e feliz, e não viu nenhuma mudança nem em si nem na criança.

«Agora temos de ir buscar o papá», foi a primeira reação dela, depois de o alívio daquela intensa ansiedade ter passado. Mas aqui, a Flo ou um dos ajudantes interveio: «Não, tens de ficar aqui com o teu filho. O teu marido virá ter contigo; nós encontrá-lo-emos.» Assim, contente por agora e completamente exausta pela emoção e por tudo o que tinham passado, tanto ela como a criança adormeceram. Amanhã contar-te-ei como encontrámos o pai.

Aqui está a história do pai da criança de que te falei ontem. Vou passar-te o relato dele:

«Ficámos realmente assustados quando o fogo começou. Havia duas maneiras de chegar à ala das crianças. Fui por um lado e a minha mulher pelo outro. Depressa percebi que havia muito pouca esperança, a menos que alguém já tivesse tirado os miúdos, mas até essa esperança morreu quando cheguei lá e encontrei os restos num estado derretido. Vi que não havia mais nada a fazer senão tentar ajudar quem pudesse.

Encontrei três crianças abrigadas atrás de uma parede, a sufocar lentamente com o fumo. Disse-lhes para se deitarem no chão e rastejarem comigo até ao corredor que talvez ainda não tivesse sido tocado pelo fogo.

Chegámos à entrada, e o caminho à frente parecia possível, mas o fogo rugia sobre as nossas cabeças e, quando atingimos a entrada, uma grande viga ou bloco de betão caiu sobre nós. Foi tão súbito que fui derrubado instantaneamente, e também as crianças. A

próxima coisa que soube foi que me encontrei de pé, no topo dos escombros. Estava tudo a arder furiosamente, mas não me tocava, e um por um as crianças juntaram-se a mim e ficaram encolhidas, bem juntas. Estávamos todos em cima das brasas incandescentes, mas não estávamos a ser queimados. Eu não percebia. Não me atrevia a mexer-me, pois havia fogo por todo o lado e as crianças estavam aterrorizadas.»

Eu não estava a perceber bem — tudo aquilo era tão estranho.

Pensei que alguma corrente de ar esquisita tivesse retirado o calor do local onde estávamos e, se conseguíssemos ficar muito quietos, talvez o fogo se extinguisse ou os socorristas nos alcançassem, por isso disse às crianças para ficarem completamente imóveis e esperar. Foi o que fizemos — o fogo ardia e todos nós ficámos, de uma forma estranha, fascinados pela beleza dele, e das chamas pareciam emergir formas e figuras, pessoas vivas. Outros juntaram-se a nós, vendo que não estávamos feridos, e tornámo-nos num grupo bastante grande.

De repente, ouvimos vozes a chamar-nos: «Não tenham medo, saiam a caminhar. Levantem-se. Estão livres do fogo.» Não ligámos no início — como podíamos levantar-nos do fogo? Então, uma rapariga de uns quinze anos aproximou-se de mim e disse: «Isto é emocionante. É como os astronautas a caminhar no espaço. Já tentaste?» «Bem, não», respondi, «como posso?»

«Assim», disse ela, pegando-me na mão e parecendo dar um passo para o ar. Quase inconscientemente, segui-a, e também as crianças que estavam agarradas a mim. Ficámos todos um pouco tontos ao perceber que estávamos a caminhar no ar sobre o fogo, olhando para baixo. Alguém disse: «Não olhes para baixo. Olha para cima.»

Assim fiz, e vi uma multidão de pessoas como nós, a caminhar literalmente no ar! Pensei: isto é o fenómeno mais estranho. Sem dúvida deve haver uma explicação física natural, talvez uma falha no campo gravitacional causada pelo fogo. Ainda estava muito cauteloso. Achei que poderia fechar-se de repente e que todos caíríamos entre os destroços em chamas, por isso disse às crianças para se agarrarem a mim e que nos moveríamos com o máximo de cuidado enquanto aquela estranha bolsa de ar nos segurasse, esperava eu, até estarmos fora do alcance do edifício em chamas.

Assim fizemos e movemo-nos com bastante facilidade. A corrente, pelo menos assim pensei, parecia estar a levar-nos suavemente para cima. Era uma sensação muito agradável. Estava a gostar imenso, e as crianças também. Então, um silêncio caiu sobre nós. O rugido do fogo e os gritos e berros das pessoas desapareceram, e ficámos sozinhos no espaço…

Isto era bastante assustador. O que faria a seguir? Parecíamos estar a uma altura considerável do solo. Como poderia descer em segurança com as crianças? Sempre que tentava descer, os meus esforços eram firmemente resistidos. Comecei a desesperar. Estaríamos a ser levados até à lua por alguma corrente de ar estranha?

Então comecei a ouvir vozes a dizer-me para não me preocupar. Nessa altura não via ninguém, e pensei que estava a imaginar coisas, ou a ficar delirante. As crianças estavam calmas e pareciam confiantes. «Deixa-te ir. Relaxa. Estás em boas mãos», foi-me gritado ao ouvido, e pouco tempo depois comecei a perceber que estávamos num grande grupo a ser escoltado, se assim se pode chamar, para outro nível etérico.

Desejava desesperadamente sentir o chão firme debaixo dos meus pés. «Logo sentirás», disse a mesma voz, e então uma mão agarrou firmemente a minha e, antes que percebesse o que estava a acontecer, estávamos entre árvores e flores e, como eu esperava, de pé num solo firme, numa espécie de jardim.

«Onde estamos, afinal?» perguntei.

«Bem, vais ver», disse a voz. «Já não estamos exatamente na Terra.»

Meu Deus, o que é que este tipo estava a dizer? Teria eu enlouquecido? As crianças estavam encantadas. Tinham-se afastado de mim e corriam alegres, explorando o jardim. Então, de repente, diante de mim, vi a forma de um homem. Ele pareceu ganhar forma na minha visão. Primeiro, apenas um vulto desfocado, que cristalizou numa forma humana.

«Quem és tu e onde estou?» perguntei, espantado.

Ele ainda segurava a minha mão. «Calma, rapaz», disse ele. «Tu atravessaste. Tu e as crianças chegaram à próxima fase da existência, estás agora no que o mundo chama de morto.»

«Morto?», gritei. «Mas não podemos estar.»

«Não», sorriu ele. «Não existe morte. Essa foi uma das muitas ilusões que todos encontramos ao passar para este lado.»

«Mas», disse eu, «se eu estou morto, também estão a minha mulher e o meu filho. Eu sei, eu vi-os.»

«Eles não estão mais mortos do que tu», disse calmamente, «mas neste momento estão a dormir para recuperar da exaustão desta experiência tremenda, e tu e as crianças devem fazer o mesmo.»

De repente percebi que estava exausto. As crianças já tinham voltado para junto de mim e estavam a dormir, deitadas no chão como cachorrinhos.

«Pareces saber todas as respostas», ouvi-me dizer, enfraquecido, e com isso deitei-me e também adormeci.

Uma carta de Patricia escrita em Pérgamo, onde a mãe e Joe foram obrigados a parar porque o carro avariou. Pérgamo foi o local do antigo Santuário de Esculápio.

Quero muito contar-te mais sobre Esculápio e o que vi. Era tudo tão simples, minucioso e absolutamente adorável, porque a primeira causa da saúde reside na felicidade, no humor e no riso, aquilo a que chamamos moral.

Vi casos com o ar mais desesperado a cambalearem para dentro: eram primeiro recebidos por um sacerdote clarividente que conseguia perceber de imediato se estavam realmente a morrer e se a hora deles tinha chegado; se assim fosse, levava-os para um lugar encantador, onde lhes era dado um sono hipnótico, se o fim já estivesse a caminho. (Isso significa, se a aura já tivesse a "luz de passagem", aquele círculo de luz que entra quando o "chamamento" já foi enviado para o espírito regressar.) Se esse estado já estivesse presente, apressavam a luz, reforçando a força espiritual, mas se a luz não estivesse lá, começavam o tratamento.

Não vi nenhum fracasso, mas deve ter havido alguns que recaíram nos velhos modos de pensar. Descobri que, como sempre, as crianças eram os melhores pacientes, pois não tinham hábitos mentais enraizados a apagar. Segui uma menina que penso que devia ter tido poliomielite; estava completamente paralisada. Achei que ela parecia um caso perdido. O sacerdote olhou cuidadosamente para a aura dela e murmurou: «Talvez tenhamos chegado mesmo a tempo.»

Ela foi levada à "fonte lustral" e banhada nela: isso pareceu aliviá-la um pouco; depois foi-lhe dado um ligeiro hipnotismo, ao qual ela respondeu imediatamente, e foi deitada numa cama de ervas elásticas (uma espécie de urze) com uma cobertura suave de lã, e ela dormiu.

Esperei para vê-la acordar: ela acordou, algumas horas depois, esticou os seus pobres membros encolhidos, abriu os olhos e sorriu para mim. «Estás bem», disse eu ao espírito dela, «completamente bem.» A sacerdotisa veio e massajou-a suavemente por todo o corpo e perguntou-lhe pelos sonhos.

Ela respondeu: «Estive num lugar adorável, cheio de crianças, algumas mais velhas, outras mais novas, mas estavam todas doentes no início, e depois todas ficaram bem e começaram a correr por aí.»

«Exatamente como tu», disse a sacerdotisa. «Então agora vai, segue em frente», e ela pegou-lhe na mão, e a criança levantou-se de um salto e saiu a correr para o sol.

A sacerdotisa virou-se para mim e disse:

«Não é fácil com crianças? Agora vais ver um caso mais difícil.»

Era uma mulher de cerca de sessenta anos, a sofrer de algum problema antigo no estômago — eu não conseguia diagnosticar — mas chegou em grande dor e recebeu o mesmo tratamento que a criança. Acordou revigorada, mas ainda com dores, um pouco desanimada e dececionada. «Mas ainda não começámos», disse a minha encantadora

sacerdotisa, «tens de comer agora, e depois vamos todos rezar juntos, e ser-te-á dito, em oração, como semear esperança na tua mente: primeiro esperança, depois fé e, por fim, convicção. Esses são os passos que estás prestes a dar.»

«Mas eu tenho este problema há anos», lamuriou-se a mulher, ansiosa por nos contar mais.

«Não penses no passado, pensa apenas no futuro», disse a sacerdotisa com firmeza, enquanto lançava a própria aura em oração.

Isto foi uma nova experiência para mim: a mulher tentou rezar e relaxou, e eu pude ver que a sua aura cinzenta estava aberta à receção. A sacerdotisa projetou um grande círculo dourado de luz que envolveu a paciente com uma glória dourada de força. Eu conseguia senti-lo tão intensamente que quase fiquei eu próprio dominado. Após alguns momentos, aquilo cessou, e a sacerdotisa perguntou à mulher: «Sentes-te melhor agora?»

«Sim, tentei rezar, mas só consegui sentir um calor a entrar pela cabeça e pescoço.»

«Isso foi certo — agora pensa nesse calor como cura.» A mulher estava desconfiada, mas interessada.

«Agora vou puxar esse poder através de ti para limpar o que quer que te esteja a impedir a saúde.»

«Vai doer?», perguntou a paciente.

«Claro que não, aqui ninguém se magoa», respondeu ela de forma decidida. «Agora deixa-te pensar em luz do sol e, se gostas de música, pensa numa melodia, continua a repetir a melodia o tempo todo, canta-a; ou, se preferires, recita poesia, mas mantém a mente afastada da doença.»

A mulher compreendeu e começou a murmurar alguma cantilena melancólica que lhe mantinha a mente afastada do problema; após algum tempo ficou sonolenta e logo adormeceu.

Esperei, e quando ela acordou estava decididamente melhor, mais forte, mais jovem e mais viva.

«Sinto-me melhor», admitiu ela. «Acho que isto está a fazer-me bem.» A sacerdotisa aproximou-se dela e perguntou se tinha sonhado. «Sim, mas foi tudo uma história triste de pobreza e doença, que de repente se transformou em luz.»

Mamã, posso continuar a contar sobre Esculápio e a cura?

A minha paciente mulher estava obviamente a ficar bastante entusiasmada; confidenciou-me que estava aterrorizada com a ideia de vir. Tinham-lhe dito que seria deixada sozinha num túnel negro! «Mas isto é tão diferente, e todos são tão amáveis.»

A sacerdotisa contou-me que tinha sido treinada por Higia nos primeiros tempos da cura, e que tinha regressado duas vezes em vidas seguintes para continuar este trabalho. Eu também vi a grande Higia no etérico; o poder dela para curar era simplesmente amor; tinha ensinado à minha sacerdotisa como lançar a onda de poder amoroso que envolve. «Agora isto não é fácil com personalidades difíceis», confidenciou-me, «com crianças é tão fácil e elas respondem tão rapidamente, mas com os irritadiços e os amargurados às vezes é muito difícil; por isso, é preciso ser completamente impessoal.»

Voltando à nossa paciente — ela dormia numa cama simples, muito suave e confortável. Quando acordou, trouxeram-lhe pão, fruta e leite; ela olhou para eles de forma azeda e pediu algo que eu não compreendi, mas a sacerdotisa abanou a cabeça, acrescentando: «Durante o tratamento, apenas os alimentos mais simples, massagem, descanso, luz do sol, música e teatro...»

«Oh, mas eu não podia ir lá, a dor voltaria outra vez.»

«Tenta dar uns passos e vê.»

E assim fez, o teatro ficava perto, arranjámos-lhe um lugar, e ela saiu de lá às gargalhadas! O tratamento continuou: sono, massagem, descanso ao sol, beber e banhar-se na água lustral, música, cor e diversão.

«Isto é umas verdadeiras férias para mim», comentou ela um dia, quando eu já começava a pensar nela como curada, mas a sacerdotisa disse: «Não, se a mandássemos embora agora, ela recairia nos velhos modos de pensar; agora ela deve romper completamente com o passado e passar pelo túnel do medo para a luz do conhecimento.»

Tudo lhe foi explicado calmamente: numa noite, escolhida por ela, ela encontraria o sacerdote hipnótico que a colocaria num estado recetivo — não em transe — e a guiaria até à boca do túnel, onde a água sussurrante a acompanharia, e vozes vindas da escuridão, a intervalos, repetiriam os mantras poderosos da saúde que, no seu estado recetivo, penetrariam na aura e trariam a convicção completa de que a saúde era a condição normal e natural, e que todas as outras condições tinham sido totalmente apagadas da sua consciência.

Ela estava um pouco nervosa com este tratamento, por isso ninguém a apressou; viveu feliz no ambiente de cura e descanso, até que um dia começou a sentir que precisava de contactar a família e voltar à vida comum. Reunindo coragem, foi até ao sacerdote, passou sozinha e à noite pelo túnel e voltou até nós tremendamente entusiasmada por ter conseguido superar este último teste; deixou-nos num brilho de excitação, convicta de que estava completamente curada.

Alguns excertos de cartas da Sally sobre diversos temas

PALAVRAS DE PODER

Isto é um campo totalmente novo para mim. No princípio, Deus criou palavras de poder, e elas foram usadas ao longo dos séculos em diferentes graus. Os egípcios usavam-nas, os gregos, os chineses, os indianos — mas perderam o conhecimento do poder das palavras à medida que se separavam da Divindade. Quando isso aconteceu, as palavras voltaram a ser apenas palavras.

Tornei-me consciente das palavras pouco depois de chegar aqui. Ouvi um círculo a recitar uma oração votiva: e então percebi o significado dos serviços religiosos — por exemplo, quando todos dizemos juntos o Pai-Nosso. Vi a atmosfera à volta deste círculo a brilhar — e depois a tornar-se entrelaçada com luz. E, enquanto observava, ouvi o mantra que estavam a recitar repetido vezes sem conta como um oratório. Nunca antes tinha compreendido o significado da repetição — especialmente quando é cantada, não apenas dita.

Um dia, o poder na palavra falada ou cantada retornará; e o D. é um dos do grupo encarregado de ajudar a realizar isso. Perguntei-lhe se podia juntar-me ao grupo — ele olhou para mim e disse: «Canta!» Embora o D. só tenha passado para este lado há pouco tempo, ele já está unido a pelo menos uma parte do seu eu maior, e essa parte falou através dele e disse-me que eu podia fazê-lo. «Mas tens de sair e praticar com o conhecimento de que cada som que produzes está a reagir em algum lugar sobre alguém.» Tentei imaginar notas altas e notas baixas.

E então ele disse: «Fala, não cantes. E deixa-me ver o registo da tua voz.» Eu não conseguia pensar no que dizer! Então refugiei-me na poesia e recitei Rupert Brooke — acho que foi Grantchester. Ele interrompeu-me e disse: «Muito bem, viste o poema, eu consegui vivê-lo contigo. É exatamente isso que quero dizer. Pega em qualquer poema ou canção que te dê uma imagem e vê essa imagem com toda a força e emoção do teu imaginário pessoal. E então trarás vida de volta às palavras.»

A segunda vez que tentei, não só disse tudo em voz baixa para mim, como também estava tudo claramente disposto diante da minha visão, como um filme de televisão a cores.

Eu perguntei: «Posso fazer os outros verem isto?» «Só se conseguires infundir as suas mentes e eles forem capazes de captar das tuas vibrações.»

Mas isto é apenas o começo! Agora estou lançada numa nova aventura. E o Verbo fez-se Carne e habitou entre nós. Está certo?

TRABALHADORES DA IGREJA E O RAIO PRÉ-CRISTÃO

Não rejeites as igrejas! Elas também estão a mudar. Entrei numa e encontrei-a cheia de entidades vivas do nosso plano. Perguntei: «O que estão a fazer aqui?» E responderam:

«Somos um grupo de velhos trabalhadores da igreja. Oh, éramos um grupo aborrecido», contou-me uma mulher. «Mas tínhamos esta vaga sensação de algo indefinido que nos atraía para esta igreja e outras. E agora, para nosso espanto, descobrimos ao passar para este lado que havia dois raios — apenas dois — que atuavam como ímanes. Um era muito antigo e pré-cristão, mas tão poderoso que eu nem conseguia ficar de pé no meu corpo etérico.

Quando estava perto desse raio, tinha de me deitar e ser consumida e absorvida por ele, sendo usada para entrar nas auras de outros próximos. Perguntei o que era esse raio, e disseram-me que era o primeiro raio da criação; e que nele estavam absorvidos aqueles raios menores formulados por todos os primeiros credos dos adoradores do Sol e da Serpente. Fiquei horrorizada e disse: «Oh! Mas eu não poderia tocar em nenhum raio pré-cristão.» Ao que se riram de mim e mostraram-me que esses eram os precursores mais fortes do raio de Cristo: eram os João Batistas numa escala vasta.

Senti-me um pouco melhor, mas ainda mentalmente abalada, até que me permitiram sentir a força plena do raio de Cristo; e então as feridas foram curadas e tornei-me, oh!, tão radiante, e quase perdi a monotonia da minha antiga personalidade. Continuei a rir-me do facto de todos nós — pessoas bastante formais e estreitas da igreja — termos de passar por este batismo dos raios pré-cristãos antes que o raio de Cristo nos fosse permitido tocar.

Agora parece tão natural; mas naquela altura eu conseguia ouvir os gemidos dos que diziam sofrer (assim afirmavam) por causa dos idólatras.

«E agora vemos e estamos profundamente gratos por todos aqueles passos vacilantes que a humanidade teve de dar antes desta maravilhosa era de Cristo vir a existir. Obrigada por me deixares dizer tudo isto.»

Nem imaginas que grupinho fechado e engraçado eles devem ter sido. Mostraram-me os seus antigos "eus" nos registos akáshicos; e ao mesmo tempo explorámos juntos estes maravilhosos primeiros raios cristãos. Nunca tinha penetrado tão longe no tempo; e oh!, o fogo, a força e a absorção destes raios que criaram os dinossauros e todos os peixes e plantas fossilizados que conhecemos; e que puseram em movimento a vida no plano material.

AS OVELHAS

Sempre adorei animais, como sabes, mas nunca tive realmente tempo para os considerar com atenção. Agora, o teu irmão Joe, Cynthia, abriu-me os olhos para as outras linhas de evolução que todos eles seguem. É tão fascinante. Estive a experimentar os sentimentos de vacas e coelhos — e depois pegámos em seres jovens, como cordeiros e potros. Mas eram demasiado instintivos. Então virámo-nos para os velhos e velhas da sua espécie. As ovelhas eram extraordinariamente sábias, particularmente as ovelhas das montanhas no País de Gales. Achei que seria divertido ir a lugares que eu conhecia e ver como as ovelhas se sentiam lá.

Têm um sentido meteorológico que ridiculariza os nossos meteorologistas. Conseguem prever uma estação inteira! Imagina as tuas previsões a longo prazo — sempre erradas. Mas a querida velha ovelha, cujo corpo sensorial se tornou meu por um tempo, disse-me que o Dia das Eleições seria claro e húmido: o orvalho é importante, disse ela, em todos os sentidos. O orvalho liberta uma frescura adorável no ar, e isso, por sua vez, afeta a humanidade e as ovelhas.

Segui a vida dela entre os seus cordeiros e os seus sentimentos quando eram separados: eram muito mais filosóficos do que os nossos. Ela sabia que os seus cordeiros seriam mortos; e que ela mesma seria no final, e que até lá, tinha de aguentar, e aguentar, e ter mais e mais cordeiros. Perguntei-lhe se não era um futuro muito triste para encarar, e ela disse: «Não. Eu amo os pastos e amo os cordeiros. E quando eles morrem, eles continuam.» Ela não definiu isso, mas obviamente qualquer pensamento de morte como finalidade nunca lhe tinha ocorrido.

Depois passei para uma égua e um potro. A égua estava relaxada e feliz e completamente centrada no potro, e achava a minha intrusão um enorme aborrecimento. Queria continuar a ter momentos de amor constantes com o potro, que estava demasiado entusiasmado por ter nascido para ser coerente.

Acima de tudo, estas duas criaturas amantes dos campos extraíam uma imensidão da erva. Era vida, beleza, conforto, eternidade — e um fluxo constante de prazer para elas, num plano completamente diferente.

Os animais têm consciência de uma alma. Percebes isso? A imortalidade é tão completamente parte do ser divino deles — sim, ser divino — que é desnecessário (para eles) comentar. Sabem que vão continuar. Gostava que pudesses perceber a calma sabedoria encantadora da minha velha ovelha. Senti que ela deve ter estado no estábulo há muito tempo, dando as boas-vindas ao Menino Jesus.

O DESPERTAR DE UMA AMIGA INTELECTUAL

Agora tenho de te contar sobre a H. Bem! Ela não aceitou qualquer mudança. Sentei-me com ela quando acordou e disse-lhe como estava contente por ela se ter juntado a mim. Pelo som da minha voz, ela pensou que eu era tu. Depois pediu-me a caneta e os papéis, que claro lhe dei, mas a substância tinha mudado e ela sentiu a diferença e resmungou que eu não tinha trazido as canetas certas. «Estas são todas moles. Não consigo escrever com esta caneta. O que estás a fazer?»

Peguei na caneta e escrevi facilmente; mas a mente dela estava completamente orientada para o material. Então, de repente, disse: «Que barulho é esse? Não podem ser pássaros, pois não?»

«Sim», respondi, «estão todos à tua volta.»

«Oh! Não no meu quarto, espero? Mas até gosto de os ouvir. Ros querida, podes arranjar-me alguma comida? Estou com tanta fome.»

«O que gostarias, querida?»

«Oh, qualquer coisa. Sabes, só uns petiscos.» Então tentei refletir o último tipo de guloseimas que tinhas levado a ela. Ela olhou para eles com certo desdém e disse: «Foste muito rápida. Há alguma loja nova aqui perto?»

Tentei explicar que as lojas não eram necessárias no nosso plano, mas ela simplesmente achou que eu tinha enlouquecido e afastou a ideia com um sorriso.

«Estás a sentir-te melhor?» perguntei.

«Sim, sim, suponho que sim. Gostava tanto de poder sair desta casa para o ar fresco.»

«Bem, porque não?» perguntei. «Vem comigo. Levo-te ao jardim.»

«Que jardim?», foi a resposta rápida dela. Estava bem alerta! Então, por fim, disse-lhe diretamente que eu era a Sally, não a Ros, e que ela tinha deixado o seu pobre corpo doente e se juntado a nós neste plano de saúde e perfeição.

«Perfeição! Não há perfeição em lado nenhum. Só um monte de meias-verdades e semi-perfeições.»

Eu disse: «Não aqui.»

«Mas onde é aqui? De que estás a falar? Estou no meu quarto antigo. O que se passa comigo? Devo estar delirante.»

Eventualmente, depois de muita conversa cruzada, consegui persuadi-la a vir comigo para o jardim; e ela continuava a dizer: «Isto não é Hyde Park, pois não? Ou Hurlingham? Ou alguma das antigas praças?»

«Não», disse-lhe. «Estás nos átrios exteriores do céu.»

Houve uma longa pausa; e então, o único comentário dela antes de finalmente adormecer foi: «Mas onde está a tua Mãe? Eu não posso continuar sem ela.»

OS ESCRITOS DE GLASTONBURY

Carta de Olga, madrinha de Patricia, escrita no Tor em 1944

Oh, Cynthia, sabes onde estás? Este lugar é o centro do antigo ensinamento atlante, e estou a ser-te mostrada, através de ti, as grandes influências que lhe deram origem.

Esses seres maravilhosos ultrapassaram todas as outras raças na busca de conhecimento, e ao fazê-lo, negligenciaram a necessidade de avanço espiritual dentro de si próprios. Vejo muitos desses grandes seres à tua volta aqui. Espíritos das montanhas, criaturas de beleza maravilhosa. São totalmente não terrenos, pertencem a outra linha de evolução.

Agora vou pedir-te que voltes para os terrenos da Abadia e escrevas comigo lá. Isto aqui é demasiado forte. Não consigo direcionar o poder.

(Cynthia então deixou o Tor e voltou, como pedido, aos terrenos da Abadia, onde a escrita continuou.)

Agora posso escrever mais facilmente. Aqui, há um poder gentil e suavizado; é totalmente diferente. Agora tenho de ir devagar e explicar.

Vejo este lugar como uma rede de forças, todas possuindo diferentes cores, misturando-se e entrelaçando-se como uma cascata de água ao sol, mas as cores não se fundem, permanecem inalteradas. Elas tecem-se por dentro e por fora, algumas em uníssono, outras em oposição, mas principalmente em conjugação para aperfeiçoar o todo.

A atmosfera no Tor era primordial. Aqui, é cristã e medieval. Os dois poderes formam um contraste, mas podemos, se quisermos, formar um elo mental entre essas duas forças.

Tu e eu muitas vezes perdemos o interesse pela Igreja Cristã, por causa da sua simplicidade e falta de técnica, em comparação com as grandes religiões orientais. Estas carregavam um imenso peso de filosofia, e como um comboio de carga, tinham de mover-se lentamente. Neste mundo de evolução lenta, veio Jesus, o Cristo. Ele veio como um atleta despojado de tudo exceto do essencial. Cristo não veio para nos dar apenas mais um passo, mas para saltar em frente, para regiões desconhecidas dos planos do amor.

Foi como se o Grande Espírito tivesse subitamente perdido a paciência, e uma cabeça de ponte tivesse de ser conquistada através do rio da ignorância. Cristo veio como um comando, equipado com uma coisa que veio imprimir no éter: o amor.

Os seus seguidores, durante muitos séculos, tentaram seguir o exemplo da simplicidade. Tinham de permanecer distantes de outros credos enquanto ainda lutavam nas encostas escorregadias da descrença. Esses atletas que seguiram o seu líder tinham de ignorar todos os detalhes e ver apenas o objetivo à frente.

Desde então, adquirimos conhecimento e o tempo permitiu que as filosofias de movimento lento alcançassem a vanguarda, e certos lugares foram preparados onde os dois mundos do pensamento e do sentimento podem encontrar-se. Este lugar e Iona são dois desses pontos de encontro onde a sabedoria antiga e o amor cristão se unem: não (fundamentalmente) o ensinamento tal como Cristo ensinou, mas depois de séculos de dor, sofrimento e desilusão, a essência do ensinamento original emergiu; e aqui encontramos o Raio de Cristo a envolver a Abadia e todos os edifícios em ruínas.

O ponto importante é que agora, neste momento, a união completa dos dois mundos é vital. Foi realizada uma vez na pessoa do Rei Artur e dos seus cavaleiros, que, aliás, são tão reais quanto qualquer outro fato histórico, mas o mundo não estava disposto a adotar o seu credo. Ele foi morto, e os seus seguidores dispersos, enquanto a era materialista do pensamento fluía sobre a sua memória. Mas todas as vibrações essenciais foram trancadas na atmosfera até ao momento em que pudessem ser restauradas à raça humana.

Carta de Sally, escrita pouco depois da morte (em setembro de 1968) de Wellesley Tudor Pole – após uma mensagem dele pedindo que G.S. e R.L. visitassem Glastonbury juntos

Estou muitas vezes em Glastonbury, porque pertenci a este lugar numa das minhas vidas terrenas. Eu era uma pessoa muito simples, vivendo uma existência primitiva, mas com algum do antigo conhecimento. Só vejo pequenas cenas que não consigo juntar muito bem.

Estou muitas vezes no ou perto do Tor. Não temo o Tor. Vivi quando ele foi construído pela primeira vez e moldado na forma atual. Pertenci àquela raça muito antiga que sabia usar as forças elementares e continuar a vida em completa harmonia com a Terra.

Sempre amámos a Terra-Mãe como o lado feminino de Deus, a grande nutridora e sustentadora, por isso não suportávamos vê-la descartada. Tudo era um pouco infantil, e surgiu a dissensão que desperdiçou tanto poder.

Agora, a nossa tarefa é trazer de volta aqueles da velha raça e fundir o seu conhecimento com todos os que compreendem, como T.P. Ele foi um de nós então, e antes de o Tor ser construído.

Grupo de cartas de W.T.P., escritas no Chalice Well em fevereiro de 1969, quando C.S. e R.L. visitaram Glastonbury para cumprir a promessa feita a W.T.P.

Estou um pouco estranho com este novo método de falar contigo, minha querida. Perdoa-me se pareço rígido, sabes que eu nunca conseguia dizer as coisas na frente de estranhos; não que Sally, ou mesmo Cynthia, entrem nessa categoria. Mas partilhámos tanto, tantas vezes, noutras vidas.

Tenho um monte de material para discutir contigo. Levaria volumes!

Vamos concentrar-nos em Glastonbury. Despertei lá no meu segundo despertar após a "segunda morte", quando realmente me tinha libertado de todos os apegos terrenos — e encontrei um Glastonbury que me era quase desconhecido. Não sabia orientar-me.

Percebendo que era Glastonbury noutro plano de visão, esperei que a minha compreensão captasse a vibração; e então, saindo das brumas, encontrei o Tor.

Para mim, este era o centro de poder. Começou há muito tempo e agora tornou-se sintonizado com as vibrações humanas e cristãs, contra as quais o mundo Dévico tinha resistido firmemente. Vi os grandes seres Dévicos antigos de pé no Tor. Já os tinha visto antes, mas não claramente; agora estavam radiantes e magníficos em toda a antiga beleza da mente e do poder. Então, enquanto eu observava, mudaram, suavizaram-se no mais humano Raio de Cristo.

Vi uma turbulência de beleza brilhar no vale e subir, envolvendo os Devas — transformando-os com os raios de amor do poder de Cristo. Isto nada tinha a ver com a Abadia — era quase apesar da Abadia que a luz alperce da aura de Cristo cresceu e se fundiu com o azul-fumo da vibração de Glastonbury. Os dois raios formaram um padrão surpreendente, parecendo uma enorme flor com tentáculos estendendo-se em todas as direções. Sentei-me e deleitei-me com a beleza e intensidade desta experiência. Isso, minha querida, é tudo o que posso contar-te hoje, porque esgotei as minhas vibrações terrenas. Continuarei amanhã.

Obrigado, Cynthia, hoje está muito mais fácil, até me atrevo a chamar R. de Alexias; esse foi o nome antigo dela várias vezes, porque nos dias pré-cristãos, quando uma vida sucedia rapidamente à outra, ela reencarnava continuamente na mesma família! Sabiam quando a esperar — ou ele — como preferires chamar-lhe — e naturalmente repetiam o nome. Sim, foram vidas tremendas, à sua maneira primitiva. Não avançávamos muito em cada vida, porque a luz da evolução passava por uma noite escura — até ser quebrada pela aurora da vida de Cristo na Terra. Recuperei agora muito do conhecimento que tinha no meu eu maior — mas só me chegavam meias-verdades na última vida, com muitas contradições.

Voltando a Glastonbury; é e foi o nosso lar em várias encarnações; e agora eu amo-o com uma força desconhecida no meu corpo terreno. Voltei, como te contei, e vi os grandes espíritos Dévicos: depois entrei no Raio de Cristo e invoquei a minha visão para me dar a verdadeira resposta sobre José de Arimateia e a história de Jesus. Essa é a resposta! É parte da história de Jesus. O Cristo ainda não tinha assumido o corpo do rapaz que veio a Glastonbury: mas estava sobreiluminado por este grande Espírito.

Nessa altura, havia também outros Mestres a preparar Glastonbury para as revelações que viriam depois. Não penso que Glastonbury seja destinado a um papel dramático de visões tremendas.

É a lenta e constante infiltração do Espírito que impregnou toda a área. E as constelações! Quero que saibas um pouco mais sobre elas; são importantes porque, de cada grupo de estrelas, foi escolhido um certo local como ponto focal. Deviam fundir e trazer os raios do espaço exterior e de outros Mestres que trabalhavam ali, em relação com o Raio de Cristo. Vamos gradualmente apresentar-te aos outros Mestres ali presentes, que, como Cristo, eram a personificação da Divindade noutros planetas em todo o universo.

Então, como vês, Glastonbury não está confinado apenas a Cristo: estamos ali em contacto com a Divindade interestelar, que tem uma vibração totalmente diferente e deve ser recebida com muito cuidado, após meditação e ajuda deste lado. Quero que sintas que aqui e em Iona somos os faróis deste planeta. Há outros menores; mas aqui os grandes, de todos os planos divinos, mantêm-se em contacto.

É apenas natural que este lugar, escolhido antes do tempo, se tenha tornado o centro do poder Dévico, e depois do poder druídico.

Mas Sally já está a puxar-me pela manga, a dizer que já usei energia suficiente — e ainda nem respondi às tuas perguntas!

José de Arimateia — sim, claro que ele veio, e o seu corpo terreno repousa aqui.

A TAÇA DE SAFIRA

Minha muito querida Alexias, como poderei contar-te sobre a taça de safira? Não me cabe explicar a sua beleza ou a sua missão. Sei que, quando a toquei (ele quer dizer quando a tocou em vida terrena, nota R.L.), uma vibração completamente nova me inundou — uma que não estava totalmente no raio de Cristo. Agora sei que ela estava destinada a ser a pedra-chave para a Divindade interestelar; mas antes de ter sido materializada, os poderes Dévicos de uma vibração mais baixa tomaram o controlo: e, por causa disso, teve de ser perdida e enterrada perto da água, para que a vibração da água pudesse limpar e curar os danos causados. Eu tive de a encontrar novamente e mantê-la secretamente dentro da aura da minha própria segurança.

Tudo isto eu sabia apenas vagamente. Agi sob uma direção instintiva direta; mas o uso final — se é que algo pode ser chamado de final — está totalmente além de mim. Sei que o metal foi colocado com um propósito, para atrair o mundo mineral para o contacto em todos os planos planetários: isso foi-me mostrado. O poder celestial no vidro está além da minha capacidade de explicar ou compreender. Fui instruído a encontrar e guardar secretamente esta arma de poder supremo, e que chegaria um dia em que ela seria usada com um propósito imenso na Terra.

(Em resposta a uma pergunta mental de C.S.)

Não, não tem um valor especial de cura: isso pode ser um efeito secundário; mas principalmente é um símbolo de despertar. Uma vez que o iniciado esteja totalmente sintonizado para receber esta vibração muito elevada, ele (ou ela) despertará para o poder interestelar de comunicação e interceção de pensamento.

Ela provoca algo curioso na aura; torna-se quase pegajosa, de modo que as vibrações podem ser captadas quando, de outra forma, passariam sem deixar marca alguma. Isto é tudo o que posso contar-te por agora... Estou a ser mostrado como recuperar muito do que sabia em tempos antigos. É uma existência fascinante e uma que anseio partilhar contigo; e partilharei na medida do possível. Agora disse o que tinha a dizer por enquanto, e com profundo amor e gratidão por tudo o que me tens dado, faço a minha vénia e passo o lápis para uma Sally muito impaciente. Sempre teu fiel T.P.

[Mais tarde: escrito na Sala Superior.]

T.P.: Sim, sim, estou aqui nesta sala criada com tanto cuidado e reflexão; Alexias, eu sabia que tu e Cynthia viriam falar comigo aqui e fazer-me sentir que deixei alguma partícula de valor para a humanidade. Quando revemos a vida, sentimos o quão pouco fizemos com todas as oportunidades que nos foram dadas.

(Ele continua por algum tempo a rever as "oportunidades perdidas" e as "falhas" — como ele as vê — com a mais comovente humildade, humor e lucidez. Ele sublinha a importância do riso, acrescentando:)

Eu não ri o suficiente! Foi-me dado um sentido de humor e de espírito, e podia usá-lo se quisesse; mas nunca o cultivei, e tornei-me austero e um pouco triste. Não faças nada desse género, Alexias. Nunca apagues o riso que vem, mesmo de piadas tontas.

(Sally seguiu-o com uma carta mais longa, terminando:) … por isso não posso dizer até que ponto T.P. está a brincar contigo e até que ponto é verdade.

Agora, mamã querida, amanhã temos de trabalhar muito. Estou a tentar preparar-me para te dar mais na escrita. Este é um lugar tão maravilhoso, e podia-se dizer qualquer coisa aqui, mas há uma espécie de censura. Suponho que és destinada a descobrir muita coisa por ti mesma, sem um atalho como este…

[No dia seguinte.]

T.P.: Bom dia, meninas! Bem, aqui estamos, um momento adorável de escrita convosco, um triunvirato! — sempre um número muito forte para atacar um problema. Claro que sou novo nisto tudo e lento a captar o grande significado interior de tudo o que encontramos, conhecemos, redescobrimos e recordamos em Glastonbury. Esta casa está muito afortunadamente situada no anel exterior do moderno processo destrutivo de pensamento que ocorre no centro da cidade — ou aldeia, como ela realmente é: há uma grande diferença na vibração entre uma aldeia e uma cidade. A

vibração saudável do solo é de suma importância, e é isso que salvará Glastonbury. Continua a ser uma aldeia no que diz respeito à vibração.

Agora, sobre a Taça. Sim, ela é um símbolo intrínseco de cristandade. Tão avançada é a sua vibração que não se imprime sobre as vossas vibrações áuricas menores, mas atinge o seu cumprimento no vosso eu áurico. Nisso, ela brilha e arde e terá um valor crescente no desdobramento dos vossos poderes de perceção — ESP e assim por diante. Ainda não posso classificar os usos desta taça. Acho que, neste momento — repito, neste momento — acho que está destinada a irradiar daqui dentro do nosso sistema solar e talvez além; mas ainda não aventurei-me para o além. Ainda estou maravilhado e intrigado com todos os diferentes planos de pensamento e sentimento. Sou totalmente incapaz de classificar qualquer coisa ainda.

Devem tomar tudo o que digo com uma pitada de sal — sal bem forte. Vim para este lado a pensar que sabia algo do que poderia esperar, mas asseguro-vos, é tudo além e além de qualquer coisa que pudesse ter imaginado — e há tão pouco que possa ser expresso em palavras.

A nossa comunicação convosco através deste canal é a forma pela qual podemos sublinhar a nossa imortalidade — os nossos "eus" inalterados como indivíduos, como seres que amam, riem e sofrem. Em tudo isto, estamos totalmente inalterados, e sinto-me, neste momento, inalterável; e que através da força do nosso amor deveríamos ser capazes de influenciar os vossos corpos mais subtis para um crescimento tremendo. Isto é vital e urgente. E agora vejo o fator tempo sob uma luz totalmente diferente. Não são os acontecimentos que vêm até vós; são vocês que os estão a atrair para o vosso próprio plano. O encontro é inevitável; e nós, que já recebemos o corpo de luz, podemos fazer muito através do reflexo.

Não podemos dar ordens ou instruções daqui — talvez mais tarde, não sei ainda. Mas ao ver-vos com os meus novos sentidos visuais fico maravilhado com o crescimento que já fizeram rumo à preparação para os vossos próximos corpos; e sei que qualquer coisa que eu pudesse fazer para ajudar só viria através dos vossos próprios canais de perceção. As pessoas só aprendem aquilo que já sabem em embrião — e o resto é completamente superficial.

(Sally)

Fiquei ao lado a ver-vos manusear a Taça: é maravilhoso ver os vossos corpos mais subtis a "erguerem as orelhas", por assim dizer, a aproximarem-se para observar e escutar. Eu percebia uma nota musical suave a ser transmitida o tempo todo. Vocês não a ouvem — só sentem o seu calor — mas para nós é muito evidente: tal como a luz que vejo contém presenças à volta da Taça: presenças muito antigas, invólucros de personalidades descartadas. Estas devem ser desfeitas e revisitadas pelos seus próprios donos avançados de outra vida.

São os criadores da Taça no passado distante. Eles estão a segurá-la e foram seus defensores durante muitos séculos. Agora chegou o momento em que esses indivíduos atingiram o nível de avanço que lhes permite regressar e libertar a Taça. Estas presenças-"invólucro" são necessárias porque sem elas nunca teria rematerializado; mas no estado atual acabam por retardar o avanço — não, isso está errado — reduzem o seu poder de penetração. Tudo isto é planeado. O timing é perfeito. Há demasiadas pessoas a reagir de forma superficial, e queremos aproximar aqueles de iniciação mais profunda antes de chegar o grande despertar.

(T.P.)

Sim, estou aqui e ansioso por escrever mais um pouco. Minha querida Alexias, trabalhaste por mim neste lugar que eu amo profundamente e estou muito perto de ti aqui. Sinto que aquilo que escrevemos juntos em *A Man Seen Afar* não vai suficientemente longe. Tu disseste-mo; mas eu tinha sempre medo de dar informações erradas. Sim, pequei pelo lado de dizer pouco demais. Fico interessado em saber que todos os meus textos dispersos estão a ser recolhidos. Espero que tragam alguma mensagem a quem os leia... Estou encantado com a sensação de força que estou a experimentar, e a elasticidade do meu cérebro dá-me um prazer enorme.

Estou envolvido no Tor: Cynthia, tens razão; tanto depende da sensação lá em cima. Pessoas de poder são sempre atraídas para lugares desta natureza, e a sua vitalidade psíquica intensifica-se; claro que isso significa também o lado negativo, e isso tem sempre de ser convertido. Em Jerusalém, em Iona, em todos os lugares de poder, temos o contrapeso da energia negativa para converter e transcender: essa é também a nossa tarefa com o Tor.

Estive lá em cima e falei com os guardiões. Há várias camadas diferentes de seres vibratórios ali. Está rodeado pelos Devas amigáveis — mas os que estão no centro são fortemente sexuais e pertencem aos ritos mais antigos dos primeiros magos. Eu pertenci a uma seita deste ramo há muito, muito tempo — por isso consigo fazer contacto com eles. Descubro que estive aqui quase no início deste centro de poder, por isso agora é meu trabalho particular conter, converter e transcender o chamado "mal".

Não há mal — isso tem de ser aceite. Existe uma força primitiva que é principalmente sexual, obtida através do sangue do sacrifício. Isso foi pago na totalidade durante as duas últimas guerras. Todo aquele derramamento de sangue nos campos de batalha — derramado em tristeza, dor, miséria e ódio, deve ser usado — repito, usado. O sangue guarda todas as aspirações humanas, as melhores e as piores: mas as melhores são transcendentais e superarão todas as outras. Tenho os meus laços desde a Primeira Guerra Mundial: vi e partilhei o tumulto espiritual, por isso, à minha maneira, entro em contacto com o todo; e através do poder desse fluxo de sangue, estou agora a tratar o Tor.

Tem-se de usar a mesma vibração para curar que foi usada para invocar no início. Estou agora a ganhar um imenso exército de pessoas que deram tudo durante a guerra, para virem comigo, não apenas a um Tor, mas a muitos outros lugares de vibração semelhante. Quando pensares em mim, pensa num fluxo de poder sacrificial a correr pelos meus dedos, pelos meus pés, pela minha cabeça, na verdade por todos os pontos de poder, e vê esse fluxo a tomar forma para converter o Tor e resolver as querelas e animosidades entre os nossos melhores e mais queridos neste lugar lindo e amoroso.

(Sally)

O que é verdade? Bem, penso que a maior parte. O raio de Cristo é certamente muito forte aqui, e José de Arimateia — e todos os seus seguidores — e o Rei Artur, e por aí fora. Onde estão todos enterrados eu não sei — São José, penso, perto da igreja original de vime. Os raios de Artur são tão fortes que não se consegue exatamente localizar a sua sepultura — e para quê? O poder está aqui e todas as sepulturas já cumpriram o seu propósito e estão vazias no que diz respeito a estes Espíritos elevados. O poder deles está totalmente presente.

(T.P.)

Agora, de volta à Taça mais uma vez. Cynthia tem toda a razão — este objeto adorável e belo foi mal usado. O poder dentro dele foi invocado por ganância e por todo o tipo de razões egoístas. Mas a lama e o lodo (lembra-te de onde estava escondido) eram símbolos das condições mentais pelas quais passou; e eles limparam-na em grande parte, embora não totalmente.

Agora, isto é interessante porque as vibrações mais baixas contidas nela dão à Taça o poder de entrar na aura de pessoas completamente não envolvidas, enquanto que a Taça totalmente purificada teria ficado isenta. O bem e o menos bom são todas ferramentas e o facto de a Taça ter sido moldada depois da Ressurreição é outro dado curioso.

Cristo manteve contacto com o seu corpo físico durante muito mais tempo do que é habitual. Vejo agora, com a minha visão etérica, como Ele ia de um lado para o outro, aparecendo a muitas pessoas cujos nomes não figuram nos Evangelhos. Por isso, o seu toque físico pode muito bem ter repousado sobre esta bela taça: e tenho quase a certeza de que assim foi. Tenho quase a certeza porque o toque físico é importante para todos vós.

Ele, claro, já a segurou muitas vezes no seu toque etérico, e aqui novamente sinto que o elo com a ganância humana não está fora de lugar; coloca Cristo no quadro das nossas falhas humanas. Querida, querida Alexias, como nos preocupamos com ninharias! Eu era um daqueles que procuravam capítulo e versículo, provas e detalhes, quando o grande Cálice do Amor estava a ser derramado sobre mim. Mesmo assim, estamos destinados a dar e receber provas razoáveis e, para esse fim, ajudarei todos os que buscam.

Padre Andrew Glazewski, muito amado sacerdote polaco, iniciado, cientista, músico, "morreu subitamente durante uma conferência do Wrekin Trust em novembro de 1973." Esta carta chegou através de C.S. quatro dias depois.

O êxtase de morrer é algo que nunca poderei exprimir. É, de repente, como tornar-se luz em si mesmo. É tão maravilhoso. É calor e frescura. É calor na mente. É clareza de visão e entendimento. É como um estrondo divino, e *hey presto*, lá estou eu fora do meu corpo velho e cansativo, a saltitar no glorioso éter; e não fazem ideia do que é morrer.

É uma Comunhão, um Sacramento de viver num nível mais alto — esta é a experiência mais transformadora que qualquer mortal pode alcançar. Estou dominado pela alegria, pura alegria.

Posso escrever exatamente o que experimentei?

A dor tornou-se subitamente tão forte que pareceu rebentar ou partir algo dentro de mim e eu estava subitamente livre — livre no sentido mais estranho. Senti-me por um momento inerte e sem poder, como num transe ambulante. Estava acima do meu corpo mas ainda ligado a ele. Senti pena dele, parecia tão indefeso, quase como uma criança, e o Gordon esforçou-se tanto para reanimar-me novamente. Depois vi no rosto dele que eu tinha acabado, e como vocês dizem, "caí redondo". Pois bem, está certo. Eu tinha tentado terminar o percurso, mas não importa. Então aceitei a morte, e ao fazê-lo o mundo inteiro mudou. O quarto brilhou com luz. Os livros na mesa, as cadeiras, até o tapete e as cortinas, tudo naquele quarto estava vivo com o poder do amor.

Fiquei completamente quieto, muito perto do meu corpo, mas já não o conseguia ver; talvez já o tivessem levado. Não me pareceu importante mais.

Tinha muitas vezes tentado sentir que estava, nesse momento, a sós com Deus, essa união com o Divino, mas nunca consegui atingir a esse ponto esmagador. Senti-me como um pedaço de papel mata-borrão a ser saturado de luz. Esperei num êxtase — cada momento estava além das palavras. Se eu tivesse sido capaz de conter isto no corpo, só teria conseguido por um instante, mas agora parecia ter ganho uma certa resiliência, tornei-me incansável no poder de receber.

Quanto tempo durou, não faço ideia, mas quando "pousei" de novo, como diriam vocês, encontrei tudo quieto e todos na cama. Alguns estavam a rezar por mim ou a agradecer pela minha libertação. Fizeram-me sentir muito humilde ao passar de quarto em quarto, abençoando-os todos por sua vez, não como eu fazia antes, mas com um poder completamente fora do meu conhecimento e experiência.

TODO ESTE TEMPO,

eu tinha-me contentado em sentir e exultar na minha relação pessoal com Cristo. Agora comecei a ouvir. No início era muito baixo, como um fio de água; depois soava como vozes meio cantadas. Tinham tons bem diferentes das vozes comuns, mas após alguns momentos eu conseguia ouvir e entender, e percebi de repente que estavam a falar comigo em polaco! Respondi imediatamente e descobri que estava a falar com um dos meus maiores amigos, um sacerdote muito avançado que tinha passado para o outro lado durante a guerra na Polónia. Fiquei radiante por o ouvir. Foi então que percebi que não só tinha abandonado completamente o meu corpo, como tinha recebido um novo corpo, e adquirido logo a capacidade de o usar!

Pedi-lhe que se aproximasse para eu o ver. Ao que ele respondeu: «Não tenhas pressa, acabaste de nascer e não podes fazer tudo de uma vez. Aqui encontrarás muitos velhos amigos e bastante tempo para recuperares. Anda, Andrew, vou mostrar-te.»

Ele pegou no meu braço, mas eu ainda não via nada. Eu apenas ouvia, sentia e via esta luz resplandecente em todo o lado. Perguntei: «Para onde vamos?» enquanto deslizávamos agradavelmente pela luz.

«Estou a levar-te para casa, à Polónia, e vou mostrar-te o que nós deste lado estamos a fazer no nosso país, porque, devido a todo o sofrimento, a Polónia tornou-se uma Terra Santa.»

Vou passar por cima da viagem, que me encantou. Chegámos à Polónia que eu conhecia da juventude, agora sentida no plano etérico. Eu estava a desfrutar disto quando o meu amigo disse: «Agora temos de seguir para a próxima camada dos anos da guerra.»

Foi uma recapitulação terrível dos nossos sofrimentos sob os alemães e os russos e depois passámos para a próxima camada do etérico, onde aqueles libertos do sofrimento eram mostrados à terra que deviam impregnar com perdão.

Agora eu via tanto o plano físico como o etérico. Estava confuso, mas nesse momento virei-me para a mão que me segurava e vi o meu amigo! Não como ele era durante aqueles últimos dias terríveis, mas como é agora, no corpo ressuscitado da ressurreição de Cristo.

Esqueci a Polónia — só conseguia ficar boquiaberto de espanto perante o Golias de luz e energia que eu via diante de mim. Lembrem-se: eu ainda estava no pequeno corpo mirrado de Andrew, o contraponto ao meu velho corpo, limpo e iluminado, mas ainda o mesmo.

Fiquei inicialmente esmagado: ali estava um ser estranho que sentia e falava como o meu velho e simples amigo, mas agora ele era como um deus.

Depois de alguns momentos de silêncio, enquanto eu tentava compreendê-lo, ele virou-se e riu, o seu velho riso sonoro! Bem, ouvi-me dizer: «De qualquer forma, isso não

mudou. Tenho de me agarrar ao teu riso.» E assim, pouco a pouco, voltámos a estabelecer contacto entre as diferentes vibrações.

Agora começava a ver. Via formas e cores, e destas formavam-se corpos (corpos de raio) de pessoas que eu tinha conhecido e amado, não apenas na minha última vida, mas noutras vidas. Foram tão gentis comigo, dando-me as boas-vindas, enquanto eu ainda me sentia como uma Cinderela num banquete. Eu ainda era pequeno e escuro, nas minhas velhas roupas gastas. Comecei a ressentir-me da fidelidade deles; e então olhei para eles com súbito interesse, ao ver que estavam a mudar e a refletir de alguma forma as cores de todo o redor.

«Tens de manter as tuas roupas antigas», dizia-me alguém. «São a tua assinatura da tua velha vida na terra. Espera e vê como elas te ajudarão.» Nesse momento, as minhas roupas estavam a refletir os raios profundamente no meu corpo. Eu podia sentir o calor deles, era como um calor de amor. «Esse é o resíduo da tua aura que emanavas do teu corpo físico. É muito importante que retenhas e desfrutes os frutos da tua oração e pensamento terrenos.»

Entretanto, percebi que estava a ser vestido com uma espécie de manto dourado. Era quente ao toque e muito suave. Fiquei encantado com ele e, para além do calor e conforto, descobri que ele emitia realmente uma luz própria. Portanto, eu já não era uma figura tão sombria e negra, e não havia necessidade de sentir vergonha: de facto, fiquei bastante orgulhoso do meu novo corpo.

Então, de repente, fiquei cansado e disseram-me: «Dorme aqui, em qualquer lugar, descansa por um período curto ou longo.» Dei por mim deitado no éter, maravilhosamente confortável, quente e contente para além de qualquer descrição; e assim adormeci…

[Escrito algumas semanas depois]

Estive na minha própria Terra Santa. Ela está impregnada com o raio de Cristo. Esta será a minha tarefa especial neste momento: apenas ir a lugares que conheci e dar-lhes um impulso.

Agora, a todos vós que estão a tentar despertar faculdades ainda adormecidas dentro de si, gostaria de dizer: «Chamem por mim, eu posso realmente ajudar agora, e descobri que posso dividir-me em muitos Andrews e todos eles podem sair separadamente, e mesmo assim serem usados em conjunto, por isso não pensem que o Padre Andrew está demasiado ocupado e que não devem incomodá-lo! Estou tão vivo, tão desperto e cheio de energia para ser usado e usado, não podem pedir-me ajuda vezes demais.»

Este é o meu primeiro Advento de Natal aqui. Vai ser muito emocionante. Estou tão grato a Deus por me ter chamado neste momento preciso, quando a terra dorme sob neve e geada e todos os pequenos espíritos da natureza estão a despertar as raízes, os bolbos e as árvores. Oh, as árvores! Estão a derramar cor, perfume e música. Estou

maravilhado e encantado! E como eu amo os pequenos espíritos da natureza — alguns que nunca tinha visto antes, na neve e na geada.

Não preciso do longo descanso que tantos insistem em ter. Eu já dormi e continuarei a fazê-lo de vez em quando — isso só acontece quando estou extravagante e descontrolado, quando absorvo mais raios do que deveria — vêem, continuo ainda um pouco guloso!

Mandem o meu amor a todos.

Andrew

* * *

A MINHA CANETA

Eu simplesmente tenho de escrever um momento. Conheço o teu irmão Joe e o teu marido, eles estão ambos a trabalhar comigo para o alargamento da consciência: este é o meu objetivo, não apenas para todos vós no corpo, mas para quando vierem para este lado.

Há um vasto número de pessoas inteligentes e espertas que nunca desenvolveram o órgão da aceitação — e aqui também permanecem inflexíveis na sua descrença. Isto só pode ser mudado sintonizando-se no nível delas com o grande Espírito da Terra. Toda a cura da mente e do corpo vem através do Espírito da Terra, na cuja vibração temos renascido repetidamente. Cristo veio para santificar este grande canal e torná-lo possível para o poder passar até nós através deste meio.

Há tão poucos de nós que conseguem aceitar o raio de Cristo diretamente, ele está tão além do nosso alcance; mas depois de permitir que ele passe pelo grande Espírito da Terra, ele torna-se acessível a nós. Aceita isto. Sempre houve os poucos que podem aceitar o sentido do Christos diretamente, mas para aqueles que não conseguem — e eles são uma grande maioria — devemos aceitar o meio do Espírito da Terra. Roc (Ogilvie Crombie) está aqui comigo, e ele afirma a mesma coisa, ele diz: «Pan veio à minha visão física para tornar isto mais claro e concreto. Deus move-se de forma misteriosa, para realizar as Suas maravilhas.»

Estou muitas vezes a trabalhar dentro da terra com o grande Espírito Materno. Vim com o vosso grupo ao Evereste, e agora estou com Ronald, a aprender com ele o ritmo intricado e encantador das correntes telúricas. Escreverei mais tarde…

O PADRE ANDREW NO ESPAÇO

Agora quero contar-vos sobre a minha vida. Não vou embora, mas vou em viagens e expedições pelo espaço exterior e para vários planetas e outros lugares. Estou freneticamente interessado nas diferentes formas de desenvolvimento e em como podemos ajudar e ser ajudados por elas. Já estive muito longe fora do nosso sistema solar, mas foi no próximo plano e posso dar pouquíssimos detalhes. As palavras não transmitem aquilo que conseguimos aceitar mentalmente, através da vibração. O efeito sobre nós próprios é esmagador.

Todo o nosso ser parece expandir-se para receber esta nova consciência; e depois, quando me volto a "embalar" de volta na minha velha forma e regresso à Terra, sinto-me constrangido, como se estivesse a usar roupas demasiado pequenas para o meu corpo imenso — mas agora já não tenho corpo como tal. Sou um grupo de vibrações que cresce para sempre, tornando-se cada vez mais complexo e, ao mesmo tempo, mais simples. Sou uma consciência na atmosfera. Sei que isso soa demasiado diáfano, mas na realidade estou muito mais concentrado no pensamento, e com este novo órgão etérico que direciona e foca o poder que emite. Ele também impulsiona, e consigo, com ajuda, decidir o destino.

No início fui guiado por um grupo de velhos amigos e pessoas que conheci tanto na Polónia como aqui, e eles levaram-me com eles. Eu não conseguia viajar sozinho, e o esforço de deixar a Terra era intenso. Amo a Terra, e ela não se separa facilmente dos seus filhos.

O puxão magnético é muito forte. Achei que nunca conseguiria… e então, de repente, estou livre. Sou o Andrew no espaço exterior, fora da área gravitacional que se estende no etérico muito mais longe do que no físico. Uma vez fora, estamos livres numa escala tão vasta que é quase assustadora, e de ter sido o Andrew expandido tornei-me subitamente um ser muito pequeno, tão minúsculo que mal existia, mas aquilo que havia era intenso, assustado, mas cheio de curiosidade. Os meus amigos também pareciam pequenos, mas eu estava grato pela companhia deles, e juntos prosseguimos através desta deliciosa zona de planetas e sóis.

Parecíamos passar por um número imenso de mundos em todos os tipos de desenvolvimento e diferentes graus de vibração. Havia cores que nunca tinha visto antes. Não tenho nomes para elas, mas cada uma tinha um efeito diferente sobre mim, e comecei a crescer novamente. Era como a Alice no País das Maravilhas. A cor ia crescendo na vibração correspondente aos mundos que íamos encontrando pelo caminho. Não sei qual era o nosso destino, mas era lindo. Não era como a Terra, dura e formada, mas cheia de cores enevoadas e dos seres mais belos.

Sei que tudo isto soa como um conto de fadas, e de certa forma é, uma cena atrás da outra de uma beleza tão de cortar a respiração que comecei a sentir que tinha atingido o auge da minha capacidade de aceitação. Supliquei por uma pausa, um descanso, e depois por um regresso a casa. De repente, eu era novamente o Andrew, na minha

velha personalidade, querendo apenas prazeres simples e uma beleza aceitável. Isto estava para além de mim.

Parecia que descansei e dormi — e quando acordei, tinha sido transportado de volta aos meus velhos pastos. Por isso veem, a vida aqui é cheia de incidentes. Mas levamos tempo a ultrapassar a nossa velha personalidade, se é que alguma vez a ultrapassamos.

Agora já escrevi o suficiente por hoje. Boa noite a ambos e obrigado. Estou tão feliz por poder escrever isto. Ajuda-me a refletir sobre tudo e, talvez, a abrir mais alguns canais de aceitação.

Com amor,
Andrew

IONA — PADRE ANDREW

Cynthia, fico feliz por escrever contigo aqui em Iona. Que lugar este é: chamam-lhe um lugar "fino", onde os planos se encontram sem película a separá-los.

Estou encantado por estar de volta entre os teus conferencistas. Diz-lhes para não terem medo de falar aqui neste maravilhoso meio da atmosfera de Iona, onde todas as coisas podem tornar-se verdadeiras se tiverem alguma verdade nelas, e aqueles que não conseguem aceitar a verdade não deveriam vir a este reino avançado!

Agora, esta ilha — é realmente um lugar rico. Só conseguem ver uma pequena parte e talvez sentir o resto. Eu percorri Iona. Entrei no solo e na rocha e desci até ao centro da terra, onde fui constantemente guiado e ajudado pelo grande Espírito da Terra sobre quem repousa a guarda destes lugares sagrados. Conheci São Columba! (Diz à artista que pintou o seu retrato que eu o reconheci imediatamente pelo parecido que ela criou).

Ele está cheio de juventude, fogo e impulso dinâmico… Oh, como anseio que todos vós caminhem entre nós aqui como eu faço, encontrando os Devas, os santos e os grandes Espíritos Angélicos. Quando voltei da minha viagem ao espaço, de que vos contei, fui encorajado a aprender mais sobre a Mãe Terra antes de entrar novamente nessas frequências elevadas, por isso voltei a Iona, e aqui encontrei a minha vibração exata. Já tinha estado aqui antes e aceitei isso como verdade enquanto ainda estava no corpo.

Iona tem uma história muito longa e remonta aos dias dos antigos continentes; e sentimos saudades do ensino e do poder que eram nossos noutra fase de existência. Mas não desanimem. Estão todos aqui para despertar o povo da Terra e muitos estão à beira da consciência. Estão todos a ser usados (se colaborarem) para ajudar no maior evento da história do vosso planeta. Pode parecer pequeno e insignificante, mas posso assegurar-vos que não é.

Incorporado em cada um de vós aqui em Iona está um conjunto de vibrações comunicantes, que foram trazidos aqui para vitalizar e desenvolver. Não há como voltar atrás no caminho. Têm de seguir em frente e os véus entre nós estão todos a levantar-se tão rapidamente. Imediatamente sob Iona há uma grande piscina dinâmica de fogo.

Sentem isso quando tocam aqueles pontos quentes na ilha, e mesmo que não o sintam conscientemente, eles registam-se no vosso corpo mais subtil. Eu vejo Iona agora como uma grande joia, com luz e cor a irradiar por todo o mundo; e uma das tarefas que assumi é transportar a chama de Iona e tornar o raio aceitável àqueles cuja aura está pronta para a iluminação.

Estive convosco todos na sala de conferências e ouvi com grande prazer tudo o que foi dito. Podem não concordar, mas sinto muito fortemente que agora chegaram a um ponto onde a doença já não deveria existir. Muitos estão a confundir os seus estados mentais e a correr para os medicamentos em busca de cura, quando a Mãe Terra poderia fornecê-la muito mais facilmente, se apenas pudessem voltar-se para ela e para o raio de Cristo. Mas todos querem algo novo, algo diferente, por isso eu recomendaria que buscassem ajuda nas árvores, nos rios e no mar. Não temos maiores curadores. Cristo usava os topos das montanhas, de onde podia atrair toda a terra e os poderes do céu para o seu alcance.

[No dia seguinte, sentado na costa oeste de Iona.]

Sabes, minha querida Pen, este é um lugar muito melhor para escrever e vou dizer-te porquê. Mesmo em frente, naquele pequeno outeiro, está um grupo de druidas que foram os primeiros amigos de Columba. Estão a cantar os velhos cânticos no etérico que dão poder, saúde e iluminação à ilha. São um grupo maravilhoso. Não se consegue facilmente distinguir um druida de um cristão pela aura, exceto que os druidas têm um conhecimento mais profundo da sabedoria antiga, enquanto os cristãos têm o raio de Cristo. Isso era muito contagioso, e os druidas estavam abertos a toda a infeção deste tipo; eles eram, em Iona, de uma ordem muito elevada de místicos.

Foram-me mostrados alguns dos segredos de Iona através deles. Um desses chamados segredos reside num método de desenvolvimento ensinado por eles que ajudava a alma, ao deixar o corpo, a passar para fora da aura da Terra e continuar sem reencarnação. Esta reencarnação constante era uma terrível maldição para aqueles que conheciam e aceitavam as vidas difíceis que os aguardavam; por isso, procuravam por todos os meios ao seu alcance ultrapassar a necessidade da vida física.

Não compreendemos isto com a mesma profundidade hoje. Muito poucas pessoas aceitam esta teoria, e as que aceitam encontram a vida muito menos árdua do que os nossos antepassados de séculos atrás.

Aqui, como em Chartres, no Egipto e na Grécia, havia uma escola para o avanço da alma em outras vibrações. Agora já ultrapassámos esse desejo, e quase ultrapassámos a necessidade. Temos o poder de voltar, como eu estou a fazer agora, para aprender e ensinar, e ao mesmo tempo de sair para o espaço quando estivermos prontos.

Não fazem ideia de quanto terreno foi coberto pelas gerações passadas; para nós na Terra parecia tudo mais ou menos igual, mas para aqueles que agora deixam o corpo encontram uma liberdade além de toda a conceção à espera deles.

Agora quero falar sobre o Eu superior. Esta foi uma descoberta de enorme importância para mim. Sempre tinha vislumbrado a possibilidade de haver um Andrew mais avançado algures, mas ele era tão ilusório. Eu realmente não sabia como ou onde procurá-lo… até que nos encontrámos! Fiquei ligeiramente embaraçado. Eu era um novato. Ele era eu próprio, mas mais sábio. Como iríamos cooperar? Ele era alto — eu era baixo. Ele era forte e atlético — eu era enrugado e franzino.

Ele era como um irmão mais velho e, no entanto, ele era eu. Falei com ele e perguntei como poderia ajudar-me a tornar-me como ele, e então ele pegou-me nos braços, como fariam com uma criança pequena, e soprou sobre mim — foi só isso, e eu, Andrew, tornei-me um só com este grande ser. Está além da compreensão ou explicação, mas é verdade. Somos apenas um muito pequeno reflexo do Eu que deixamos fora do corpo terreno, e quando aceitamos a morte e entramos na majestade de sair do físico, este maravilhoso alargamento da mente e do espírito está à nossa espera.

Agora, para vos dar um exemplo de como funciona. Enquanto eu, Andrew, estava a trabalhar lentamente no corpo, a aprender a mover-me sem ajuda física, a aprender a ver e ouvir, o meu outro Eu estava a fazer o mesmo numa escala muito maior. Assim, quando fazem qualquer pequeno esforço na Terra, o vosso Eu maior faz o mesmo, mas numa medida infinitamente maior. Tudo isto é tão excitante que já usei toda a nossa energia por hoje. Escrevamos novamente amanhã.

Entrega o meu amor a todos.

Bem, agora que estamos acomodados, eu realmente prefiro uma sala pequena. Sempre fomos ensinados a meditar nas nossas celas, e senão, a construir uma cúpula de pensamento à nossa volta. Hoje estivemos mais próximos do verdadeiro centro de paz, e quero que saibas que iluminei todos os teus oradores, um por um. Alguns deles trouxeram guias espirituais muito avançados.

Agora quero falar-vos sobre campos de força. Têm estado a discutir o plano T e outros. Isso está certo. Devem começar a aprender a sintonizar-se com estas diferentes camadas de consciência. Para mim eram apenas nomes antes de vir para cá, mas agora, embora veja que a nossa definição deles era muitas vezes falha, a ideia estava certa. Esferas de força são tão geométricas como tudo o resto que possam nomear. Mesmo as ondas que parecem tão aleatórias estão a cumprir um padrão, e quando deixam o plano terrestre e entram nestes reinos mais distantes, encontram plano sobre plano a sustentar-se e a entrelaçar-se como as pétalas de uma flor, ou muitas flores, cada uma com cor, som e forma.

Foi muito desconcertante para mim ao início ser bombardeado por tantas com tanta alegria e profusão.

Acabei por encontrar repouso ao lado do velho Abade, professor da minha juventude. Ele olhou para mim e disse: «Andrew, viajaste muito e foste um portador de tocha.» Isso surpreendeu-me. Eu pensava que tinha ido exatamente na direção oposta à maior parte do seu ensinamento! Ele viu o meu embaraço e riu, e de repente vi que ele era jovem e compreensivo, e tinha abandonado grande parte do velho ensino, talvez até tanto quanto eu próprio.

Apontei para as esferas de cor e pedi a sua ajuda. Ele explicou-mas em pensamento, o que é demasiado intricado para eu pôr em palavras. Se o Keith Critchlow estivesse aqui, talvez conseguisse explicar em símbolos, mas mesmo eles não vão longe o suficiente. Terão de alcançar em pensamento para além da linguagem antes de poderem captar a majestade e o significado das esferas T.

Mas agora para voltar ao plano terrestre. Aqui em Iona vejo St. Oran. A sua capela e a sua própria personalidade estão impressas aqui. Que maravilhoso direcionamento para o crescimento espiritual. Depois de ter investigado o mais longe que posso com o meu intelecto, sigo em frente com um novo sentido de que me foi dado algo que ultrapassa o intelecto, mas ainda pensa com uma mente de uma ordem separada; isto é confuso, mas muito estimulante.

Sinto-me quase como se estivesse a pensar ao lado dos Cristoificados. Mas claro que isso é disparate, e não me devem encorajar nestas ideias extravagantes. Sejamos práticos. Devemos ensinar-vos primeiro a ver e ouvir. Uma vez aprendidas, estas lições têm um valor infinito aqui. Peço-vos, com todo o vosso trabalho prático, que parem e sintam. Falem com as árvores e flores como vos mostrei: quanto maior a vossa consciência, mais rápida será a vossa visão ao chegarem aqui. Agora terminei por hoje, mas novamente amanhã, por favor.

Cynthia, escolheste um bom lugar, ou, para ser exato, fui eu que o escolhi. Eu costumava vir aqui há muito tempo, quando era um humilde Irmão, fugir do trabalho e vir aqui para rezar.

Eu usava este pequeno recanto sem vento de onde podia ver o outro lado da ilha, a Terra à qual tinha pertencido — o Velho Continente. Nem toda Iona é tão antiga, mas o lado distante certamente é. Quão antiga não te posso dizer, e não tem importância.

É uma ilha bela, aguçada de poder, e por essa razão deve sempre ser mantida nos raios do amor, caso contrário poderia tornar-se no que vi acontecer na Polónia e na Rússia, o centro mais demoníaco.

Eu volto lá muitas vezes. É uma das minhas tarefas libertar estes centros mal utilizados. No presente só podemos acumular o poder para o bem contra o dia em que Cristo permita algum elo humano, algum Mestre em forma humana para vencer e transformar a terra.

Tenho a certeza de que esse dia não está longe. Os Mestres estão prontos e à espera do seu chamamento para a Rússia, Polónia e Checoslováquia. A tribulação sempre traz

força, e verão um despertar tremendo. Mas tudo está sempre ligado a tudo o resto. Quanto mais dinâmicos conseguirem tornar Iona, quanto mais avançado o vosso grupo puder tornar-se, mais depressa tudo isto acontecerá.

Uma grande mudança ocorreu nas últimas décadas. É a expansão que se vê entre todos os nossos grupos. Já não falamos das doutrinas secretas. Não nos mantemos encerrados. Saímos e damos e partilhamos, e só assim podem desenvolver-se e crescer. Viram o que aconteceu no Tibete, e antes disso na Grécia e no Egipto. O segredo significava desligamento da Terra e nenhum avanço posterior em mente ou matéria.

Agora, para voltar a estes campos de força que tanto vos interessam. O Campo L e o Campo T. Eles existem dentro do corpo humano e também dentro de todos os organismos em crescimento. Não estou certo de que não existam também nas rochas.

Têm de compreender que tudo o que é criado por Deus está vivo, respira, até pensa em diferentes níveis, mas está sintonizado com a nossa evolução. Somos responsáveis pelo crescimento ou esterilidade. Podemos fazer muito mais com o nosso planeta além de apenas o saquear e destruir; e por essa razão espero que venha em breve um momento em que outros seres se juntem a vocês na Terra para mostrar e demonstrar outra forma de viver.

Quero que alcancem em pensamento estes seres superiores pedindo a Cristo que traga os seus Cristoificados dentro da visão terrestre. Este é o plano para o qual devemos preparar-nos. Foi chamado de Segunda Vinda. Mas não é de todo como a Vinda original de Cristo. Isto acontecerá primeiro lentamente, e por todo o mundo aparecerão pessoas possuidoras de grande força e poder dinâmico.

Eles não irão comandar. Manter-se-ão em passo com todos vós, em todos os diferentes caminhos da vida, mas lentamente, suavemente, irão imprimir o raio de amor, e a sua influência gentil será sentida e guardada. Levem isto para a vossa mente consciente e mantenham-se alertas para encontrar, como bem poderão fazer, um destes seres avançados. A Terra está madura para este evento, e há um número crescente de despertos agora no corpo. Assegurem-se de que o número cresce e não percam o ânimo devido à aparente futilidade dos vossos esforços.

Andrew.

Campo da Vida — ver Blueprint for Immortality, de Harold S. Burr MD, Neville Spearman, 1972.

Cartas de Joe (Sir Alvary Gascoigne, irmão de Cynthia)

Estas cartas são do meu irmão Joe, que serviu nos Inniskillen Dragoons na Índia antes da Primeira Guerra Mundial. Regressou com o seu regimento à França em dezembro de 1914 e trocou para os Coldstream Guards, com quem serviu até ao fim da guerra. Depois fez exame para o Serviço Diplomático e serviu durante mais de quarenta anos em todo o mundo, incluindo um longo período no Extremo Oriente.

Adorava lugares selvagens e tinha a verdadeira paixão do viajante por aventuras desafiantes e fugas por um triz. Ao deixar Pequim, caminhou sozinho de Cantão através do Iémen até à Birmânia, seguindo notas feitas pelo Coronel Pereira na sua primeira viagem. Joe teria adorado fazer mais viagens assim, ou também alguma escalada séria, mas as exigências da sua carreira tornaram isso impossível. — C.S.

DESCRIÇÃO DO JOE SOBRE A PRÓPRIA MORTE

Tive uma boa noite de sono revigorante na minha última noite na Terra, e quando vocês os dois vieram ver-me, eu estava num estado a roçar um relaxamento agradável. Cada parte de mim parecia estar a desligar suavemente, e quando o último interruptor foi pressionado, de repente percebi que estava a flutuar acima do meu corpo. Instintivamente dirigi-me para a janela. A Mãe estava lá, mas eu não a podia ver. Ela disse que as minhas primeiras palavras foram: «Graças a Deus que acabou — nunca pensei que conseguisse passar por isto,» ao que ela desatou a rir, e esse foi o primeiro som etérico que ouvi. Olhei em volta e só vos vi a ti e à Lorna*, obviamente o riso não vinha de vocês. Mas passados alguns momentos senti os braços dela à minha volta e reconheci a sua voz.

Nada na vida se compara à imensa alegria de morrer.

A morte foi transformada num bicho-papão tal que é só através do sofrimento e do grande desconforto que somos persuadidos a largar e a cooperar com a morte. O corpo luta para manter-se vivo a qualquer custo: é o instinto inato do cérebro corporal, por isso temos de reeducar este cérebro corporal até ao ponto em que ele aceite e abandone o seu poder sem esperar que o espírito seja arrancado através da dor e da doença.

* A sua esposa.

Verão que cada vez mais pessoas simplesmente morrem no seu lugar, que é a forma ideal de partir. Disse-vos que tinha sentido uma estranha sensação de poder que parecia puxar-me para fora do corpo nos últimos dias da minha doença. Eu estava irremediavelmente doente, e sabia-o, por isso acolhi bem esta entrada de nova vida e larguei muito de bom grado. Foi por isso que não demorei a partir.

Têm de perceber que, quando já aderiram ao «Clube», a partida não pode ser muito adiada, e devem estar prontos a receber o poder que vos retira do corpo de forma totalmente indolor. É a coisa mais bela e gloriosa. Vejo tanta gente a prolongar a vida completamente desnecessariamente. Se largarem as rédeas, por assim dizer, ao grande Criador, expressando a vossa prontidão, então a vida é retirada de forma suave e amorosa, e o dossiê do vosso esforço terrestre é encerrado.

Não estamos destinados a sofrer na morte. Dizem-me que Cristo, pelo seu sofrimento na Cruz, renunciou à necessidade de dor ao passar pela morte. Agora dizemos: relaxa e deixa a vida fazer contigo o que quiser. A vida comanda; tu concordas e cooperas.

Isto é tremendo. Sinto-me ligeiramente embriagado e não muito firme nos pés, mas extremamente feliz e cheio de um sentido de bem-estar. Não sinto que devesse estar assim, mas estou.

Fui levado a Scarba. Disse: «Vamos dar a volta por trás da ilha para olhar em direção a Mull.» Fiquei dominado pelos maravilhosos aromas e sons e toda a beleza cintilante daquilo tudo; por isso simplesmente sentei-me na urze e tentei recordar como é que tinha lá chegado e porque é que amava tanto aquilo. A Mãe, o Douglas* e a Pat partilham todos este sentimento. Eles trouxeram-me aqui para me dar força. É o mais maravilhoso tónico — nenhuma injecção no braço poderia ser mais eficaz. Levantei-me sentindo-me como nos velhos tempos, quando corríamos pela ilha até às grutas dos pombos ao amanhecer. Na verdade, percebi que já tínhamos deslizado até essas mesmas grutas no outro lado da ilha, com vista para Corrikrecken. Que magnífico espetáculo!

***** O seu filho.

Depois, lembrei-me da minha vida em fases à medida que crescia. A guerra, o casamento, os filhos, o exame para o serviço diplomático. Os meus postos foram passando lentamente pela minha mente como um cinema. Continuei a trabalhar em cada um dos nossos postos no estrangeiro. Paris, China, Hungria, Marrocos, novamente Hungria depois da guerra. Japão e Moscovo; e no filme surgiam as figuras cintilantes dos cães da Lorna: estavam em todo o lado, mas eu não conseguia separá-los, até que uma poodle se apegou a mim e eu lembrei-me da Maruka. Devo ter chamado «Maruka» e, de repente, ela estava ao meu lado a roçar-se em mim e a mostrar grande prazer como sempre fazia. Que alegria revê-la. Peguei nela e abracei-a. Ela era tão real e tão parte da minha antiga vida.

Não posso escrever muito e o que quero dizer não deve ser demasiado complicado, por isso vou deixar que a Mãe o faça por mim.

(Joe perguntou pelo funeral e a mãe explicou.)

Joe estava ansioso por saber o que tinha acontecido desde que saiu do hospital. Eu contei-lhe sobre a cremação e que as cinzas foram espalhadas em Captain's Wood. Ele pareceu gostar dessa ideia. Depois contei-lhe que tinham feito um serviço memorial em Aberford. Ele gemeu e disse: «Suponho que isso era inevitável.»

Depois acrescentei: «Tens a oportunidade de estar presente no último rito, se quiseres.»
«O último rito!» exclamou ele, «mas certamente já acabou tudo.»

Disse-lhe que ainda havia outro tributo, no qual o Douglas seria incluído, na Guards Chapel. Ele pareceu muito confuso e disse:

«A Guards' Chapel? Essa foi destruída na guerra.»

«E reconstruída,» acrescentei.

Ele pareceu meditar nisto durante algum tempo e depois disse:

«Se isso é mesmo verdade, então suponho que devia estar presente.» E depois riu-se e acrescentou: «Não creio que vá importar a alguém se eu estiver lá ou não, pois não?»

Eu disse: «Sim, importa. Pode ser o primeiro elo de comunicação entre ti e a Lorna. Um grande poder é gerado em vários planos nestes serviços e não tens ideia de como pode ser bem utilizado. De qualquer forma, se quiseres vir, estaremos todos lá contigo, e o Douglas tem uma menção especial no serviço, por isso ele vai participar, e tu podes aprender a oficiar.»

Isto fê-lo rir de novo: «Oficiar? Que extraordinário. O que queres dizer?»

«Quero dizer que, quando estás no corpo etérico e assistes a um destes serviços, és o elo natural entre a congregação (aqueles no corpo físico) e a Divindade.»

Isto abalou-o e ele disse: «Mas eu não poderia fazer isso. O Douglas talvez, mas eu não. Nunca fui um cristão sério, nem acreditei nas igrejas.»

Respondi: «As igrejas contêm poder etérico bem como algum poder espiritual, e ambas estas linhas de força estão agora no teu território.»

Ele disse: «Não compliques demasiado ou vou perder o equilíbrio. Apenas diz-me simplesmente o que tenho de fazer.»

Então expliquei-lhe onde devia estar e como ele se posicionaria entre mim e o Douglas, com a Pat a formar o triângulo. Três é sempre importante. Disse-lhe como estaria rodeado pelo nosso poder, que veria todos vocês claramente e poderia passar bem perto da Lorna, tocando a sua aura — isso é importante — e depois seguir até ao Santuário para ficar perto do altar, e que poderíamos estar ligeiramente acima do chão, fazendo-o sentir-se bastante alto.

(No dia seguinte)

Isto foi uma reentrada muito emocionante no mundo material para o Joe.

A capela estava cheia de antigos amigos do Joe das guerras, do serviço diplomático e do antigo círculo doméstico. Aqui vai um resumo do que ele disse sobre isso depois:

«Não fazia ideia do que um serviço podia significar. Estou absolutamente estupefacto e maravilhado. Entrei flutuando convosco e com a Pat, sem esperar nada e a sentir-me algo fraco. Depois, à medida que avançávamos na igreja, algo aconteceu comigo. Fui irresistivelmente levado para o altar, e ficámos ali, virados para os feixes de luz dourada que pareciam vir de toda a congregação e, ao virar-me para o altar, vi um fluxo maravilhoso de luz azul suave que parecia cobrir-me e acalmar-me.

O dourado era excitante e fazia-me sentir quase de volta ao mundo, mas a luz azul fez-me parar para pensar: 'Onde diabo estou eu e que novos mundos se estão a abrir diante de mim?' Havia algo na música que parecia estar a dar-me um sentido extra de visão.

Conseguia ver muito mais claramente quando o coro cantava, especialmente num momento em que todos vocês sobressaíam individualmente por toda a igreja. Conseguia ver cada pessoa, não como num grupo, mas separadamente.»

JOE EM CHARTRES E NO EVERESTE

Quero contar-vos sobre a minha última visita a Chartres.
Eu não era muito fã de igrejas, como sabem. Mas sabia que Chartres não era uma igreja qualquer. Quando entrei, encontrei uma multidão de etéricos; alguns saíam radiantes, outros entravam deprimidos. Alguns estavam nos seus corpos de sono, outros eram levados por amigos, tendo acabado de passar por dor ou outra grande angústia e precisando de tratamento especial.

Todos eram levados para o centro da nave, onde fica o círculo de pedra, para descansar e reajustar-se antes de terem aquilo a que os ajudantes chamavam 'a grande experiência'. Alguns estavam paralisados, outros em grande sofrimento mental. Vi os ajudantes a endireitarem-lhes os membros, e sobre todos eles caíam os maravilhosos raios de cor vindos da rosácea. A cada um chegava uma cor diferente, conforme a sua necessidade. Os mentalmente perturbados recebiam verde, os deprimidos azul e suaves tons de rosa e vermelho; e os completamente exaustos eram embebidos em raios dourados e assim por diante.

De repente percebi que conhecia uma das ajudantes e, quando ela se virou, reconheci a Hilda, que tinha sido uma velha amiga da minha juventude. Ficámos tão contentes por nos reencontrarmos, e ela deixou-me conhecer a técnica de cura. Ela lidava principalmente com depressão e medo. Disse-me que quase toda a gente chegava neste estado; muito, muito poucos vinham de boa vontade, por isso tantos gravemente doentes se agarravam à vida por tanto tempo.

Ela tinha ao seu cuidado uma mulher idosa, um homem e uma criança de cerca de dez anos. Não eram parentes e ela tratava cada um separadamente, deixando-me ajudar. O homem era velho e doente e tinha passado durante o sono, por isso era um caso fácil; ela colocou-o num raio azul com bordas douradas para acordar devagar. A mulher estava mentalmente perturbada, por isso recebeu o raio verde com uma gloriosa infusão de ouro que a acalmou e automaticamente se transformou num azul radiante. Os traços torturados relaxaram e ela adormeceu.

A criança estava acordada e miserável, agarrava-se à Hilda, que sempre teve um grande jeito para crianças. Ela também foi rapidamente acalmada e adormeceu.

Eu disse: «E agora?»

«Espera para ver.»

Mas nesse momento vi outra mulher a ser trazida. Ela estava irritada e incomodada por não fazerem mais por ela. «Eu disse ao médico», continuava ela, «eu sabia que ele

estava errado, fui ficando pior e pior com aqueles comprimidos horríveis e sem outro tratamento e agora…»

«Bem, como te sentes agora?» interrompeu a Hilda.

«Quem és tu? Não és a minha enfermeira — porque é que ela não está aqui? Eu toquei a campainha.»

«Sim, e depois saíste do teu corpo e vieste comigo, não te lembras?»

Ela pareceu confusa e depois disse: «Sim, claro, tu vieste com aquele vestido lindo dourado: era como um raio de sol, e quando pensei que ias deixar-me, eu chorei, e tu disseste: "Vem comigo," e eu vim! O que é que me fez fazer isso?»

«O teu conhecimento de que nenhuma cura poderia alcançar-te naquele lugar. Agora vamos curar-te com raios de luz e tu vais dormir.» Voltando-se para mim, disse: «Observa.»
Vi um olhar de maravilha surgir no seu rosto irritado e ela relaxou num sorriso, permitindo-se afundar num banco etérico e adormecer...

Nesse momento a Hilda sussurrou-me: «Vem até ao Santuário. Isto é apenas o começo. Muitos dos que dormem na nave não irão mais longe por agora. Acordarão e sairão para o plano do despertar, mas aqueles que estão mais avançados acordam e derivam naturalmente para o Santuário. Aqui temos as vibrações da memória e do desenvolvimento da sabedoria, cujas vibrações só podem ser manipuladas por pessoas muito avançadas.

Acho que conheces uma delas aqui. Ela chama-se Flo, e eu vou levar-te até ela.» Assim, levou-me até uma mulher alta, de aspeto amável, e disse: «Acho que muitas vezes tentaste ajudar o teu primo Joe em vida.»

Ela virou-se e olhou para mim e soube logo que uma corrente de poder vinha com as suas vibrações, algo que eu tinha experimentado em raros momentos de necessidade durante a minha vida passada. Fiquei encantado por conhecê-la. Que mulher, pensei eu, e que líder.

TÂNGER DURANTE A GUERRA

É extraordinário estar aqui depois da minha experiência em Volubilis com o Douglas, e agora saltar umas duas dúzias de séculos e estar aqui de novo com a Lorna, a receber a notícia da morte do Douglas. Tudo isto faz uma espécie de confusão na minha mente, que me custa ordenar. Mas os dois permanecem inalterados na sua realidade. Douglas e Lorna. A Lorna a apoiar, e o Douglas a passar como um meteoro pelas minhas vidas, deixando-me para trás.

Quando olho para Tânger, vejo-a e vejo todas as pessoas que conheci e com quem trabalhei. Alguns já estão deste lado e eu já os encontrei, outros ainda não. Mas sobre

tudo isto paira a ansiedade – conseguiremos resistir? Na Grã-Bretanha – ou em Tânger? Conseguirei eu continuar a segurar os fios com Espanha? Irá Espanha falhar-nos? Um país atrás do outro caiu como peças de dominó, França, meu Deus! Como sofri quando soube que a França tinha capitulado! Todo o meu sangue francês revoltou-se. Eu não conseguia aceitar ver a França derrotada, com a Linha Maginot simplesmente contornada! Foi tudo fantástico. A minha mente girava e tropeçava perante todas as catástrofes de 1940; e agora olho para trás e vejo o brilho brilhante da defesa do Dowding.

Aliás, já o encontrei de novo – um tipo formidável. De facto, temos observado juntos o molde da história. Isto é algo absolutamente incrível para mim; parece que cada evento na Terra lança um reflexo numa faixa sensível de substância no éter, e nós podemos, ao observá-lo, calcular o efeito que cada evento teve sobre o resto da era.

Por exemplo, quando olho para a terrível catástrofe em França em 1940, vejo tudo iluminado brilhantemente pela Batalha de Inglaterra. Vejo os homens que morreram naquela luta a continuarem com os seus camaradas nos aviões sobreviventes, levando-os à vitória. Foi praticamente vencida por aqueles que morreram e caíram em terra ou no mar, saltando para fora dos seus corpos e entrando nos aviões sobreviventes. O Hugh mostrou-me tudo isto entre risos, dizendo: «Se ao menos eu soubesse disto na altura.» Mas, em vez disso, eu lamentava cada homem como se tivesse sido meu próprio filho.

Aquele clarão queimou a alma do Hitler. Foi um sucesso maior e mais de longo alcance do que ousávamos esperar em Tânger. Mas como nos animou! Lembras-te de ouvirmos todos os dias os números de aviões abatidos pelos nossos rapazes? Comecei a ter esperança de que talvez sobrevivêssemos. Mas ainda havia muitos e longos anos para combater primeiro, mas a minha, a minha Lorna, sempre disse que iríamos ganhar! Mas tu sabes como eu tremia quando pensava na Inglaterra praticamente sitiada. Oh, como me apoiavas bem nesses dias terríveis. Deve ter-te custado muito, sustentar-te por nós os dois. Mas pareces ter tido uma espécie de pré-visão sobre muitas outras coisas também.

Eu amava Tânger fundamentalmente, mesmo quando estava quente e a colónia se tornava insuportável. Vivíamos sobre os nervos uns dos outros – tudo isto agora está reflectido na faixa etérica.

Mais uma coisa que te devo contar é sobre os cães. Eles estão refletidos na faixa etérica, a correr para dentro e para fora das nossas vidas, absorvendo tantas vibrações desintegradoras; na verdade – e digo-to com toda a humildade – os cães eram como desinfetantes mentais na casa. Eles são sempre, mas durante a guerra superaram-se, e Deus sabe o que teríamos feito sem eles. Vejo agora que os cães têm uma missão muito especial, e a Maruka torna isso mais claro para mim todos os dias.

Fomos ambos criados na costa oeste de Argyll e conhecemos bem Iona – a nossa ilha favorita era Scarba.

A minha próxima visão foi de Iona. Aqui, de alguma forma, tornei-me responsável pelo barco ou barcos pertencentes aos monges. Era uma vida muito simples e, suponho, dura; mas eu era feliz e sentia-me seguro.

Lembro-me de ter sido enviado com um grande líder através das ilhas. Poderia ter sido São Columba, mas não creio. Ele era capaz de usar vários raios de poder mental, e eu nem sempre lhe era necessário para transporte. Às vezes parecia usar apenas levitação, mas noutras ocasiões vinha ter comigo para ajudar, e nós navegávamos juntos. Tenho apenas memórias fragmentadas dessas travessias enquanto lutávamos contra o mar num barco muito pequeno e rudimentar.

Mas sei que nunca temi não chegar a porto seguro se ele estivesse comigo, nem houve um momento de aborrecimento com este homem a bordo. Ele era alegre, forte e cheio de riso, e também cheio de interesse; eu sabia que ele estava a explicar coisas que eu não conseguia compreender então; mas ficaram no meu subconsciente e estou a recuperá-las pouco a pouco agora.

Ele estava sempre a insistir que o Poder era imortal, e que algo de grande poder tinha sido criado no início do mundo em Iona. Dizia que éramos muito sortudos por termos feito contacto com esse poder, e que ele sempre fluiria através de nós sob a forma de uma corrente magnética. Depois, enquanto falava, dizia de repente: «Ah, agora apanhámos um, hoje não vou precisar da tua ajuda,» e com isso ele era levantado para fora do barco no ar, a caminho da ilha do seu destino, enquanto nós navegávamos lentamente no seu rasto.

OS NOSSOS EU SUPERIORES

Cynth, isto está melhor. Estou a levar uma vida absolutamente extraordinária. Não tenho uma residência fixa, por assim dizer, mas quando me apanhei a pensar com saudade em Scarba – lá estava eu! É muito diferente neste plano e, no entanto, exatamente o mesmo. Descobri que estou extremamente próximo do Douglas. Ele fez de Scarba neste plano, que parece situar-se imediatamente acima da ilha física, a sua base terrestre. Ele e o Pai juntos parecem ter atraído vários raios que fazem uma pessoa sentir-se absolutamente maravilhosa. Depois de me sentir doente durante tanto tempo, não consigo exprimir-te o que esta abundância de saúde e força significa para mim.

Como esta é a base terrestre do Douglas, ele está sempre aqui, de alguma forma. Essa é outra estranha descoberta. Ele deixa uma parte de si aqui e chama-lhe o seu corpo extra. Mas não precisa de parecer um corpo. Pode ser um riacho, uma rocha ou um animal que contém a sua personalidade e se torna no seu eu ativo, enquanto o seu eu superior está noutro lugar.

Eu não fazia ideia sobre os nossos eus superiores. O Douglas fez contacto completo com o dele, mas a maioria de nós somos pedaços quebrados: o corpo da vida terrestre

parece ter contido apenas uma pequena parte de mim, e há um Joe muito mais agradável – de facto, um Joe demasiado agradável – que está à espera de mim, o Joe imperfeito, para assumir!

Está tudo completamente fora do meu campo de pensamento e às vezes sinto-me tão confuso com tudo isto que tenho saudades da simplicidade da vida na Terra (mesmo sob o governo trabalhista!).

Mas esses humores não duram muito. Tudo aqui é muito mais intenso. Todos vocês contam muito mais vitalmente na minha vida. Comecei a perceber, de forma quase aterradora, o quão verdadeiramente e imensuravelmente eu estava ligado à Lorna. Não é apenas um apego de uma vida, e ela não me pode sacudir agora, faça o que fizer. Descobri que todos pertencemos uns aos outros há séculos – se é que tais coisas como séculos existem – por isso tenho de tentar ajudar-vos a todos, pois não podem evitar ajudar-me a mim! Está tudo muito interessante.

A Pat instiga-me a reunir uma substância que ela chama de 'umph'. É um tipo especial de energia que pode fluir entre ti e mim e que me permite este poder de pôr por escrito os meus pensamentos e sentimentos e libertar uma imensidão de indefinições do meu sistema.

Não tens ideia de quão renovado e livre me sinto depois de ter escrito uma carta através de ti. Não posso escrever mais agora, mas deixa-me fazê-lo novamente amanhã.

Mas voltando ao mar. Podemos abrir ou fechar a capacidade de ver e ouvir, e assim prosseguimos com plena consciência.

O mundo subterrâneo do mar à volta das nossas ilhas da costa oeste é absolutamente encantador. É um País das Fadas – intocado pela profanação do homem. Eu poderia ter ficado ali para sempre, mas os outros apressavam-se. À medida que deixávamos a superfície, a vida tornava-se mais do tipo serpentino. Não registamos frio, mas eu podia ver os seus efeitos sobre a vegetação marinha.

Outras luzes estranhas começaram a brilhar sobre certos locais e descobrimos que eram buracos ou túneis que levavam para dentro da terra ou do oceano. Era novamente uma radiância bem diferente da da Terra; e uma cadência de som ou música que não consigo definir parecia ter um poder hipnótico – não um que nos entorpecia os sentidos, mas que os aguçava.

Segui com os outros pelo túnel, que parecia revestido de ouro; a luz que saía dele era ofuscante. Atravessámo-lo, sem parar, até eu começar a perguntar-me se em breve chegaríamos à Nova Zelândia! Então a luz mudou e pareceu haver uma lufada de ar trazendo o aroma de flores e árvores. Quase parecia terrestre, e emergimos do túnel para um promontório de radiância que é simplesmente indescritível.

Voltei-me para o Arthur – ele já tinha penetrado por este caminho antes e estava habituado à mudança. De repente, encontrámo-nos com outros seres como nós, que também estavam a explorar, e outros que tinham feito a viagem há muito tempo e

tinham encontrado este estranho oásis de luz, usando-o para o desenvolvimento de outros sentidos.

Não posso dizer-te o quão excitante foi e como eu esforçava todos os nervos para absorver e compreender tudo à minha volta, coisa que eu não teria conseguido fazer sem essa estranha vibração hipnótica que parecia manter-me alerta o tempo todo.

Fomos levados para um grande círculo de pessoas, algumas das quais comecei a reconhecer de outras vidas, e com uma súbita explosão de reconhecimento vi o monge de Iona, de quem tinha sido barqueiro há muito tempo. Eu sabia que era o mesmo homem, mas agora ainda mais dinâmico e muito mais avançado – agora para mim até divino.

Agarrei-lhe a mão e reencontrámo-nos. Foi o momento mais estranho. Se não tivesse sido mantido são pela presença da Pat e do Douglas, acho que teria dissolvido em nada! Essa é a sensação que estas experiências nos dão – de que estamos a descartar cada vez mais os pedaços inúteis da nossa personalidade – com um terrível receio de que, em breve, possa não sobrar nada. Mas a Pat e o Douglas apenas se riam dos meus medos.

VIAGEM PELO MAR – II

Gostaria de terminar a minha descrição da minha primeira viagem submarina. Deixei-te no Promontório de Luz, onde os antigos monges de Iona tinham feito um centro, ou de onde, melhor dizendo, o poder de Iona originalmente emanava. Disseram-me, depois de me terem mostrado os centros de poder à superfície da Terra, que agora me iriam mostrar de onde vinham e como surgiam.

Todos sabíamos que o poder de Iona datava de tempos pré-históricos e que os monges tinham sido guiados para o reunir e proteger, mas como é que ele se originou?

Deixando o nosso oásis de luz, passámos para uma atmosfera azulada muito parecida com o céu terrestre. Nem a água nem a terra nos pareciam sólidas. Podemos passar através de todas as substâncias naturais, e disseram-me que estávamos na realidade a atravessar a chamada Terra sólida.

No início, quando os planetas do nosso sistema solar foram criados, uma vasta explosão de força divina foi autorizada a entrar nas nebulosas e, trabalhando a partir do centro de cada nuvem gasosa, a força começou a circular e, ao fazê-lo de forma circular, iniciou o primeiro elemento de movimento, crescimento e poder; e à medida que os mundos se tornaram prontos para sustentar vida, o sistema de movimento continuou por toda a criação: o fluxo das marés e das estações.

O fluxo do sangue foi então criado como o portador da corrente divina da vida; e assim, em cada entidade viva e em movimento, o movimento tornou-se vida em todos os seus diferentes ritmos.

Estávamos a ser mostrados apenas o que podíamos aceitar, e comecei a perguntar-me se a minha capacidade de aceitação estaria à altura da tarefa.

Esta perda completa da sensação tangível da Terra, que para mim agora não era mais do que um céu estendido, estava a cortar-me o chão debaixo dos pés com vingança. Disse isso ao Douglas, e ele riu-se e respondeu: «Agarra-te ao pensamento de que o físico é real, isto é apenas outra forma dele e não queremos que percas o contacto com a Terra durante muito tempo ainda – és um bom elo no papel!» Assim, sentindo o calor de tanto elogio, continuei a dizer para mim mesmo: Apenas Terra sob outra forma – água transformada em vapor, e seguimos em frente.

Por vezes passávamos por feixes de luz obviamente direcionados para o centro da superfície terrestre: estes tornaram-se cada vez mais frequentes até eu começar a ter uma nova sensação por completo. Não consigo descrevê-la; havia um rugido profundo e trovejante, que, embora trovejante, nunca era ensurdecedor: era mais como um coração gigante a bater e pulsar de uma forma tão pessoal que cada um de nós parecia responder como se tivéssemos deixado de ser indivíduos separados e estivéssemos todos ligados a essa vastíssima força pulsante.

Em vez de me sentir incapaz de absorver mais, sentia-me revigorado e forte, como se estivesse a ser cheio de energia como um balão a ser insuflado! Estava a crescer, pelo menos era assim que me sentia. Olhei para a Pat e para o Douglas para ver se eles também tinham mudado, e tive a mesma estranha sensação que tive no Natal, quando eles me levaram para o éter superior e todos nos tornámos invisíveis uns para os outros. Aqui estava de novo, este grande Poder Crístico a atravessar-nos, a criar e recriar cada célula nos nossos corpos cristalinos.

Disseram-me que este era o centro da Terra, a central de energia de onde toda a vida surgiu e para onde toda a vida física deve retornar.

REINO ANIMAL MARINHO

Bem, todos nós crescemos lentamente, mas sabes que a morte muda-nos a todos consideravelmente. É a liberdade completa. Sem dinheiro com que nos preocuparmos, sem problemas de saúde, sem posses – porque possuímos tudo. Talvez o emprego, ou a falta dele, seja o teste mais severo. Eu senti muito a perda do meu trabalho na Terra, e nunca consegui adaptar-me a outra coisa. Aqui, encontrei a constante excitação e a novidade e consciência das nossas novas habilidades, que me tiraram o fôlego, e missões curtas constantes mantinham-me alerta, mas continuidade não parece existir.

É uma mudança constante. Talvez a Flo possa dizer-te como consegue manter a regularidade do seu raio de cura, mas penso que mesmo isso flutua. Esta é uma das novas condições de vida.

Aqueles que vêm depois ou durante uma longa vida de rotina sentem primeiro um grande alívio e depois um grande vazio. Pediram-me para ir ajudar alguns do nosso próprio pessoal de escritório. Eu conhecia alguns deles e estavam cheios de alegria de viver, mas todos diziam: «O que fazemos agora? É como umas longas férias, mas isso não chega.» Então sugeri viagens, e porque não visitar as costas e ir debaixo de água como a tua cunhada, Dorothy?

Um homem fez isso e voltou cheio de entusiasmo. Tinha feito contacto com tubarões e baleias e descobriu que eram excelente companhia e não nada anti-humanos como esperava, mas igualmente curiosos sobre nós e muito ansiosos por explorar o nosso mundo. Então ele trouxe algumas baleias e golfinhos para o nosso éter superior, e tive uma longa conversa com eles enquanto se remexiam na nossa atmosfera, parecendo igualmente confortáveis entre as correntes etéricas. Eles têm padrões de pensamento muito claros, que estou a aprender a sentir. O teu Arthur é um perito em padrões de pensamento e ensinou-me como os distinguir.

As baleias ficaram encantadas por serem recebidas pelo Homem, e disseram que tinham sido excluídas do contacto humano durante séculos e séculos, e agora finalmente chegara o momento em que podiam entrar no éter e fundir os seus grandes poderes com os nossos. Isto fascinou-me, eram tão grandes e tão radiantes. Têm um comprimento de onda diferente do nosso e um tremendo poder tanto para emitir como para absorver os raios. No fim, o nosso desenvolvimento, aqui ou convosco, depende inteiramente da nossa capacidade de dar e receber. Lembras-te do velho ditado? És radioativo? Bem, é exatamente isso que as baleias são.

Eu nunca tinha ido muito longe debaixo do mar, embora tivesse explorado Corrikrecken, mas naquela altura não estava a captar todos os elementos complexos. Agora descobri que esta hierarquia da vida marinha avançou muito além de nós na linha do pensamento. É um trabalho árduo fazer um simples raciocínio no nosso velho ambiente físico; o ar não recebe nem transmite ondas de pensamento tão facilmente como a água.

Marconi descobriu isto quando entrou na água no seu estado etérico.

Ele disse: «Agora posso escutar para trás e para a frente. Posso ouvir o Sermão da Montanha, ou o seu equivalente expresso no mar, e posso escutar para a frente as palavras do Grande Cristo a falar àqueles suficientemente avançados para compreender.»

Há outra sensação esmagadora da presença de Cristo na água. Estou prestes a descobrir essa faculdade, e amanhã gostaria de te contar sobre a minha primeira grande viagem submarina.

PLANTAS, NAVEGAR, IONA,

DOROTHY E AS SUAS CRIATURAS MARINHAS

Tenho imensa vontade de tentar dar-te uma imagem da vida deste lado. A Lorna aceita tudo o que escrevo, mas ainda não consegue pensar em mim como realmente vivo. Quero que ela saiba que estou por perto, que os meus dias (e não noites) estão divididos em períodos em que estou com ela em H.L. ou no mundo mental criado por ela – quero dizer, no seu pensamento.

Todos criamos um mundo mental para o qual recuamos e no qual temos uma sensação real de vida. O da Lorna é entre animais: ela dá e recebe através do mundo animal e vegetal; as pessoas drenam-na e ela não ganha nada com elas, por isso temos de ajudar o canal animal-vegetal a crescer.

Todos os animais, pássaros e plantas têm o que só posso chamar de auras mais soltas. Estão continuamente em simpatia; dão o tempo todo e quase nem parecem precisar de receber. Agora, o animal humano encurralou-se, forçou a sua aura bem apertada dentro do corpo, então, geralmente falando, ele não é simpático com todos indiscriminadamente. Ele dá quando quer e recua a maior parte do tempo.

O homem foi construído para ser o principal Dador na vida: o dia foi feito para dar, e a noite para recolher o poder estendido do Criador. A Lorna é naturalmente uma boa dorminhoca, como sabes, eu nunca fui. Então, incentiva-a a pensar em mim ou nos animais ou plantas ao adormecer. Isso trará refrescamento e, espero, cura ao corpo. (Estou a tornar-me num verdadeiro velho moralista!)

Mas quero que ambos saibam como isto funciona. Eu também fico drenado e tenho de ir "cozinhar" mais energia, e faço isso ou no Jag ou no Bluebell. O D. e eu damos muita importância ao Bluebell. Lembras-te de como antes éramos limitados pelo tempo, pelo clima e pelo vento? Agora é tudo completamente diferente: o tempo e a brisa estão ao nosso comando, e velejar é tão simples como conduzir um Jaguar. Explorámos a costa, as ilhas, as grutas e os redemoinhos como nunca pudemos antes, e aprendi imenso sobre Iona e Holy Isle, e as forças em espera que lá estão. São Columba foi o intérprete.

Sabes, Cynth, tivemos sorte em ter sido criados em Craignish com tudo isto a fluir através das nossas auras na infância: eu não estava nem perto de ser tão aberto a isso como tu, mas estava lá. E agora posso aceder a tudo isso e juntar-me a ti, à Mãe e ao Douglas. A Lorna também o sentiu, mas por tão pouco tempo, gostaria que a pudesses levar a Iona – talvez um dia.

Toda esta costa maravilhosa tem um imenso futuro. No momento, apenas é vislumbrada por aqueles no corpo, mas inúmeras entidades etéricas vão lá o tempo todo. Felizmente, não são como um pacote turístico a poluir o lugar; são apenas aqueles que estão despertos para este poder particular.

Até há pouco tempo, apenas os iniciados cristãos o usavam, mas agora encontro todo o tipo de orientais a fundirem os seus raios com o antigo poder de Iona. Quando digo "antigo", isso é apenas relativo, os santos estão tão atualizados quanto possível. Um grupo tão encantador. Eles são magnéticos, mantêm os seus grupos e ensinam, completamente ininterruptos pela vida física que continua em redor.

Fui capaz de passar da visão e audição física para o etérico; e dizem-me que há muitos círculos de vida completamente diferentes a decorrer o tempo todo noutras vibrações, completamente inconscientes e isolados dos restantes. Tudo isto é completamente novo para mim, e acho-o fascinante. Quando já tive o suficiente, ou absorvi tudo o que posso, mergulhamos no mar e exploramos as grutas e as criaturas marinhas, físicas e etéricas; e aqui encontro a tua cunhada, Dorothy.

Ela é uma das grandes iniciadas do mar, uma mulher voltada para o futuro! Já ouvi tudo sobre o lar etérico para meninas rebeldes em Gweedore! Parece que ela está a crescer em algumas das minhas linhas, tivemos boas gargalhadas juntos. Ela tem uma grande intimidade com as baleias e golfinhos, ou os botos das nossas águas. A Dorothy fala alegremente com eles dentro ou fora do corpo.

Eles parecem ser completamente ambiplanares (se existir tal palavra), e a Dorothy adora-os todos e está contente por passar longos períodos entre eles. Eu não consigo fazer isso, quero mudança, quero passar de um plano de pensamento para outro; com toda esta multiplicidade de vida à minha volta, simplesmente não consigo esperar para ver mais.

Dot diz que trabalha para os "náufragos"! Mas dificilmente concordarias se pudesses espreitar algumas das suas senhoras muito exuberantes e os seus galãs! A parte dos galãs é muito típica. Eles são atraídos para ali pelo desejo sexual, pensando que, de qualquer forma, não estão cortados de alguns dos prazeres da vida como os conheciam. Encontram uma cortesã disposta e prosseguem como antes – mas não têm órgãos sexuais! E então?

Algo bem diferente. Ao deitarem-se juntos, as auras tornam-se entrelaçadas. Como sabes, a aura de um homem roda num sentido e a de uma mulher no outro, então, uma vez em contacto com uma ligação mental definida, de repente descobrem uma sensação curiosa de unidade a apoderar-se deles (tu e o Pai já experienciaram isto em oração conjunta), e claro que deste lado é muito mais forte.

Sentem-se atraídos como por um íman, isso exalta-os e une-os, e tornam-se amantes num sentido superior que, claro, eles não compreendem, mas estão prontos a desfrutar. Isto continua até que surge neles um impulso de ir mais longe. Misturam-se com os outros na sala de jantar e no bar, todos dançam juntos: desta forma satisfazem os instintos de luxúria, e muitas vezes partem aos pares para explorar, viajar e, por vezes, trabalhar por uma causa maior, permitindo que o Espírito Universal flua através deles.

Com amor,
Tricia

(Dot continua a contar a sua história)

Quero contar-te sobre a minha vida entre as criaturas marinhas. Comecei a minha nova vida em Gweedore e, eventualmente, segui para a costa e apaixonei-me pela vida no mar. Foi-me permitido entrar em rocha sólida, que já não achei sólida, e assim tornei-me quase una com a vibração da terra – mas ainda assim voltei ao mar e trabalhei com as criaturas marinhas.

Explorei os oceanos e aprendi com eles a sabedoria do mar e as histórias ou lendas da encarnação de Cristo entre as criaturas do mar. Ele veio entre os homens como homem, ele veio entre as criaturas marinhas como um dos seus.

Ele iluminou primeiro a baleia e depois o golfinho, a foca e assim por diante através das formas maiores e menores da vida marinha; e eles aceitaram-no e retiraram-se para formular os seus próprios caminhos de avanço.

Fiquei horrorizada ao princípio que o nosso Cristo tivesse entrado no corpo espiritual de um monstro marinho! Mas depressa aceitei. Eles comunicaram-me tudo isto, às vezes por som, mas mais frequentemente pelo movimento dos seus corpos preciosamente flexíveis. O movimento é o meio de comunicação do mar. Comecei a aprendê-lo e a entrar no seu delicioso sentido de flexibilidade, absorvendo deles a pura alegria de movimento. "Isso é dado por Cristo", disseram-me. "O nosso movimento e o teu riso são uma e a mesma vibração."

Isto fez-me refletir, e vivi entre estas estranhas criaturas, amando-as e sendo amada por elas, com um amor surpreendentemente não possessivo que era simplesmente belo.

Um dia notei a luz mais gloriosa a brilhar nas profundezas. Pensei primeiro que era a luz azul da terra, mas muito rapidamente percebi que era a presença de Cristo entre o povo do mar: o momento no tempo em que Cristo entra na água e a revitaliza com a sua presença flamejante.

Então tudo começou a cintilar, e o próprio mar dançou com a sua massa fervilhante de miríades de tipos de vida – e toda a vida o adorou.

NATAL E A "GLÂNDULA DO PRAZER"

[Joe]

Este é um bom momento para vos contar as minhas novidades. Tenho estado a passar o Natal de uma forma bem diferente. Sempre achei um bocado inútil a maneira como comíamos e bebíamos, fazíamos festas e alguns iam à igreja cantar cânticos sobre coisas em que não acreditavam nem se importavam. Era tudo tão tolo.

Agora, tive uma espreitadela por detrás do véu — e que Natal se vive aqui deste lado! Nada de banquetes nem bebidas, o que não me incomoda. Tinha receio de que me pedissem para pensar profundamente e fazer todo o tipo de trabalho mental, mas não — apenas me disseram para observar, ver o que pudesse e… desfrutar. Esse era o grande propósito: abrir-me para desfrutar de tudo. Parece que há um órgão neste corpo etérico que chamam a glândula do prazer.

Dizem que todos nós a tínhamos na Terra, mas muitos deixaram-na atrofiar por falta de uso — e eu, certamente, conheci alguns desses casos. Mas, embora a minha não estivesse muito desenvolvida, ainda estava lá, e eu sabia como desfrutar de certas coisas; o meu novo órgão consegue desfrutar de praticamente tudo, e aqueles que dominam esta faculdade oferecem-se como voluntários para regressar ao plano material e aos planos etéricos inferiores para emprestar prazer às formas de vida mais simples.

Douglas disse-me que fazia sempre isto no Natal e perguntou-me se eu queria ir com ele. Claro que isso era muito mais a minha onda do que andar a navegar pelo éter e alojar-me temporariamente entre os mais avançados. Eu adorava o velho mundo, por isso deram-me algum treino sobre como abordar quem está no corpo, e lá fomos nós. O Douglas, como sabes, é muito dado à música, por isso foi através da vibração musical que entrámos em contacto com a Terra. Cânticos, Good King Wenceslas e tudo isso. Ri-me ao ver que tudo continuava como sempre, e adorei, a minha glândula estava a funcionar bem!

Entrámos em várias casas onde as crianças faziam uma grande algazarra, e depois fomos a um pub onde muitas pessoas tentavam consolar-se com muito whisky!

Aqui encontrei pela primeira vez um grupo de etéricos mais simples, com quem o Douglas trabalhava. Não eram propriamente alcoólicos, mas ainda encontravam a maior parte do prazer em virar copos de whisky. Tudo isto me pareceu muito natural, e no entanto um pouco inútil. Eles não estavam realmente a desfrutar. Tentei dar-lhes a sensação que eu costumava ter, mas parecia tudo muito insatisfatório, e estava a perder o fio à meada.

Procurei pelo Douglas, que estava a rir-se com um grupo de etéricos, dizendo-lhes que mais valia largarem aquilo e virem experimentar os nossos "vinhos". Um deles disse: "Está bem. Vamos." O homem parecia um velho alcoólico endurecido, mas já tinha chegado ao fim da linha, e virou-se para mim, que era novo no grupo, e disse: "Isto aqui é mau. Nada que valha a pena provar. Queres um copo?"

Peguei no copo que ele ofereceu e tentei beber. Parecia bem, mas nos últimos meses tinha perdido completamente o gosto por isso, por isso foi estranho e soube-me azedo.

O Douglas sussurrou: "Isso já não é a tua bebida, pá, não toques." Mas era preciso aceitar a bebida. Num instante comecei a sentir-me zonzo e horrível. Havia algo naquela bebida que me queimava.

"Desfruta", disse o Douglas. Fiz um grande esforço para isso — e recuperei instantaneamente. Seria esta a chave para a depressão?

Olhei em volta e encontrei um velho, um etérico, mas ainda velho. Aproximei-me dele e disse: "Está a passar um bom bocado?"

Ele abanou a cabeça. "Agora nada vale a pena", disse cansadamente. Comecei a trabalhar nele com a minha nova glândula e ele relaxou.

"Bem, suponho que afinal não é assim tão mau, mas fizeram-nos acreditar que havia mais do que isto."

"O que é que esperava?", perguntei.

"Oh, bem, suponho que esperava algum tipo de Céu; mas isto foi tudo o que encontrei."

"Realmente acreditava no Céu?", perguntou o Douglas, num tom leve.

"Bem, não. Achava que era tudo treta, mas alguma coisa tinha de acontecer, não é?"

"Bem, depende de si. Já teve o suficiente disto? Gostava de ver um pouco mais do Céu?"

"Sim", respondeu, "mas ainda não vi nada."

"Venha connosco e vamos mostrar-lhe algo mais."

Ele veio, um pouco contrariado, e o Douglas percebeu que o homem tinha trabalhado com máquinas numa fábrica e levou-o à área onde a criação por pensamento toma forma. Ele parecia confuso e perguntou do que se tratava.

"É a tua velha fábrica neste plano. Pensei que gostarias de ver o nível de produção aqui."
"Mas onde estão todos os bancos e ferramentas?"

"Estão na tua mente — não é preciso apertar parafusos e porcas. Aqui fazes tudo por pensamento, e o mecanismo para a viagem rápida torna-se um raio de luz em movimento."

"É aquilo que eu costumava ver quando um comboio passava rapidamente ao anoitecer."

"Sim, é precisamente nesse momento que vês os dois lados."

De repente, toda a sensação de desilusão e depressão desapareceu dele e tornou-se tão interessado e jovem como eu próprio me estava a sentir.

Eu estava um bocado vazio, já tinha dado tudo o que tinha, e o Douglas disse-me para voltar ao meu próprio plano e pensar sobre tudo isto. Certamente tinha-me dado muita matéria para reflexão.

* * *

Esta foi outra "carta de recordação" quando o Joe voltou a ver-se com o Douglas, o seu único filho na sua última vida, que foi morto em França em 1944.

A minha vida em França na Idade Média parece ter começado no norte, onde guerra, fome, miséria e um estado geral de caos predominavam. Estava tudo tão desorganizado que, com o tempo, acabei por derivar para sul.

Lembro-me do meu encontro com o Douglas. Estava sozinho e com muita sede — os meus homens tinham ido para casa arar a terra para tentar arranjar comida para as suas famílias. Eu vagueava. O Douglas passou por mim e olhámos um para o outro. Consigo vê-lo agora, com a sua túnica simples e bem arranjada de escriba, enquanto eu estava sujo e em farrapos. Algo o levou a convidar-me para entrar em sua casa para comer e beber vinho.

Aceitei de bom grado e fomos juntos até a uma pequena casa de lama e pedra, muito simples, exatamente o que um artista precisaria. "Isto faz parte do Mosteiro", explicou-me, enquanto me oferecia pão e vinho. Esse foi o início de um dos períodos mais felizes de todas as minhas memórias. Vou tentar localizar o Mosteiro. Ficava entre olivais e à vista do mar.

O Douglas vivia num plano artístico onde música, pintura e oração estavam entrelaçados de forma indissociável. Era, de certo modo, uma vida muito perfeita de total simplicidade. Não me lembro de quaisquer tarefas domésticas. Comíamos e dormíamos quando tínhamos fome ou precisávamos de descanso. Havia sempre algum tipo de alimento — fruta, pão, vinho — acho que era só isso, provavelmente vindo do Mosteiro, mas era tudo muito primitivo e devia ser um povoado muito pequeno. O Douglas parecia quase não pertencer a este mundo, e eu não sei como ou quando ele "passou para o outro lado". Mas parecia haver muito pouca diferença nas nossas vidas. Ele estava ali, a trabalhar como antes.

A música continuava, a pintura prosseguia, as nossas conversas eram ininterruptas — a única coisa que notei foi que ele tinha deixado de comer e parecia não precisar de comida nem de vinho. Achei isso estranho e pouco natural, mas ele assegurou-me que muitos dos Irmãos eram como ele agora e descobriram que precisavam de muito pouco descanso e nenhum alimento. Por isso aceitei os seus modos esquisitos, já que ele sempre tinha sido excêntrico, na minha opinião.

Depois comecei a reparar num certo brilho à sua volta. Ele sempre tivera um corpo leve, ou melhor, esguio, não pesado como eu. Uma noite, entrei vindo da escuridão e encontrei-o a pintar com uma luz que saía inteiramente do seu próprio corpo. Consigo ver isto tão claramente, e a minha consternação. "Douglas! O que estás a fazer e de onde vem essa luz?"

"De mim", disse ele, simplesmente. "Não percebes? Deixei o meu corpo físico e estou a usar o próximo."

"Mas onde está o teu velho corpo de carne e osso?"

"Já não está aqui, desapareceu no éter. Os Irmãos mostraram-me como fazer isto. Agora sou o mesmo, só que trabalho melhor e o meu trabalho tem qualidade duradoura."

"Mas então tu estás morto!" — disse eu, espantado.

Ao que ele desatou a rir: "Nada disso! Estou muito mais vivo do que alguma vez estive. É maravilhoso. Sinto-me tão forte e incansável. Agora posso fazer coisas. Hoje levei uma pintura à enfermaria e coloquei-a ao lado de um homem moribundo. Ele ergueu-se na cama ao ver o 'Resplandecente' e depois tombou para trás, feliz como uma criança, para partir sem medo.

Estou a ouvir todo o tipo de coisas e a 'ver'! Vou contar-te mais, pouco a pouco, todos os dias, mas vai agora comer e descansar; não te preocupes comigo. Estou mais forte do que nós os dois juntos."

Bebi um longo gole de vinho depois disso para acalmar os nervos e tentar compreender o que ele queria dizer! Fiquei sem forças, mas vês, esta velha vida é muito importante para mim. Tenho de me lembrar dela e ver quão vital o Douglas tem sido para mim vida após vida.

Não sei quanto tempo ele conseguiu continuar neste estado. Depende do desejo. Com o Douglas, durou até eu estar pronto para partir. Vivemos juntos, tanto quanto me lembro, da mesma forma — o Douglas a fazer mais pintura e música e a passar períodos mais longos na enfermaria para curar e ensinar. E então, quando fiquei doente, e sabia que as minhas forças estavam a esgotar-se rapidamente, o Douglas veio dizer-me que ia ajudar-me a deixar o corpo físico dolorido e a reassumir, por um tempo, o mesmo corpo que ele estava a usar.

Caí num coma e acordei para me encontrar fora do meu corpo, que estava deitado de forma desajeitada numa cama áspera. O Douglas estava lá; ele não tentou mexer nem endireitar o cadáver; apenas ficou de pé, e eu soube que ele estava profundamente em oração, pedindo aos Grandes Poderes da Terra que recebessem o meu velho corpo. Depois, voltando-se para mim, disse: "Vem cá para fora, deves precisar de ar e sol." E movemo-nos para o pequeno olival lá fora. Respirei profundamente o ar mais maravilhoso. Algo entrou em mim com essa respiração e deu-me outro sentido.

Quando voltámos à cabana, o meu corpo antigo tinha desaparecido e o Douglas dizia: "Não o veremos novamente. A terra é nossa e tudo o que nela há."

E assim comecei a minha vida astral semi-física por um curto período com o Douglas, mas eu não estava suficientemente avançado, nem de perto, e por isso, após um período que não sei quanto durou, perdi o contacto com o meu astral e tornei-me etérico, deixando o Douglas continuar o seu trabalho entre os pobres e sofredores, pintando e compondo música e permanecendo entre os planos, enquanto eu, no meu éter não evoluído, fluía de volta para o ciclo habitual de vida e descanso após a morte física. Por outras palavras, deixei de ser útil no plano semi-físico. Disseram-me que há muitas almas avançadas que conseguem fazer isto, particularmente em tempos de aflição.

VIAGEM AO INTERIOR DA TERRA

Agora, voltando à nossa viagem ao interior da terra. Chegámos ao centro, pelo menos suponho que sim, e tendo esgotado a nossa capacidade de aceitar novas vibrações, voltámos à superfície, regressando lentamente, tentando ver tudo o que podíamos.

A terra tem uma crosta muito espessa, que é bastante desagradável ao primeiro contacto, e a Mary achou sufocante: sente-se como atravessar sopa de ervilhas muito espessa, mas não dura muito. A terra tem cavernas enormes, iluminadas por um tipo de luz diferente de qualquer coisa que eu tivesse visto antes na superfície ou no espaço. Isto deve-se, disseram-me, a uma mistura de raios de sol e de lua a passar pelo solo. Não consigo descrever, é algo verdadeiramente "não terreno", como costumávamos dizer, mas é belíssimo e ressoa com música.

Perguntei ao Andrew o que significava o som, e ele disse que estavam a chamar à vida as novas sementes e rebentos que mais tarde cresceriam e floresceriam à superfície. Não consegui ver o teto da caverna por onde passámos, era imenso. Quando olhei para cima, vi apenas uma névoa de luz.

Havia seres por toda a parte, grandes e pequenos — espíritos da natureza e Devas — e outro tipo totalmente diferente, vivendo em grupos entre teias etéreas de fada, penduradas e a balançar sem aparente esforço e sem apoio. Mas a gravidade funciona de forma bastante diferente aqui, e de qualquer forma não parecemos notá-la; mas sentimos uma atração impulsionadora para o centro, e fiquei triste por ter de me afastar.

A Flo, como sempre a prática Flo, disse: "Aprendemos tudo o que podíamos nesta aventura, vamos voltar aos nossos 'lugares de pensamento' e organizar o que ganhámos."

Os nossos "lugares de pensamento" são onde quer que tenhamos estabelecido a nossa base etérica. A minha, como a do Douglas, fica perto de Scarba e Corrikrecken. As cavernas da terra tinham uma sensação de parentesco com aquelas abaixo do

redemoinho e de Iona, onde encontrámos os velhos monges no Promontório. Isto tudo estava no mesmo conjunto de vibrações.

Demorei-me e deixei a Flo ir para casa, enquanto eu e a R. seguimos lentamente. Ela nunca tinha penetrado em tantos tipos diferentes de vibração, e a sua capacidade de aceitação está a crescer rapidamente. Eu disse: "Tenho de descobrir mais sobre esta música, Joe." E lá foi ela para os níveis superiores da caverna, seguindo os acordes e pedindo orientação. Voltou radiante de excitação, dizendo: "Oh Joe, encontrei alguns dos antigos Mestres.

Eles estão a experimentar novos sons e a aprender como conseguiam produzir a música que lhes vinha à Terra. Está tudo fundado e enraizado aqui (se é que algo está enraizado)", acrescentou. "Mas dizem-me que nada realmente se originou daqui, chegou por algum tipo de raio sem fios que transporta a inspiração sonora do sol para as estrelas, por isso tudo vem do sol ou dos sóis, e nós não sabemos realmente de onde vieram as nossas maravilhosas gravações, e são todas gravações!"

Ela continuou a dizer-me que o Bach estava lá e o Mozart e muitos outros, isto é, uma parte deles, ou um dos seus corpos auxiliares.

Nesse momento insisti para que voltasse para casa, dizendo-lhe que não conseguia absorver mais ideias novas.

E assim deixámos a Grande Caverna, atravessámos a crosta "sopa de ervilhas" e regressámos à luz do dia que conhecíamos e amávamos.

A VIAGEM DE JOB À LUA

Cynth, estou a mudar muito. Já nem me reconheço como o antigo diplomata cheio de consciência de classe! Eu era assim, sabes! Sempre achei muito difícil gostar genuinamente de pessoas fora do meu círculo. Agora, larguei tudo isso como uma crisálida e consigo olhar de fora, a maravilhar-me de como isso alguma vez teve tanto poder sobre mim. De certo modo, talvez ainda tenha!

Estive a observar as vidas dos mineiros. Meu Deus, ainda bem que nunca fui chamado a trabalhar nas minas. Nós nunca pensávamos muito nisso; às vezes íamos lá abaixo e parecia até bastante comparável ao trabalho agrícola, mas agora já não tenho tanta certeza. Há algo de mortal em trabalhar debaixo de terra, talvez ser esmagado até à morte ou sufocar. Acho que vão ter de encontrar um substituto para o carvão. Foi-vos dado gás do Mar do Norte. Não fazia ideia de que isto estava a crescer tanto, e tão forte, demasiado forte para o antigo sistema de gás. Disseram-me que continuarão a encontrar mais, mas o problema permanece.

Conheci alguns dos cientistas que estão à procura de uma pista sobre como dividir o átomo sem carvão. Claro que eu não sou cientista, mas o Douglas (o Douglas G.) — sempre o velho Douglas para nós — agora parece tão jovem e alegre como qualquer

jovem oficial da Guarda. Ele ofereceu-se para me levar à Lua para ver como estão a trabalhar novos métodos numa atmosfera sem perturbações. Eu estava entusiasmado, mas perguntei-me se estaria realmente pronto para tal aventura! Perguntei à Pat, e ela disse: "Sim, mas vais precisar de duas pessoas, uma de cada lado. Já foste ao éter superior?"

Eu disse: "Não, não acima do Everest."

"Então vamos agora, para veres como é."

Disseram-me como me habituar à altura e retirar todo o éter físico do meu corpo etérico. Achei isto tedioso e extenuante, e nada agradável. Eu gostava das minhas vibrações físicas e queria agarrar-me a elas. Davam-me acesso a ti e à Lorna, e parecia que me estava a separar completamente. A Pat assegurou-me que não era assim, e após um longo processo de reajustamento, partimos, com a Pat e o Douglas a acompanhar-me. Sim, estava bem acima do chão e parecia que estávamos a passar por camadas de nevoeiro colorido. Não era desagradável, mas senti que estavam a levar-me para fora de tudo o que me era remotamente familiar, e fiquei um pouco assustado! Parecia que eu estava a tornar-me cada vez menos o eu pessoal.

Eles perceberam isto, mas apenas riram. A Pat disse-me que também tinha sentido muito fortemente a atração da terra, mas uma vez quebrada, ficava-se livre para ir e voltar. Eu não tinha a certeza se queria ir sequer, e lembrei-lhe que tinha a Lorna para pensar, e não seria melhor esperar até ela "passar para este lado"? "Bem, isso depende de ti", foi a resposta deles, "mas não vais ficar mais longe da Lorna. O amor aproxima todas as coisas e pessoas." Eu quis dizer "Bem, não posso aceitar isso", mas sentia-me como barro nas mãos deles, e por isso seguimos em frente.

De estar fabulosamente leve, tornei-me terrivelmente pesado, e vi que eles estavam realmente a ter de me levantar. "Não te preocupes", disseram os dois. "Estás a aproximar-te do ponto onde a gravitação se torna orbital, e uma vez passado esse ponto estás livre."

Senti-me horrível, tão pesado e estúpido — e depois, de repente, tudo cessou e estava leve novamente, a atravessar o éter com vista clara da terra e da lua.

Foi um contraste tão grande, reencontrar-me, que fiquei loucamente feliz… Não consigo escrever mais hoje.

Agora quero voltar à minha viagem à lua. Uma vez fora da atração orbital da terra, estava livre, e o que mais me entusiasmou foi que não estávamos na escuridão, como eu imaginara. Isso é o que se experimenta com o olho físico, que não consegue captar estes outros raios de luz soberba. Isto é luz real. Essa foi a minha primeira descoberta entusiasmante. A luz torna-se um elemento com textura que nos envolve.

Senti-me a avançar para essa luz, a abraçá-la com todo o meu prazer e acolhimento humano por algo tão completamente fora da minha experiência e, no entanto, algo que respondia a um anseio profundo embutido dentro de mim. Sei que tudo isto soa muito

extravagante, e nada próprio de mim, mas é verdade, Lorny — estou a mudar, não posso evitar. Nem quero evitar. É mágico e belo e para além de todas as palavras. No maravilhamento e beleza do espaço, encontramos liberdade completa.

Não tinha desejo de sair desse elemento, mas fui atraído para as correntes magnéticas orbitais da lua. Não a lua que víamos nas fotografias dos astronautas, talvez algo remotamente parecido, mas infinitamente mais bonito. Em vez da paisagem dura e fria de deserto, havia ali algo coberto por uma textura etérea de muitas cores. O que tinha sido visto fisicamente podia ter sido o esqueleto de um mundo morto, enquanto nós estávamos a ser mostrados ao corpo revestido de carne, etérico e completo. Não consigo escrever mais hoje.

Quero continuar e contar-te sobre a lua. É tão fantástico; é como começar tudo de novo. É uma outra forma de viver, pensar e ser, em vibração completamente diferente da da terra; e, no entanto, pertencemos à lua, num sentido subtil que não consigo definir.

O cenário inteiro é tão diferente. Vegetação? Sim, mas de um tipo totalmente diferente. Enquanto na terra vemos a vegetação material mais o seu contraponto etérico, aqui não há vegetação material alguma. É como se toda a esfera tivesse sido limpa para uso do nosso plano, com apenas esta espinha dorsal de matéria física para formar a ligação.

Estávamos de pé sobre uma substância suave, parecida com musgo, e havia cor por todo o lado. Ao princípio não vi ninguém. Depois comecei a notar muitas pessoas de diferentes raças. A Pat disse-me que eram na maioria cientistas e que provavelmente encontraríamos o Douglas Galton e talvez o teu Arthur aqui. Esperei, tentando acostumar-me a estas vibrações estranhas. A Pat e o Douglas, entretanto, estavam a mudar diante dos meus olhos; estavam cheios de força e energia e obviamente parte destes elementos diferentes.

Pedi à Pat para me explicar a situação, ao que ela respondeu calmamente: "Pertencemos aqui mais completamente do que à terra, por isso vir aqui é como voltar a casa, às nossas próprias vibrações. Tu ainda tens tantas vibrações físicas que não consegues perceber quanto nós amamos a lua e desenvolvemos amizade com toda esta forma de vida e vegetação. Olha só para as nossas florestas! São completamente diferentes das da terra, mas são árvores conscientes. Isso significa que os grandes espíritos das árvores da terra vivem aqui e refletem o seu poder para as florestas terrestres, dando-lhes as forças de que precisam, e que agora estão a ser cortadas da terra devido à poluição provocada pelo homem no planeta."

Nesse momento, o Douglas chegou e juntou-se a nós. Ele parecia tão jovem, enquanto eu ainda me sentia um pouco "desgastado pela terra" (essa é a expressão usada aqui, antes de se tornar um etérico completo).

O Douglas deu-me uma receção esplêndida. "Filho da Gwendolen, fico contente por te ter aqui finalmente. Quão recetivo te sentes?" Pensei: que pergunta embaraçosa! Não

me sentia minimamente recetivo. Sentia-me completamente estranho e fora de contacto.

Ele pegou-me na mão e, como se lesse os meus pensamentos, disse: "Isso vai passar e vais começar a ver com os nossos olhos e a ouvir com os nossos ouvidos. Agora, para explicar: muitos de nós aqui estamos a trabalhar em métodos para acelerar o desenvolvimento etérico na terra. Aqui podemos trabalhar sem as vibrações de discórdia terrena a dificultar e atrasar. Precisamos de pessoas como tu para nos aconselhar e mostrar como os nossos tratamentos sugeridos reagirão. Importas-te de ser uma cobaia?"

A VIAGEM DO JOE À LUA

Fiquei encantado por encontrar um nicho, já que me sentia completamente fora de contacto e qualquer forma de poder ajudar aproximava-me deste mundo estranho. Levaram-me para o que chamavam de floresta. Passámos por ramos vivos que eram mais como belos membros humanoides cobertos por matéria folhosa de todas as cores: totalmente diferente da terra e verdadeiramente indescritível.

"Agora", disse o Douglas, quando pousámos suavemente numa clareira, "quero que imagines que estás de volta ao corpo terrestre. Podemos ajudar-te a sentir as velhas sensações."

Após alguns momentos, senti isso e assustei-me! Era odioso voltar a ter a sensação terrestre de peso, e estremeci com o horror e o desconforto disso.

"Agora", disse o Douglas, "queremos que, por tua própria vontade, largues essa sensação de peso. Sabe-te criatura de luz."

Quando ele disse isto, comecei a recuperar a sensação tão arduamente conquistada de leveza, e como fiquei contente. Levantei-me da superfície e comecei a sentir-me uno com as formas à minha volta.

"Muito bem", disse o Douglas, "fico contente que tenhas chegado. Vais poder ajudar-nos muito se estiveres disposto e, depois, voltar à terra e tentar ensinar aos que estão no físico como podem largar as suas vibrações mais grosseiras aqui e agora, sem passar pelo terrível período de velhice e decrepitude."

Fiquei encantado, ao pensar em todos vós, e fui invadido pelo desejo de aprender e ajudar.

Depois, o Douglas saiu, e o Douglas Galton e a Pat disseram que aquilo já era suficiente para uma experiência, e que me levariam de volta à terra para recuperar do choque e absorver tudo o que tinha aprendido, e reabastecer-me de vibrações terrestres para as minhas próximas experiências.

Portanto, querida Lorny, este é um grande passo na minha nova vida. Não me sinto muito à altura, mas quando disse isto ao Douglas, ele apenas riu. "Todos sentimos isso no início, mas o poder é universal, e não há falta de capacidade, apenas a limitação que colocamos na nossa aceitação dele."

Não acho que te tenha dado nem um pequeno vislumbre da riqueza e alcance desta experiência, mas por agora tenho de deixar aqui. Com todo o meu amor e esperança de poder expressar mais claramente este grande sistema de evolução.

Cynth, por agora as nossas sessões de escrita acabam. Quando voltarmos a escrever, espero já ter aprendido mais sobre desenvolvimento. Entretanto, tentem todos, especialmente tu, Cynth, e a Lorna, verem-se como seres de luz. Desta forma, vão atrair os elementos de luz para os vossos corpos físicos e preparar a transição do físico para o etérico. Tirem alguns minutos por dia, de preferência logo ao acordar e antes de dormir, mas qualquer momento serve, mesmo enquanto esperam por alguém ou por algo. Sentem-se quietos e puxem luz para os pulmões, coração e cérebro — apenas luz.

Depois de fazerem isto algumas vezes, poderão começar a sentir que o físico é menos pesado de mover. O Douglas diz que isto é muito importante e pode ser o início do sentido de leveza que todos ansiamos à medida que envelhecemos e ficamos pesados no corpo físico. Eu lembro-me bem de tudo isto.

Mostraram-me brevemente algumas das áreas reservadas à recuperação da terra, como eles lhe chamam! Formas de destruir a poluição e recultivar a terra. Estes são os planos para dar à terra uma nova vibração. Estão a esgotar a vibração atual, esse é o vosso problema, além de todos os elementos que a acompanham. Assim, está a ser preparada outra vibração ou conjunto de vibrações para tomar conta da terra. Isto será um método completamente novo de viver, pensar e acreditar. O líder de tudo isto é o Cristo.

Fui levado à beira do que chamavam a área supercrística, onde os crísticos estavam a trabalhar para produzir e refletir esses novos poderes sobre a terra. Todos nós nos tornaremos portadores deste poder (se eu provar ser capaz para a tarefa: a Pat e o Douglas já andam a fazer isto). Seremos usados como emissários entre a terra e a lua. É uma aventura entusiasmante para mim, e bem alinhada com tudo o que aprendi na minha vida terrena. Portanto, querida Lorny, a diplomacia continua… Agora não são relações comerciais ou políticas, mas a importação de luz.

Uma última palavra. Por favor, aprendam a viver mais com a lua! Quando o céu estiver limpo, olhem para a lua, e à noite puxem conscientemente dessa luz pálida e linda, que em breve começarão a identificar como uma vibração subtil própria. Deixem-na entrar no vosso corpo terrestre, inspirem profundamente e enviem-na conscientemente por todo o vosso corpo, pulmões, coração e cérebro. Depois darei outros centros de poder. Por agora, tentem apenas absorver o poder da lua nestes três órgãos.

O vosso Joe, que cresce e não duvida.

A VIAGEM DE JOE PELO ESPAÇO, SOZINHO

Cynth, estou à espera para te contar sobre o cinturão etérico. Isto é entusiasmante.

Disse-te que usávamos as vibrações do solo para cultivo, mas essa pequena percentagem era de uma vibração diferente. Parecia vir da própria alma da terra; vinha até nós como uma suave e exploratória respiração de outro mundo, passando pelo solo e pelas pessoas a trabalhar nele e seguindo em frente — para o infinito. O que era esta nova vibração? O que procurava? O Everest? Chartres? Não, esse não era o seu objetivo. Abstive-me de ir mais longe até receber a diretiva para atrair a vibração para a minha aura e transportá-la para o éter superior — a estratosfera.

Eu já tinha estado nessa região antes com o Douglas e a Pat, mas nunca sozinho. Pedi ajuda, mas disseram-me para "seguir sozinho". Achei isto difícil. Era tão difícil sair da atração gravitacional da terra. Tinha pedido o poder do Everest e de Chartres, e juntos, os fluxos elevaram-me para fora da atração gravitacional da terra até alcançar o círculo orbital. Seria isto suficiente? Por enquanto, sim. Mas tinha de ir mais longe, este círculo orbital era uma estação de descanso.

Era calmo e silencioso e completamente harmonioso. Senti que queria ficar ali indefinidamente, mas as vibrações que trazia da terra na minha aura estavam a picar-me para prosseguir. À minha volta havia um cinturão sensível de cor, estava a respirar isto para dentro do meu corpo mais fino e a pedir para ser guiado através dele até um cinturão mais fino de vibração onde pudesse descarregar as minhas vibrações terrestres e voltar para casa! Mas, por um tempo, fui mantido em equilíbrio, sem saber o que fazer, sozinho no espaço. O medo, como nós o conhecíamos, tinha-me deixado completamente, mas o anseio pelo agora familiar modo de vida pressionava-me a terminar esta missão.

De repente, na minha solidão, veio uma voz a dizer-me que a próxima etapa da minha viagem não era através do espaço, mas para dentro do espaço. Tinha de aceitar a calma interior e procurar dentro de mim uma camada mais profunda de pensamento que satisfizesse as vibrações terrestres e lhes permitisse encontrar o seu próprio nível. Assim, falando à vibração terrestre como se fosse meu filho, disse: "Para onde vamos? O que procuras?" E a resposta inesperada foi: "Perdão, o raio de união completa com o nosso Espírito Mãe."

Isto estava além de mim até perceber que estava a entrar numa calma como nunca conhecera. Era uma calma em ação. Era uma sensação de ter alcançado ou talvez tocado por um momento o próprio eixo da vida, ou algum pivô através do qual passava um novo fluxo vital de absoluta quietude. Era estranho, e temia perder esta super-harmonia por algum deslize do meu pensamento. Então, rezei ao Espírito do Everest, a

figura radiante que já tinha visto duas vezes, e a resposta veio: "Tens de evocar este sentido a partir do teu ser interior. O teu eu maior será o teu guia."

Até aqui, tinham-me mostrado e feito sentir todas as coisas vindas de fora de mim; agora, estava inteiramente à mercê dos meus sentidos interiores, aqueles que eu possa ter adquirido. Atordoado e confuso, esperei, enquanto as vibrações da terra batiam nas paredes do meu pensamento, como um pintainho no ovo a ajudar-me a quebrar a minha insularidade e a forçar-me a tornar-me unido ao meu eu maior num outro nível de existência, por aquilo que pareceu um interminável intervalo de espera silenciosa, de constante perda e recuperação da linha de pensamento.

Então, de repente, a sensação de picada cessou, e eu estava sozinho com uma sensação ampliada do espaço à minha volta, com a sensação de que eu e o espaço éramos um só. Estava fora do meu corpo etérico até aqui. Já não precisava dele; estava acima e dentro. Deixei de estar preso pela vibração terrestre. Estava livre da terra e tinha-me tornado um homem do espaço!

Isto não foi expresso nada bem, mas pode dar-te uma ideia da vastidão e da fragrância destes estágios do ser.

No Outono de 1973, o Joe começou as suas viagens à Índia e ao Extremo Oriente

Conheci pela primeira vez o Gandhi lá nas montanhas. Levaram-me ao seu ashram. Ele estava sentado em oração e a enviar pensamentos para as mentes dos seus seguidores mais próximos, de forma muito parecida à que estou a usar agora contigo. Juntei-me a ele e sentei-me para ouvir os seus ensinamentos. Era tudo muito simples e bastante sólido. Depois, quando os corpos físicos deles se afastaram, ele virou-se para mim com um rosto encantador e sorridente. Ele viu tudo o que eu era e tinha sido num segundo.

Ele inclinou-se e disse, com uma voz triste: "Todos cometemos muitos erros, e pensamos sempre que os nossos são os maiores, mas aos olhos do Omnisciente somos todos ainda crianças ignorantes e errantes. Agora vamos deixar o passado e trabalhar juntos." Eu acenei com a cabeça.

"Tu és um inglês prático, e vês as necessidades físicas do nosso povo. Eu sou um místico que consegue ver um pouco dentro das mentes dos homens e dos Grandes Espíritos, e posso, com a tua ajuda, passar sabedoria para estas massas sofredoras. Agora sejamos práticos. Quando o estômago está cheio, a mente está livre para expandir, mas quando o estômago está vazio há apenas um pensamento: comida — até que o corpo sacuda o sentido de fome. Este é um momento muito maravilhoso, mas muitas vezes tão transitório: a menos que consigamos segurar firmemente a mente, o corpo geralmente cai; ocorre a morte, e somos deixados para resgatar e reeducar o espírito."

"Mas perdemos a oportunidade de inserir ensinamentos no cérebro físico: por isso, vou pedir-te que fiques ao meu lado quando eu inserir os meus ensinamentos, e tu, com o teu forte elo físico, manterás os corpos físico e espiritual unidos."

Assenti em completa ignorância, e lá fomos nós para as zonas de fome, encontrando-nos de novo num ashram onde um velho sacerdote estava lentamente a morrer de fome. O Gandhi começou a falar ao corpo espiritual dele, acalmando-o, mostrando-lhe visões de não sei bem o quê, até que ele ficou tão encantado e feliz que teria flutuado para o próximo plano se eu não tivesse agarrado firmemente o cordão que liga os corpos e o mantivesse no plano terrestre.

Após alguns momentos, o Gandhi relaxou, e eu também, e para minha surpresa, ao olhar para baixo, para o nosso velho sacerdote, que até então era apenas uma casca enrugada de humanidade, vi um homem a dormir, bem nutrido e em perfeita saúde!

Olhei para o Gandhi, espantado; ele riu-se e disse: "Isto é o que podemos fazer juntos, mas temos de nos unir."

Essa foi a minha primeira experiência. Desde então já passei por muitas mais. O Douglas junta-se-nos frequentemente, e então ele assume o papel do Gandhi, enquanto eu seguro o físico, e a essência da vida é vertida de volta para o corpo físico vazio, até este ganhar o poder de viver sem alimento, tal como o Douglas fez naquela vida antiga em França.

Bem, agora contei-te tudo o que estou a fazer. Querida Lorny, pergunto-me se me darias alguns pensamentos sobre este caminho. Todos os teus pensamentos são muito úteis, e tu também amavas os indianos. Eu chamo-lhes todos indianos. "Paquistanês" é apenas um nome, e todos estão a sofrer.

Vejo agora que temos um imenso poder sobre todos os povos que governámos. O Curzon continua tão ativo como sempre, e o mesmo com o Kitchener. Eles já fizeram as pazes e trabalham juntos! Mas, entre os dois, o Curzon é o meu homem. Sou devotado a ele. Ele continua tão humano e cheio de humor e alegria.

Estes verdadeiros grandes homens estabeleceram um vínculo com a Índia neste plano duradouro, que parece ser para toda a eternidade! O Halifax disse-me que ele sabia isto instintivamente durante a vida. Ele sentia que o Curzon, com todos os seus modos estranhos, era o precursor de uma grande união entre o Oriente e o Ocidente.

Gostava de continuar com isto amanhã, se não estiveres aborrecida? Eu acho isto absolutamente fascinante.

Cynth, desculpa se não fui claro acerca da forma como estava a trabalhar com o Gandhi, ou sobre o caso do Douglas em França. Ouve bem!

Nós temos, ou tivemos, no plano terrestre, três corpos. O físico, que come, dorme, cansa-se e está profundamente ligado à terra em todos os sentidos. Contudo, tem ligações com os outros dois corpos: o astral, que é parte físico, parte etérico. Este corpo

geralmente escapa e desaparece alguns dias após a morte, pois é o corpo de ligação. Podes chamá-lo de lar do subconsciente.

No caso normal da morte, descobres que a pessoa no corpo astral consegue ver e ouvir tudo o que se passa à sua volta na Terra, mas sem qualquer perceção clara do próximo plano. Assim que a perceção do próximo plano o toca, a luz do espírito parece consumir o astral, e a pessoa ganha conhecimento e visão do plano etérico, deixando de ter qualquer ligação forte com o físico. É aí que entram a morte e toda a separação.

O grande desejo dos que estão no próximo plano é agora mostrar-te, ainda no corpo, que a transição não precisa de ser tão drástica ou completa. Aqui estou eu, a falar contigo facilmente, usando uma pequeníssima parte do meu corpo astral que se tornou eterealizado, mas que manteve um canal através do qual a energia física ainda pode fluir. Eles sentem que isto é vital agora para o crescimento do espírito no homem. O homem procura desesperadamente novos ensinamentos. Aqui está a resposta.

Assim, quando estava a trabalhar com o Gandhi ou o Douglas, eu segurava o cordão astral, de forma que, ao acordar, o velho sacerdote (na minha primeira experiência) se encontrava em condições normais. Ele levantava-se e continuava as suas funções como sacerdote entre os famintos e moribundos. Mas já não precisava de comida nem de descanso, e carregava um certo brilho no corpo, que não era percetível à luz do dia; e possuía poderes para acalmar e curar as almas atormentadas. Não sei quanto tempo ele ou qualquer deles consegue manter esta condição.

Vamos continuar a falar sobre fé.

Não consigo entender porque ela estava tão extraordinariamente ausente na Terra entre a humanidade, quando agora vejo — e podia tê-lo visto então — que toda a criação vive pela fé. As árvores largam as folhas, as flores parecem morrer; toda a vida vegetal parece desistir da vida em cada Outono com tal fé absoluta no poder de renascimento na Primavera que, antes de se retirarem, fazem os seus planos e formam os seus botões para o ano seguinte. Mas nós não conseguimos acreditar que o mesmo poder nos sustentará de dia para dia.

E quando, em poucos casos raros, as pessoas arriscaram tudo pela fé no poder do Altíssimo, foi demonstrado que funciona com um sucesso espantoso. Agora, esta coisa terrível no Paquistão e na Índia, a epidemia para a qual fui enviado para ver e ouvir. Eles têm fé na reencarnação, mas não têm compaixão pelo sofrimento. Isso é absolutamente horrível, mesmo para mim, ou talvez ainda mais aqui, porque conseguimos ver e sentir os raios cruéis e insensíveis muito mais facilmente do que vocês conseguem.

Assim, agora percebo como aquelas pessoas raras que se entregam completamente à causa de erradicar o sofrimento, seja humano ou animal, reúnem em si um corpo espiritual de compaixão que tem uma vibração muito semelhante ao Raio do Cristo.

Vejo agora quão inextricavelmente entrelaçados estão os nossos corpos mental e físico. O Douglas levou-me à tenda das crianças, num desses hospitais de refugiados. A chuva ensopava tudo, pingava por todo o lado, fazendo as crianças tremerem de frio.

Então, entrou o que costumávamos chamar uma personalidade calorosa, que espalhava alegria, riso e comida por aquelas crianças cansadas e assustadas, e elas começaram a aquecer-se ao som da sua voz, que irradiava calor. Ela era paquistanesa, por isso podia falar a língua delas e tinha um amor inato pelas crianças. Isto deve ser um dom enviado pelo Céu (eu nunca o tive!), mas vejo como o amor numa personalidade pode trazer paz a partir de um caos que me parecia absolutamente horrível.

O Douglas disse-me que tínhamos de alimentar essa mulher com energia. Eu perguntei como.

"Basta estares perto e irradiares. Já aprendeste como fazer isso, agora tens de o pôr em prática. Lança a tua luz sobre ela, tal como eu a lancei sobre a minha pintura em França, há muito tempo."

Bem, podes imaginar como fui desajeitado. O Douglas disse que eu estava a irradiar, mas ainda não tinha aprendido a focar a luz. Suponho que um fiozinho de qualquer coisa saía do meu corpo, mas era uma linha tão fina que, mesmo estando muito perto dela, parecia não haver maneira de fazer a minha luz desviar-se para a aura dela. Voltei-me, desesperado, para o Douglas, mas ele tinha desaparecido! E deixou-me com esta tarefa!

Fiz a respiração como me tinham ensinado e tentei desesperadamente forçar a minha luz para dentro da aura da mulher, mas ela apenas ondulava ou saía em blocos da minha cabeça e dos meus pés. Então tive a ideia de fazê-la passar pelas mãos. Mais respiração profunda, mais concentração neste fluido luminoso indisciplinado, e de repente pareceu que ultrapassei um bloqueio — e ele saiu diretamente de mim — bang! E eu já não tinha mais para dar. Vi a luz na aura dela com grande alívio, mas isso deixou-me com uma sensação de vazio impotente.

Chamei pelo Douglas e ele voltou, a rir-se do meu dilema, e mostrou-me como passar as mãos vazias pela cabeça, ombros, coluna e diafragma e reativar os centros mais uma vez. Eu não tinha aprendido sobre os chakras, como ele os chamava. Mas ao tocar na cabeça, garganta, peito e diafragma, pude ver a luz a brilhar novamente.

Disse: "Isto é tudo muito bonito, mas simplesmente não consigo manter o fluxo, é tudo muito lento."

Como ele se riu! "Já queres correr antes de saber andar, papá", foi todo o consolo que recebi. Mas, ao olhar para a minha paciente paquistanesa, vi que ela ainda estava a absorver os meus bocados de luz, e continuava a trabalhar contente. As crianças tinham parado de chorar; algumas riam, outras comiam, e outras estavam enroscadas a dormir como uma ninhada de cachorrinhos, em completo contentamento.

Bem, isto é apenas para te mostrar quanto trabalho e desenvolvimento ainda tenho pela frente; e eu apenas dominei uma ínfima parte, antes de ser lançado para uma nova situação e ser mandado "agir"! Como aqueles hinos tolos da igreja falavam de descanso eterno, eu não sei. Aqui não terás um momento de inação, a não ser que o desejes particularmente. E sabes bem que eu nunca desejei!

Por isso, isto é tudo por hoje. Boa sorte para as minhas lições! Muito amor, minha querida Lorny; como te irás rir ao imaginar-me a trabalhar entre um monte de crianças indianas imundas. Não era bem o meu estilo na Terra!

* * *

Quero continuar com a minha descrição tão hesitante, porque isto é um lado do grande despertar, e sinto-me tão feliz por fazer parte dele — e justamente no meu próprio terreno, o Extremo Oriente, para o qual fui preparado durante todos aqueles longos anos na China e no Japão.

Contei-te sobre a nossa viagem pelas montanhas da Ásia, quando recolhemos as vibrações dos cumes e as dirigimos de forma concentrada para os camponeses no vale apropriado, misturando-as com as vibrações físicas das pessoas. Eles são todos muito simples e facilmente influenciáveis. Vivem aqui com, por e em estreito contacto com os grandes espíritos da terra, e por isso, para eles, a visão de um grande Mestre não era desconhecida. Tinha acontecido muitas vezes na sua história e até nas suas próprias experiências pessoais.

Assim, com o poder, começámos, sob cuidadosa orientação, a construir moldes nos quais espíritos superiores poderiam tornar-se visíveis e audíveis. Estava enormemente interessado em ver como isto poderia ser feito. Até agora, eu próprio tinha visto alguns dos grandes iniciados, mas apenas por breves momentos; o meu trabalho tinha sido com homens que conheci e admirei — o Van, o Hugh, o Alex e por aí fora — sobretudo o Gandhi; e agora, através dele, estávamos a aprender a concentrar os raios numa massa de luz e cor. Quando isto foi feito até um grau intenso, percebi de repente que a luz estava prenhe de vida.

Um ser de beleza transcendente estava a absorver e reunir todos os tentáculos de luz num corpo de forma celestial. Estava tão intensamente emocionado que podia ter chorado de alegria.

"Não tenhas medo," disse uma voz que parecia falar-me diretamente. "Estou agora a trazer-te a vibração do Cristo para despertar e transmutar as discórdias nas montanhas. O Cristo está em todo o lado, em todos os momentos, mas ele precisa da luz e da cor com as quais moldar o seu corpo numa forma viva para inspirar e infundir a alegria de viver em todos à sua volta. Talvez não consigas sustentar a visão por muito tempo: não é necessário, mas se conseguires levar o fio condutor para as aldeias, algumas pessoas

também me verão e ouvirão por um espaço de tempo. E uma vez vista, a vibração enraíza-se na aura e torna-se parte viva de mim."

Neste ponto, a visão desvaneceu-se e eu apressei-me para a aldeia mais próxima, mantendo firmemente no pensamento a imagem deste ser glorioso. Quando cheguei à pequena praça do mercado, onde as pessoas compravam e vendiam, fiquei parado e esperei, reunindo os raios na minha mente e segurando-os de forma concentrada, até que, de repente, uma criança correu até mim e disse: "Estás em fogo, estás a arder."

As pessoas pararam o que estavam a fazer e olharam para mim, e o velho sacerdote da aldeia aproximou-se e, fazendo uma reverência, agradeceu-me por trazer o Senhor Buda em forma e figura. Outros também viram o ser e muitos ajoelharam-se, sentindo uma estranha exaltação, um alívio do fardo da dor ou da ansiedade. Segurei-o enquanto pude e, então, sentindo que estava a perder o poder, caí num tipo de inconsciência e, nesse momento, pude entrar conscientemente noutro corpo de luz refletida e observar o efeito que o resto da nossa equipa estava a ter.

O ÚLTIMO POSTO DE JOE NO SERVIÇO DIPLOMÁTICO FOI EM MOSCOVO,

E ELE ESTAVA PROFUNDAMENTE INTERESSADO NO POVO RUSSO.

COSMONAUTAS – I

Acabei de estar com os cosmonautas que chegaram até nós vindos da nave espacial russa. Eles são outro exemplo de pensamento dogmático a arruinar o projeto. Não sei exatamente o que correu mal com os corpos deles, mas as mentes eram tão inflexíveis que não conseguiam nem queriam aceitar condições inesperadas. Se estes três tivessem estado na nave americana que foi trazida em segurança após uma falha mecânica, provavelmente não teriam morrido. Mas a mente americana é muito mais flexível. "A mente sobre a matéria" é muito mais verdade no espaço exterior, onde a ausência de peso afeta tudo.

Tendo eu próprio algumas vibrações russas na minha composição, consegui aproximar-me deles e deixar entrar um pouco de luz nas suas mentes. Eles são um trio tão simpático e estamos a fazer tudo o que podemos, mas estas mentes doutrinadas, todo-poderosas e autossuficientes são muito difíceis de alterar. Foi a demonstração mais impressionante para mim de como a doutrinação tem de ceder lugar ao raio do Cristo, e não à aniquilação, que os russos esperavam e tinham construído nas suas próprias mentes.

Felizmente, um deles tinha uma velha parente que ainda guardava alguns vestígios de ensinamentos da igreja, algum sentimento por outro e maior poder do que o Comintern, e ela empurrou isso com toda a força para a consciência do neto. Quando ele deixou o corpo, ela ficou a segurá-lo e a dizer "vive – vive – tens de viver." Os outros estavam a registar a morte que esperavam, mas este rapaz voltou muito lentamente

com os braços dela à volta dele. Ele ficou contente por vê-la e esqueceu-se de que ela já tinha falecido antes dele. A mente dele ainda estava no sucesso do voo.

"Fizemos bem, mãe querida, não foi?" ele repetia, e ela elogiava-o por tudo o que ele tinha feito enquanto tentava despertar a vida nele. Mas quando ele viu os corpos dos outros dois, ficou assustado.

A cápsula foi aberta e os corpos removidos, incluindo o dele. Ele agarrou-se à mãe querida, e ela a ele, tornando-se quase física, acalmando-o e fazendo-o ver que estava vivo e bem. Ela continua com ele, agora que ele relaxou no sono; e penso que mais tarde ela ajudará os companheiros dele. Mas a lição que estes acidentes ensinam é que a mente é o mecanismo ajustável que pode focar um poder de outro tipo.

A oração no espaço é tão fácil que a primeira mensagem dos americanos quando aterraram na Lua foi ler a Bíblia: "No princípio, era Deus." Eles sabiam e sentiam o imenso poder que estava a ser colocado ao alcance do homem comum crente em Deus.

Tudo isto é muito novo para mim — e dá muito que pensar!

COSMONAUTAS – II

Tenho estado a tentar manter os cosmonautas a dormir! Podes perguntar-te porquê, porque esperarias que eles dormissem pelo menos algumas semanas. Mas o contexto russo é bastante diferente. Eles estão imersos em conhecimento científico. A ciência é o deus da Rússia. Bem, isso é um aspeto da divindade, por isso a devoção deles funciona bastante bem, mas falta-lhe o elemento pessoal e humanista, e isso torna-os algo muito parecido com robots da mente.

Assim, quando saíram dos corpos e descobriram que estavam vivos fora da cápsula e podiam passar para dentro e para fora dela sem qualquer fricção, ficaram espantados e prontos com lápis e papel para calcular a pressão do ar, gravitação, etc. Apanharam a ideia de que, por terem estado tanto tempo no espaço, tinham, por assim dizer, atravessado outra barreira de som, só que, neste caso, era uma barreira que trazia liberdade da gravitação até à terra. Todo este tempo ignoraram completamente os próprios corpos físicos, e pergunto-me se os chegaram a ver — estavam tão absorvidos por este novo poder de passar através da matéria sólida e ainda assim permanecer acima da superfície terrestre.

Quando as portas foram abertas e a equipa de terra removeu os corpos, naturalmente eles tentaram falar com eles sem sucesso. Depois, seguiu-se uma comoção. Vozes russas elevaram-se, e elevaram-se, e elevaram-se, e devido à insistência deles, tornaram-se completamente insensíveis a nós e só conseguiam ver o plano físico e estavam exultantes pelo novo poder adquirido, mas furiosos por ninguém os notar.

Ficámos ao lado até o cortejo a levar os corpos ter partido: e então começou a nascer neles a consciência de que, de alguma forma, tinham saído dos corpos, tal como outros

astronautas tinham caminhado no espaço noutras ocasiões. Então, voltaram para dentro da cápsula para conversar e, sem chegar a conclusão alguma, adormeceram antes de passar para a fase habitual de conseguirem "ver" no nosso plano.

Mas o sono era apenas uma inconsciência superficial, e eles logo despertaram novamente; desta vez, acordaram para nos encontrar com eles e, muito a contragosto, começaram a registar uma mudança em tudo. Num momento estavam deitados nos seus lugares dentro da cápsula; de repente, já não havia cápsula, e estavam sobre a relva, com o sol e o vento a agitar-lhes o cabelo e os rostos. Ainda assim, continuavam com cálculos e arrastaram-nos para a discussão.

Então, um deles sugeriu que deviam voltar a casa para ver que efeito causariam nas suas famílias. "Mas não temos transporte," disse um. No entanto, como havia vários jipes à vista, sugeri que tomássemos conta de um deles, e assim conseguimos transportá-los instantaneamente, entregando cada um na sua própria casa. Eu fiquei com um deles. Ele ficou encantado por estar de volta. Correu para dentro e beijou a mulher, que ao princípio não reagiu. Ela acabara de receber a notícia da sua morte e estava completamente atordoada de dor.

E então, por um momento — um momento maravilhoso — ambos viram e sentiram a presença um do outro. O rosto dela iluminou-se quando disse: "Como puderam dizer-me que estás morto?", e depois atirou-se-lhe nos braços. Segundos depois, ela percebeu, infelizmente, que estava a segurar apenas ar — mas a realidade foi tão real que conseguimos alimentar nela a convicção de que o seu homem estava vivo.

Após este tremendo esforço, ele relaxou no sono que devia ter chegado mais cedo, e nós levámo-lo ao plano etérico de despertar, onde estarei presente quando ele acordar. Fiquei muito contente por poder participar nisto — algo muito próximo do meu coração em muitos aspetos, e que me pôs em contacto íntimo com a Rússia e tudo o que ela significou para mim em vidas passadas, sim, várias delas. Senti uma grande simpatia pelo povo russo, e se eu soubesse a língua, não teria havido estranheza alguma entre nós.

A AUSÊNCIA DE PESO

Isto é bom. Tens andado a pensar noutro plano de pensamento ultimamente. Fico tão contente. É sempre difícil inserir uma nova vibração, e acabaste de acolher a ideia de que a antigravitação pode tornar-se uma realidade na tua vida física. Muitas pessoas que conheces já têm esse poder: claro, o Andrew já o tinha bem estabelecido antes de deixar o corpo. Agora tens de treinar a tua mente para aceitar o poder de movimento dentro e fora do corpo. Esta mudança deve vir gradualmente, caso contrário, todo o planeta se desfaria em pedaços, e seria o caos a uma velocidade tremenda. Ausência de peso — esse é o tema. Tenta ver-te como sem peso.

Sei que é difícil acolher uma ideia nova deste género, mas é muito mais fácil enraizar novas ideias no físico antes de passares totalmente para o etérico. Isso torna o progresso muito mais rápido. Não tens ideia do quão desajeitado me senti quando isso me foi imposto. Eu escorreguei para fora do meu corpo para outro exatamente igual e usei-o da mesma forma, sentindo-me magnífico.

Depois chegou o momento da decisão. Percebi que não tinha a mesma textura que a Pat e o Douglas e perguntei porquê, e eles explicaram, sem rodeios, que eu ainda não tinha morrido e ainda era completamente físico! Por isso, tive de enfrentar a segunda morte, que era, virtualmente, afastar-me deste corpo físico tão confortável, sem doenças nem fadiga, e assumir a vibração do Cristo — energia intemporal, sem espaço. Não fiquei nada impressionado. Eu queria continuar como estava. E assim fiz durante muito tempo, aprendendo a usar o meu corpo físico, que não era adequado para viagens espaciais, até que me tornei inquieto e ansioso por avançar mais.

Se eu tivesse aceite a ausência de peso quando ainda estava no corpo, poderia ter adquirido isso ao deixar o velho corpo imediatamente, em vez de passar por todo este processo intermédio. Claro que muitas pessoas — oh! — milhões, simplesmente permanecem no seu ex-corpo físico até ele literalmente se desgastar ou ser reabsorvido no espírito, e aí não há alternativa senão reencarnar ou avançar para vibrações mais subtis.

Escolhi a última, mas só após buscas intensas da alma. Eu não queria separar-me de ti e, claro, da Lorna, e se eu entrasse num corpo reencarnante, isso separar-nos-ia por mais um período. Não, tu e a Lorna não estavam tão longe, graças à ajuda da tua caneta, e se e quando vierem para este lado, o que não pode demorar muito, então estaremos todos a pertencer e a crescer juntos.

É a grande força da alma de grupo dentro de nós que me obrigou a isto. Nem imaginas o quão agonizante foi afastar o meu velho e tão amado remanescente de corpo físico e dizer adeus para sempre e tornar-me vaporizado. É isso que significa. Eu disse: "Vou fazer isto", e o Douglas e a Pat, ambos agora altos Iniciados, foram capazes, com a ajuda da Flo, de me arrastar — o verdadeiro eu — para fora de todos os atos suaves e amigáveis do físico. Foi uma experiência, posso dizer-te. Agora fico muito contente por ter passado por isso, mas na altura parecia uma aniquilação. É isso que vos peço para evitar, aceitando o fluxo da ausência de peso na vossa mente-corpo.

Agora — imagina-te a levantar-te da cama quando vais dormir. Fazes isso inconscientemente. Faz isso conscientemente. Em meditação, empurra o teu corpo mais fino para fora do físico. Vê-te e sente-te a passar de divisão em divisão, de pessoa em pessoa, tal como fazes no raio de cura. Vê-te no hospital ou na casa particular com os teus pacientes.

Estamos agora a dar as boas-vindas ao Grande Curador, Harry Edwards, aqui deste lado. Ele é um grande homem. Quantas barreiras ele enfrentou e ultrapassou. A vida na Terra contém tanto que é difícil decidir abandoná-la. Mas ninguém te apressa, por isso,

durante éons de tempo, pode-se continuar a viver num corpo meio-físico, meio-etérico, vendo e fazendo todas as velhas coisas físicas mais a enorme expansão de consciência. Mas eu quis seguir em frente, e tu também quererás. Aceita esta ideia e trabalha sobre ela, e a semente será plantada no teu corpo mais fino, pronta para ser usada ao acordar deste lado.

EVERESTE

Nessa altura, pude sentir certo aborrecimento no meu irmão com toda esta cura interminável e um grande desejo de escapar e aproveitar a oportunidade de escalar o Evereste.

Imagina começar a escalar o Evereste sem treino nem equipamento. Mas por que não? O meu novo corpo não responde ao frio, à fadiga ou à altitude. E assim começámos. Podíamos ter ido diretamente ao cume, mas essa não era a minha ideia. Eu queria seguir a rota dos alpinistas. O Gandhi percebeu o meu desejo e alinhou com ele. Assim, começámos nas colinas baixas, onde cresciam massas de flores e arbustos lindíssimos.

O Gandhi parou no topo de um dos grandes vales e disse: "Agora, antes de escalar, vamos absorver a força e a beleza das flores."

Observei a sua aura enquanto ele extraía cor e aroma delas, e depois levantou-se e continuou a caminhar. Sim, caminhávamos, ou melhor, parecíamos deslizar sobre o solo. As alturas eram divertidas, e quando chegámos às falésias onde muitos alpinistas hesitavam, simplesmente subimos pelo lado com uma leveza maravilhosa, sem peso.

Cada topo de montanha possuía o seu próprio espírito da terra. O Gandhi saudava cada um por sua vez, pedindo ajuda, não apenas para a nossa subida, mas para o seu trabalho entre os animais e povos da Índia.

Após o que pareceu um breve tempo, chegámos às encostas inferiores do Evereste. Isto é algo impressionante mesmo no etérico. É uma montanha aterradora! Como admiro o Hunt e todos os seus homens que enfrentaram tal desafio no corpo físico. Simplesmente não sei como conseguiram ter sucesso. O longo caminho até ao sopé, e depois esta colossal montanha com todos os seus perigos.

Para mim, claro, não havia perigos, mas o grande Espírito da Montanha não acolhe a humanidade, exceto numa forma muito avançada. Isto aprendi com o Gandhi, que explicou que não poderia deixar-me subir sozinho. Eu teria perdido o caminho e regressado sem ver nenhum dos picos; eles ter-se-iam retraído e envolvido em névoa. Mas a presença dele dissipava todos os aspetos hostis, de modo que fui levado a sentir-me uno com toda a natureza. A natureza pode fazer isto em qualquer lugar, mas aqui nos Himalaias, o recuo pode ser feroz.

Estas alturas foram mantidas sagradas para admitir apenas certas vibrações. O Sherpa que alcançou o cume com o Hunt sabia disto; ele pertencia ao país e, juntamente com a coragem soberba deles, foi-lhes concedido o sucesso.

Como poderei contar-te sobre a última e mais maravilhosa experiência de toda a minha vida — a nossa ascensão ao cume?

Durante esta última fase, eu sentia a emoção e os esforços físicos daqueles dois alpinistas e, à minha volta, no éter, mostravam-me as defesas da montanha. Um Inferno de Dante, com vozes demoníacas que gritavam e passavam por nós. Olhei para o Gandhi; ele permanecia imóvel, mas podia ver que estava estranhamente comovido pelo horror e pela força que envolviam este pico supremo.

Eventualmente, deslizamos através de uma barreira de escuridão, emergindo de repente num mundo de luz.

Aqui, finalmente, estava o teto do mundo. A beleza e a força de todos os picos circundantes pareciam fluir para este grande centro de poder que é o Evereste.

Não posso descrever o encanto ou a grandeza, nem o imenso êxtase de estar na crista desta grande montanha, nem explicar os lampejos de rendição da alma que varriam através de mim enquanto tentava absorver o maravilhamento desta experiência. Sabia que estava a atingir o ponto de inconsciência devido à receção excessiva de vibrações muito mais avançadas do que aquelas que eu podia suportar no meu sistema.

Voltei-me para o Gandhi e vi imediatamente que ele via algo muito além da minha compreensão. Esperei, agarrando-me à consciência com dificuldade, neste vórtice flamejante de luz e som. Ao princípio, o som era demasiado obscuro e abstrato para eu entender. Parecia-se com torrentes de montanha, mas, à medida que esperei, transformou-se em fragmentos de música quase terrena, reminiscente dos antigos mestres, para depois mudar novamente, com um júbilo feérico, para algo que falava de neve, gelo e do céu azul.

Então, de repente, tudo mudou e recebi aquilo que só posso descrever como um êxtase suportável que desceu sobre mim, e vi uma figura de luz tão transcendente que fiquei cego e só pude perceber a maravilha semitransparente desta Presença maravilhosa.

Seria o espírito da montanha ou o próprio Cristo? Não sei; provavelmente nunca saberei. Esta foi a maior experiência que alguma vez tive.

A MONTANHA NEGRA

Tenho explorado toda a cordilheira dos Himalaias, até à China e ao Tibete, e depois para a Pérsia. Não tens ideia da riqueza de poder emanada por estes picos, mas, como sabes, eles selecionam os recetores com muito cuidado!

Ultimamente, tenho aprendido, sob a supervisão do Gandhi, como fazer passar para a Índia alguns dos raios menos concentrados do Evereste. É um processo algo lento; primeiro, temos de esvaziar a nossa aura (não é nada fácil) e tornar-nos absolutamente neutros a tudo exceto às luzes brancas. Isto é muito importante. Se alguém esvazia a sua aura sem o devido treino, acaba por deixar entrar imediatamente as vibrações mais baixas. Demorei muito a encontrar um método próprio para sintonizar apenas com os raios brancos.

A Pat e o Douglas estavam muito mais avançados e conseguiam fazer isto de imediato, por isso ajudaram-me, já que eu não teria conseguido sozinho. As minhas vibrações físicas ainda são muito potentes e úteis para transmitir esta infusão de luz aos ashrams e outros lugares sintonizados para a receber.

Pelo que consigo ver, os Himalaias são a maior força para o bem em todo o mundo geográfico, e a sua produção psico-espiritual é colossal. Segui para o Japão e testei o Fuji.

Todas estas montanhas foram, em algum momento, ou, como no caso do Fuji, constantemente, consideradas divinas; e são, quase sempre, o porta-voz da inspiração divina. O Fuji carrega as orações acumuladas de muitos séculos, e podes extrair esse poder multirracial, multirreligioso dela com bastante facilidade, especialmente porque conheces o Fuji.

Lembra-te de tudo o que puderes sobre a montanha, vê-a em todas as suas diferentes fases e, depois, com um crescente sentido de união pessoal, vê o topo do pico em fogo com luz. Atrai esse fogo para a tua própria aura para brilhar e refletir sobre todos os que se aproximam de ti. Mais tarde, quando tiveres estabelecido este fogo, poderás enviá-lo para as auras de pessoas que queiras ajudar.

Isto aplica-se a um grande número das montanhas que visitei. Mas não a todas. Há também aquelas investidas por um poder negativo, e sob a influência dessas montanhas surgiu muita crueldade. Há algumas na Ásia Central das quais emanam enormes raízes de força negativa. Onde existe magia branca, quase sempre encontrarás o equivalente em alguma forma dirigida contra o Poder de Deus.

A minha primeira experiência foi na China. Não fazia ideia, quando me coloquei no cume de um pico pronto para abrir os meus centros e absorver, que de repente repararia que a montanha emitia um fumo negro horrível. Pensei logo numa erupção; depois lembrei-me de que estava a olhar para o etérico, e a Pat enviou-me um aviso à distância de que eu devia fechar os centros da minha aura e preparar-me contra os poderes mais sombrios.

Um momento depois, ela e o Douglas estavam ao meu lado, e senti-me um pouco como um rapazinho traquina que foi ao armário sem permissão! Ela lançou instantaneamente um forte raio azul sobre nós os três enquanto estávamos no pináculo e esperámos.

Eu disse: "Bem, e agora, o que fazemos?"

"Esperar, e emitir todo o poder branco que puderes. Não só temos de te salvar, mas também à montanha. Aqui, durante séculos, ficaram aprisionadas as entidades daqueles que cometeram muito mal, mas a maioria já expiou os seus pecados e está pronta para ser libertada. Foi por isso que vieste aqui, guiado inconscientemente pela necessidade deles."

Senti-me um pouco menos culpado, mas muito incerto quanto ao meu poder de sustentar a luz branca. O fumo negro sufocava-nos, e eu não via luz nenhuma. Então, no pior momento, quando estava quase a desmaiar, o Douglas e a Pat emitiram um raio de luz branca ofuscante, que foi instantaneamente refletido por inúmeros outros picos e pontos de luz em toda a vasta extensão de montanhas à nossa frente e abaixo de nós. Eu simplesmente fiquei sem fôlego.

Todo o meu corpo tremia com o inesperado confronto entre luz e trevas, que ocorria dentro e à minha volta. O ruído terrível era ensurdecedor, mas com a luz veio a calma, e enquanto nós três permanecíamos juntos, senti que a batalha tinha sido vencida e que a montanha tinha sido purificada dessas vibrações horríveis para sempre…

Muito lentamente, eles recolheram-me com eles e partimos para Fuji para descanso e recuperação. Foi uma experiência dilacerante para a alma — e uma que, dizem eles, terá de ser repetida inúmeras vezes antes que a terra esteja purificada e capaz de absorver completamente a luz branca.

PRIMEIRA VISITA EM ESPÍRITO AO FUJI

Fui ao Fuji, tendo já estado lá várias vezes quando estava neste corpo, e fui sozinho. Senti a vastidão e o poder quase aterrador. Não queria ir sozinho novamente, por isso, com o Hugh, o Douglas e o Arthur, começámos a trabalhar junto dos camponeses japoneses nas aldeias circundantes. Era tudo muito diferente das vibrações chinesas e tibetanas. Aqui, tinha havido uma interferência distinta das forças negativas. Acho que foi do lado negativo do Fuji que surgiram muitas das medidas brutais da última guerra. Quanto maior o poder para o bem, maior também o potencial para o menos bom.

O Grande Espírito da Terra estava a lutar pela supremacia, e o canal negativo do Fuji foi eventualmente subjugado. Mas isso não foi suficiente.

Quando visitei o Fuji pela primeira vez, parecia um grande leviatã de poder num estado adormecido. Eu temia mexer sequer numa folha ou pedra; o silêncio era

profundo e grávido de ira contida. Sim, esse foi o Fuji que encontrei da primeira vez, e deixei-o de muito boa vontade.

À medida que continuávamos o nosso trabalho entre os aldeões, começámos lentamente a progredir com eles. Havia entre eles aqueles que tinham lutado na última guerra e estado em contacto com o raio negativo, tendo sido usados como portadores desse raio de destruição. Mas havia outros ainda impregnados com os raios interiores do Fuji, para quem a guerra era uma repulsa; e foi a esses que nos voltámos, nos seus corpos adormecidos, para curar a doença nos outros que ainda sofriam sob o raio negativo.

Ao princípio foi uma proposta difícil, mas quando aqueles que sustentavam os raios interiores de luz branca os fundiram com os nossos, a barreira de luz tornou-se demasiado forte para os outros resistirem; e assim eles abandonaram as aldeias e foram para outros lugares, que acharam mais atraentes. As famílias separaram-se e houve uma sensação geral de agitação, mas no final tivemos poder suficiente para realmente entrar na montanha. Foi uma aventura absolutamente fantástica.

Nessa altura já tínhamos atraído alguns espíritos verdadeiramente grandes, de natureza angélica. Não sei os nomes deles, mas são belos para além de qualquer descrição. Acho que lhes chamam os Avatares. Quando vi que estavam a assumir a liderança da empreitada, senti-me renovado com poder. É maravilhoso estar realmente a trabalhar com estes seres de luz enormemente avançados. Alguns dos aldeões chegaram a vê-los, e estavam tão entusiasmados que diziam que o Buda tinha regressado para os guiar ao Nirvana… e que o fim do mundo tinha chegado!

Mas, claro, o tempo da sementeira e da colheita ainda tinha de continuar laboriosamente, mantendo-os dentro do ritmo diário de trabalho e vida comum. Mas a luz crescia à volta deles e à nossa volta enquanto entrávamos na montanha sob a liderança destes grandes seres. Tive a forte sensação de que o Fuji estava morto, inerte e vazio. Tínhamos toda a força da aldeia connosco. Eles estavam, claro, nos seus corpos adormecidos, mas nem por isso menos impregnados com as vibrações da montanha, e eles formaram o elo para os Grandes, forçando a entrada no plano material. Por isso, vês, as ferramentas mais simples podem ser usadas para as mais colossais tarefas.

Uma vez dentro da fortaleza etérica, os Avatares lançaram toda a luz de Cristo, Buda, Zoroastro, Vishnu e de todas as Divindades dos picos circundantes, formando um clarão de som e luz que era mais do que eu podia tolerar. Fiquei atordoado e quase inconsciente, dizendo para mim mesmo: isto é a guerra no Céu. O caos de luz e som era tão terrífico que penso que devo ter perdido a consciência por algum tempo. Sabia que não podia fazer nada, tudo tinha sido elevado a um plano além do meu conhecimento ou compreensão. O Hugh e o Arthur sentiam o mesmo, e só podíamos esperar pelo desfecho final.

De repente, a luz suavizou-se e um grande silêncio caiu sobre nós, um silêncio como nunca tinha conhecido — impregnado de majestosa força. Ajoelhámo-nos e entregámo-nos à sua guarda.

É tudo o que consigo pôr em palavras. Fomos gradualmente retirados da vizinhança da montanha, e os nossos corpos espirituais, que tinham sido extraídos das nossas conchas etéricas normais, regressaram às suas proporções habituais, e eu, Joe, voltei a ser apenas eu mesmo, nada mais, nada menos.

Assim, a Hoste Angélica deixou-nos. Mas não nos deixaram de mãos vazias, e eu sabia que esta experiência era uma espécie de iniciação, e que estaremos um pouco mais próximos desses Grandes quando a próxima crise nos surgir.

SENTIR A VIDA DOS CAMPONESES JAPONESES

Em meditação, aqui, abrimo-nos, respirando a força e tornando-nos como um imenso funil. É exatamente assim que todos parecemos em meditação ou oração, e também vocês. Formam, consciente ou inconscientemente, um funil etérico em forma de V sobre a cabeça através do qual o poder flui para dentro de vós, e para fora através do cérebro, mãos, olhos e respiração. Aprendi umas coisas deste lado! Gostava de ter sabido mais disto quando trabalhava no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Tantas vezes tropecei contra uma parede de "não saber" quando poderia ter atraído confiança e um "saber" inconsciente para iluminar o meu caminho.

Estava a conversar sobre isto com o Van, e ele disse que tinha adquirido o "saber inconsciente" e o aceitava sem questionar, acrescentando: "Não podíamos ver as causas profundas quando estávamos no corpo físico, mas podíamos 'apreendê-las', e é isso que estás a ser chamado a fazer agora; é, de facto, a essência da fé tornada um pouco mais concreta."

Tenho andado a vaguear entre os meus antigos colegas nos lugares onde servimos, especialmente na China e no Japão; mas também estive em Budapeste e por toda a parte nos países comunistas. Foi lá que conheci pela primeira vez o teu amigo Andrew. Como gosto dele (nada de clericalismo nele!), mas radiante de poder exteriorizado. Ele é um dos nossos e vem muito frequentemente ao Evereste e a outros centros.

Lembras-te de que me pediram para ajudar a reacender as montanhas na China e no Japão. Este é um trabalho vasto e tive de recrutar uma enorme nova equipa, principalmente das suas próprias localidades. Tive de aprender mais sobre os padrões linguísticos de todos os diferentes dialetos chineses. Isto não é tão difícil como parece, porque temos a transferência de pensamento para apoiar a nossa perceção visual.

Fiquei enormemente interessado em ver verdadeiramente a vida do camponês chinês nas aldeias de montanha; a cooperação deles é vital, porque estão a exalar as vibrações das montanhas circundantes e formam o nosso melhor elo físico. Mas, além disso, adoro o camponês chinês: ele é tão rude, e ainda assim tão compreensivo. Parece ter

nascido com um sentido inato de veneração pelas montanhas. Mas, além de tudo, é tão delicioso poder deslocar-me sem a sensação de frio, sujidade e fadiga que sempre acompanhavam as viagens físicas!

Passo muitas noites nas aldeias a conversar com os corpos etéricos deles, enquanto os corpos físicos dormem; e quando acordam e os corpos se tornam a unir, levo comigo o somatório da sua adesão aos grandes espíritos das montanhas à volta do vale deles.

Amanhã conto-te sobre o Fuji e como as montanhas respondem.

PURIFICAR O FUJI

Cynth, boa menina, eu quero mesmo escrever à Lorna. As coisas estão a tornar-se muito tensas no vosso mundo, e nós temos de nos aproximar cada vez mais do vosso plano para evitar uma guerra aberta. Temos de manter as fações opostas em oposição equilibrada, e equilibrar as forças para promover a paz. Não é a paz de Deus, é apenas o equilíbrio de poder. Tudo nos vossos planos de vida física depende de equilíbrio — magnético, emocional e biológico, de um modo ou de outro — e os poderes ampliados aqui têm de ser equilibrados na mesma medida.

Tive de aprender tudo isto para poder lidar com os centros de poder. Torna-se cada vez mais profundamente interessante.

Pega, por exemplo, no Fuji, que ambos conhecemos. Não é um único grande centro de poder, mas aglomerados e aglomerados de grandes e pequenos redemoinhos de energia. Como desembaraçá-los e purificá-los, quando todo o campo de ação me foi revelado, pareceu-me ao início uma tarefa absolutamente desesperada. Mas disseram-me: "Nada é desesperado com o Espírito de Deus. Trabalha pelo início, começa pela base da escada e não olhes demasiado para a frente."

Assim, comecei pelas encostas mais baixas. O Van veio comigo e vários outros, todos do Serviço. Entrámos nos pequenos redemoinhos de poder e percebemos o seu estado. Alguns estavam completamente sob a subserviência de uma força negativa da terra, oposta à força positiva da terra, na qual a vibração humana não entrava. Esse era o nosso trabalho.

O solo destas encostas deveria ser fértil e produtivo, mas devido a esse desequilíbrio era totalmente negativo e não tinha poder para dar vida. Assim, nós, que estamos fora do corpo, tínhamos de induzir o trabalhador da terra ou camponês físico a arriscar uma tentativa de plantar e cultivar um solo até então improdutivo, e, através do pensamento positivo, extrair o negativo e impor o positivo através das suas vibrações corporais no solo. Não tens ideia de quão fertilizante pode ser a mente humana ao recanalizar as vibrações diretamente pelo canal físico para o solo.

Tentámos primeiro com alguns velhos e endurecidos veteranos do trabalho agrícola, mas as suas mentes estavam fechadas à possibilidade de uma boa colheita em solo

pobre. "Nunca deu nada, porque haveria de dar agora?" Depois encontrámos um jovem casal, entusiasta, ávido e cheio de vitalidade. Criámos as circunstâncias para eles cultivarem essas terras áridas, e quase imediatamente o germe da vida começou a tomar forma, e a virgindade do solo libertou ao mesmo tempo uma pequena vibração de energia psíquica que fluiu para o grande canal espiritual que existe no éter, praticamente em toda a parte.

Bem, isso é uma lição de transmutação. Há algum tempo que tenho trabalhado intensamente neste projeto. É muito absorvente e tem muitos usos diversos. O bem-estar animal entra numa categoria; a cura de todas as enfermidades humanas, físicas e mentais, entra noutra, por isso nunca se fica entediado com a repetição. Tenho de fazer constantes viagens ao Evereste e a Chartres com certas vibrações, e às vezes até ao éter superior. Mas isso é outra história.

O ENCONTRO DE JOE COM O SEU EU SUPERIOR

Quero contar-te sobre as minhas vidas passadas, particularmente aquela em Iona, quando Columba, ou "I Columkill", era o meu líder e guia. Já o mencionei antes, mas não pelo nome. Eu não sabia quem ele era, exceto que era uma pessoa muito avançada, naqueles dias em que eu remava no barco dele e ouvia as suas histórias e a sua gloriosa voz de canto.

Agora todos vocês estão a aproximar-se da fase em que as nossas vidas passadas fazem sentido. É como um puzzle; às vezes é todo caos e depois, de repente, uma peça explica tudo. Bem, posso dizer-te isto. Todos nós que agarrámos e compreendemos o significado por trás deste plano físico caótico estamos agora a passar pela última ronda deste exercício particular, e a menos que desejes especificamente regressar, já não haverá mais corpos físicos para viveres. O vosso mundo está a mudar, e caso retornes daqui a alguns éons, será para uma existência completamente diferente e menos material.

Todos tentamos ajudar os que estão no plano físico, tal como eu te estou a ajudar agora. Mas eu também terminei o meu ciclo. Estou meio arrependido, gostei de muito dele, mas detestei ainda mais; por isso fecho o livro das vidas físicas terrenas sem arrependimento, mas com imenso interesse, porque agora consigo juntar algumas peças.

A primeira guerra foi a abertura dos meus olhos para a dor, a miséria e o assassinato, e para a inutilidade de tudo isso. Depois, a minha vida como diplomata procurou construir na minha mente a necessidade de reconstruir o mundo como uma máquina evolutiva. Claro que eu nunca pensei nisso nesses termos, mas a minha alma maior estava sempre a ordenar e a filtrar os resultados, e quando cheguei aqui fiz contacto com este outro Joe!

Foi um momento meio desconfortável, um verdadeiro *mauvais quart d'heure*, enquanto nos nivelávamos um com o outro. Eu estava surpreendido, ignorante e algo agressivo com este outro eu que tomava como garantido tanto daquilo que tu tinhas tentado explicar, enquanto o Joe menor continuava a dizer: "Bem, isso é tudo muito bonito, mas dá-me provas." E assim ele deu. Gostava que pudesses ter estado lá! Mostraram-me a evolução de ambos os Joes, como um entrou na vida material enquanto o outro permaneceu no espírito puro; um muitas vezes a puxar contra o outro.

O encontro com o meu Eu Superior aconteceu em Iona. Tive uma sensação de expansão que parecia sempre anunciar outra fase de desenvolvimento: já estava habituado a estas mudanças e tinha passado por várias. O Gandhi explicava-as e preparava-me para cada uma por sua vez até eu chegar a Iona.

Eu tinha andado a percorrer as minhas velhas vidas em Craignish e Scarba, e depois a relativa segurança e liberdade da vida em Iona, quando de repente, à medida que a sensação de expansão crescia, tornei-me consciente de um ser ao meu lado, moldado de certa forma no mesmo modelo. Voltei-me e olhei para ele e disse logo: "Oh, deves ter sido o meu irmão Oliver, a quem nunca conheci na vida terrena."

"Não," respondeu ele, "sou tu mesmo."

"Mas," gaguejei, "eu ainda sou eu. O que queres dizer?"

"Sim, e eu ainda sou tu e eu próprio, um e o mesmo. Tenho sido o teu reflexo de luz ao longo de toda a tua vida terrena, e agora podemos ser reunidos."

Não estava nada certo de estar a favor desta união, e disse-o. Ele apenas riu e disse: "Tu não discutes com as tuas mãos e pés, e serás um Joe muito mais completo se estivermos unidos."

"Bem, como fazemos isso?" perguntei.

"Não tenhas pressa. Tens de aprender a aceitar-me primeiro como a tua sombra ou reflexo. Mas eu só reflito o que há de mais elevado em ti."

Isto perturbou-me bastante; "Não há muito desse 'mais elevado' em mim."

"Bem, eu acho que há," foi a resposta inesperada; "Sou o resultado do teu esforço, da tua diligência e retidão, juntamente com o teu amor fundamental pelas pessoas à tua volta. Oh, eu sei que muitos deles te irritavam até ao limite, mas tu suportaste-os, e tudo isso construiu uma entidade que sou eu. Agora vês, eu sou inteiramente tu, por isso não me podes descartar nem afastar. Sou tu, limpo, pronto para receber as vibrações superiores: como levas isso? Sou uma espécie de saldo bancário no lado do crédito."

"Bem, fico tremendamente contente por ouvir que tenho um saldo bancário, e claro que te aceito como parte de mim; suponho que, sendo tu o 'rapaz superior', vais assumir o comando."

Não gostava nada da ideia de abandonar o meu caminho. Mas ele apenas riu e disse: "Confia em mim. Não vou usurpar a tua vontade; podemos cooperar facilmente."

E assim começou o tipo mais estranho de casamento entre os dois "eus", e descobri que estava enormemente — mas enormemente — transformado, mais forte, mais feliz, muito mais rico em compreensão e em correlacionar eventos e os propósitos por trás deles. E assim consegui assumir estas missões para e desde o Evereste e Chartres, que o Joe menor nunca teria sido capaz de empreender.

EXPEDIÇÃO AO EVERESTE EM BUSCA DO RAIO DO PERDÃO

Cynth, que coisa extraordinariamente refrescante é escrever contigo novamente. A vida aqui avança em grandes vagas de movimento, e uma pessoa precisa — repito, precisa — do poder de regressar e simplesmente falar com pessoas no corpo físico. Tu não fazes ideia de quão importante és para nós. O Douglas e eu temos discutido este ponto. Tem sido totalmente negligenciado pelas igrejas cristãs, apesar do facto de Cristo ter regressado várias vezes na história bíblica — e muitas, muitas mais vezes que não estão registadas — para mostrar quão importantes somos uns para os outros.

Ninguém aqui deveria estar sem o elo físico, e inversamente, vocês no corpo nunca deveriam carecer do poder de se ligar a alguém no etérico. Os terríveis resultados deste isolamento são-vos continuamente mostrados pelas pessoas que pedem mensagens através de ti e não através delas mesmas. A fé é a coisa mais rara!

Estive com o teu pai, o Andrew. Todos os teus amigos deste lado procuram-me, e já nos tornámos um grupo bastante grande. Ele é um elo muito importante, e uma companhia maravilhosa. Como ele me faz rir! Nascido na aristocracia na Polónia, criado como nós numa vasta propriedade, e depois renunciar a tudo por um ideal! Loucura eu teria chamado — mas não agora! Ele tem uma escola aqui: ao princípio era para o seu próprio povo, inquilinos e amigos da velha propriedade que o amavam e reverenciavam por ter entrado na Igreja, e pelas suas tremendamente inteligentes atividades ao estilo do "Escarlate Pimpinela"!

Oh sim, ele usou todos os seus poderes — físicos, psíquicos e espirituais — para salvar todos com quem entrou em contacto, e que estavam dispostos a ser salvos, quer no vosso lado, quer no nosso. Se morriam na prisão ou por assassinato, ele saía do corpo e estava com eles no momento da morte e do despertar. Ele reuniu um grupo do nosso lado para acolher e reconstruir a vida daqueles que passaram, e foram muitos; e eles, por sua vez, juntaram-se ao grupo que agora trabalha com ele na Polónia.

Fui com ele numa dessas expedições para ajudar, proteger e purificar os sofredores. Vi que o obstáculo predominante à sua liberdade era o perdão. Eles não conseguem perdoar, não mais do que os irlandeses. Por isso, para ajudar, é preciso ancorar um novo raio no plano terrestre. Este é o último do espectro. É o raio ametista ou púrpura, e uma vez absorvido na aura, o perdão torna-se possível.

Como gerar quantidade suficiente deste raio é o verdadeiro problema. Até o Andrew só conseguia produzir uma saída muito pequena. Então entregámos a questão à Flo, que disse logo: "Voltem ao Evereste e procurem lá." Assim, voltámos, com o Hugh, a Pat, o Douglas e muitos outros.

Alguns de nós já éramos visitantes regulares desses picos banhados de sol, e somos aceites, se não mesmo bem-vindos; mas exigir o uso de um raio tão vital do coração de um tesouro desses era quase mais do que um "Mensageiro da Rainha" podia esperar! Até então tínhamos apenas tocado a camada exterior das riquezas guardadas lá. No entanto, entrámos no Reino da Luz e apresentámos o nosso problema diante do Trono Etérico. Os grandes guardiões espirituais juntaram-se a nós, incluindo o Gandhi, e fomos autorizados a entrar na montanha. Isto é mais do que consigo explicar hoje: escrevemos mais amanhã.

Como produzir o raio que torna o perdão possível?

É o coração do raio do Cristo, e ninguém pode viver sem alguma forma dele e ser feliz. É o raio que remove toda a areia no nosso pensamento desagradável, e para este novo projeto fomos incitados a abrir caminho até à fortaleza do Evereste!

A Flo veio connosco e, claro, o padre Andrew. Ele estava tão entusiasmado e fascinado com a aproximação a esta grande montanha que eu temia que ele ainda estivesse a conversar com os espíritos da natureza à superfície quando chegasse a nossa oportunidade (se é que viria) de entrar na montanha. Vês, eu continuo a ser um Tomé descrente, e ainda tenho essas recaídas! Mas a Flo estava completamente calma e muito, muito confiante.

Enquanto estávamos no planalto resplandecente entre os picos brilhantes, vi as rochas etéricas cederem numa névoa de luz, revelando novamente a grande figura de luz que tinha visto na minha primeira visita. Desta vez consegui erguer os olhos para o esplendor cintilante do seu ser e realmente ouvir parte da mensagem que o Hugh, o Andrew e a Flo receberam por completo.

Devíamos seguir e receber o que agora podia ser dado. Essa era a essência da mensagem. O solo sob nós pareceu tremer, mas permanecia firme. Não houve sensação de queda; foi mais uma sensação de mudança de ambiente. E então a infusão de luz em que estávamos pareceu tomar a cor que procurávamos, algo semelhante a ametista, mas de um tom que eu nunca tinha visto antes. Irradiava para as nossas auras e para os nossos corpos etéricos, e parecia refazer todos os nossos contactos uns com os outros e todos os laços vivos que alguma vez tínhamos conhecido.

Todo o sentido de mágoa de qualquer tipo deixou-nos; trouxe também o poder de aceitar o perdão. Isto foi muito poderoso, especialmente para mim. Temos arrastado connosco todos estes anos o sentido das mágoas infligidas por nós, que são muito piores do que quaisquer mágoas sofridas. Mas agora este óleo vivo tinha absorvido

toda a miséria dentro de nós, e eu sabia que podia aceitar o maravilhoso perdão da Lorna e tornar-me um homem inteiro novamente.

Quanto tempo permanecemos a embebedar os nossos mais íntimos "eus" nesta experiência maravilhosa, não faço ideia. Mas a certo ponto a cor foi retirada, a luz tornou-se dourada e depois branca, e estávamos novamente entre os picos mais altos desta beleza deslumbrante que agora, de alguma forma estranha, nos pertencia de forma mais íntima. Suponho que a nossa capacidade de receção tinha sido ampliada.

O Andrew parecia, e acredito que já seja, um dos "Cristificados". Eu podia ver nele uma aproximação à figura brilhante que nos tinha guiado até ao raio, e a partir desse momento aceitámos a liderança dele sem questionar.

Assim, regressámos a Chartres, o nosso ponto focal, levando connosco o que conseguíamos deste raio preciosíssimo. O padre Andrew foi para outros centros, entre os quais acredito que Iona e a Polónia estavam entre aqueles que ele tocou com o raio, enquanto o resto de nós estava satisfeito em armazenar esta vibração preciosa dentro dos recintos de Chartres e tentar perceber tudo o que nos tinha acontecido.

Carta de Sir Ronald Fraser – Cartas de e sobre Lord Dowding

O que ando eu a fazer? Bem, quando se chega aqui aprende-se a dividir as próprias radiações; podemos usar diferentes corpos. Podemos sair simultaneamente para diferentes planos e povos. Temos de aprender, na vastidão desta nova vida, que é preciso conservar as nossas radiações ou elas serão desperdiçadas até termos o poder de produzir uma quantidade enorme.

Quanto à tomada de decisões. As decisões são o privilégio da Terra. Vejo agora como eu costumava desperdiçar radiações em coisas tolas e muitas vezes deixava escapar a questão vital. Mas pode-se sempre voltar a fazer. Não quero dizer através de outra encarnação. Deus me livre! Não creio que muitos de nós farão isso de novo.

Há tantas novas forças prestes a serem desencadeadas que todos nós ansiamos por vos avisar. Conservem a vossa energia mental e física. Ela será necessária.

Vejo, Cynthia, que tens andado a sondar os possíveis desastres ou vitórias do futuro. A Terra está a terminar — ou a aproximar-se do fim — de um dia cósmico que, neste caso, coincide com o fim de uma Era e a entrada na Era de Aquário. Tais tempos são sempre tempos de grande aflição e inconsciência. Depositamos grande interesse no que chamais os "Povos dos Discos" (os seres das naves). Eles estão definitivamente do vosso lado. Vê-os, convida-os, aprende com eles. Eles estão muito mais avançados do que vocês e podem talvez ser capazes de defender as Ilhas Brancas que, como sabes, são as Ilhas Britânicas.

Conheci o teu irmão, Cynthia, e sei que ele está a trabalhar nas linhas entre Chartres e o Evereste. Como sabes, Chartres é um dos meus pontos de poder mais próximos e

mais importantes, e o meu trabalho atual é ajudar a filtrar e dispersar o poder que emana tanto de Chartres como dos Himalaias. Durante todo o tempo em que traduzi aquele livro*, eu sabia que estava a reviver uma das minhas próprias vidas como construtor e arquiteto, e gradualmente lembrei-me de como o plano me chegava — acordado e a dormir — sem qualquer compreensão de matemática ou geometria. Ele simplesmente vinha e estava lá. Eu não precisava de questionar,

Sir Ronald Fraser traduziu Les Mystères de Chartres, de Louis Charpentier.

Eu só precisava de colocar as pedras que via tão claramente na minha mente. Agora, quando vejo arquitetos a suar sobre os planos, tenho uma vontade enorme de lhes dizer: "Relaxem!" e pensem como eu fazia. Deixem a imagem passar através de vocês. Essa capacidade voltou para mim agora e, quando surge algum problema, eu relaxo e peço às Grandes Forças que trabalhem através de mim. Se ao menos esta técnica fosse usada mais vezes… O que há a fazer é preparar tudo fisicamente da melhor forma possível. Eu cortava e recolhia a pedra e deixava a revelação do desenho inteiramente para as Grandes Forças. As pessoas sentem que devem fazer tudo sozinhas, quando aqui, neste plano, residem as maiores forças de realização em qualquer nível.

É tão bom poder continuar a falar assim. Quero contar-te como estamos a desenvolver Chartres — não, não como os comités de planeamento, mas no nosso plano, usando e fundindo a água, o ar e a terra ao redor do edifício numa única massa de grandes estruturas que um dia verás. Chartres é agora uma cidade de catedrais, e cada uma está lá para um propósito distinto.

(No dia seguinte)

Bom dia a ambas. Isto é esplêndido. Agora venham comigo para o novo Chartres. Estou muito orgulhoso dele, e várias pessoas no corpo já o viram e estão a usá-lo subconscientemente.

Primeiro começámos por extrair do templo muito antigo, bem abaixo da igreja atual. Extraímos dos Astecas. Pode surpreender-vos, mas os Astecas eram imensamente fortes nas suas vibrações. Eram primitivos e, por isso, usavam a vibração do sangue, que lhes dava acesso a muitas outras. Nós pegámos nessas vibrações e purificámo-las através do contacto com o sangue de Cristo. Foi, absolutamente, a coisa mais emocionante que já vi. A luz a encontrar-se com a escuridão e a derrotá-la completamente num vórtice de poder colorido.

Assim, tínhamos o material para a nossa nova construção. Qual deveria ser o objetivo dos novos edifícios? Eles seguiriam a forma já usada: o arco apontado, a torre, o círculo. O principal objetivo era abrir um canal amplo para o etérico entrar na igreja física e depois produzir capelas adicionais que conduziriam aos planos superiores. À medida que expandíamos o plano e o desenhávamos no éter em cor, forma e som, nem imaginas a confusão de beleza que se criava: não era o martelo e o cinzel dos antigos construtores, mas a projeção de formas reveladas pelo pensamento, que eu nunca tinha visto e não consigo descrever.

A primeira destas projeções foi um edifício glorioso de cúpulas e torres. Compreendia as vibrações do Oriente e do Ocidente. Tínhamos connosco muitos budistas, sufis e outros pensadores religiosos, e quando o fluxo etérico estava a mover-se, começámos a usar os canais na forma de naves a estender-se em todas as direções. Alguns atraíam das fés africanas mais primitivas para uma união. Alguns seguiam para o deserto até aos muçulmanos e ao longo da costa árabe. O mundo parecia estar entrelaçado por estas linhas de pensamento e ligado ao Centro de Poder central de Chartres.

Ficarás interessado em saber que a nossa pequena Madona Negra, assim chamada, vinda de uma era e fé distantes, é agora uma figura poderosíssima. Ela é, ou foi (mas o tempo aqui não existe), a reencarnação por trás da Madona, ou Mãe de Cristo, num período posterior. Uma criatura absolutamente maravilhosa, fascinante, a brilhar com a vibração feminina de todas as eras e profundamente marcante. Poderia dizer "sedutora", mas essa palavra não vive neste plano.

Ao levar-te além do plano etérico, fico sem linguagem. Estamos então entre as super-faculdades para as quais vocês não têm palavras. Mas eu posso — e vou — pintar a forma e a beleza delas nos teus sonhos.

Ter-te-ei dado alguma ideia da majestade e graça desta construção formidável? Nunca imaginei nada igual em qualquer plano, e o poder do amor aqui é supersónico em todas as direções. É como um vasto rio de poder de Deus-Cristo.

Acho que devo deixar aqui, mas gostaria de acrescentar uma nota final. Aqueles que nos ajudam vêm de todas as eras e todos os planos, incluindo os "Povos dos Discos", como vocês lhes chamam. Eles dão e recebem como todos nós deste vórtice de poder inefável.

Excerto de uma carta de Joe

Tenho visto bastante o Hugh Dowding, e ele levou-me com ele até aos EUA por causa daquela disputa da Lockheed. Foi fascinante ver o nosso lado a trabalhar num grande projeto industrial. Claro que o Hugh estava completamente a favor da Rolls-Royce. Ele conhecia os projetistas e admirava o trabalho deles, dizendo que era de longe o motor mais avançado nos ares, e que os novos métodos adotados abririam caminho para muita mais pesquisa em linhas completamente diferentes, se fosse aceite. O Hugh está sempre cheio de entusiasmo.

O Hugh diz que, através do conhecimento da velocidade, estamos a ganhar um novo sentido etérico no corpo, e que quanto maior a nossa conquista do espaço e da velocidade, mais canais estamos a abrir na aura humana para a aceitação de coisas completamente fora do percurso do pensamento humano comum. É isso que a juventude está a tentar fazer agora na sua rebelião contra a corrida desenfreada. No meio de toda a confusão e instabilidade da vida, a humanidade está a crescer. Pelo menos, essa é a visão dele.

Cartas de Hugh Dowding

Tenho estado contigo em Craignish (Argyll), é um bom lugar para nos encontrarmos e ouviste-me a chamar-te. As focas estavam lá, e os maçaricos e todas as gaivotas. Sim, é um lugar Dévico de alta qualidade.

Há tanto que gostaria de te contar. Descubro que a maioria do meu grupo parece ter aprendido bastante depois de ter vindo para cá. Nenhum de nós imaginava a intensidade de amar ou de ser amado. Simplesmente não se consegue enfrentar a insensibilidade terrena e a indiferença ao sofrimento mental e físico.

Tenho estado com aquele amigo do teu irmão conhecido como Van, uma pessoa extremamente avançada. Quão imensamente intrincado é o conhecimento dele sobre os canais de desenvolvimento. Eu conhecia-o ligeiramente antes, e agora descubro que estamos no mesmo grupo, e sinto-me honrado e grato por servir sob ele.

Temos um grupo profundamente heterogéneo — muitos diplomatas (incluindo o teu irmão) e pessoas como o Halifax, que também conheci. Ele está muito além de mim, mas é tremendamente influente. Todos nós crescemos e desenvolvemo-nos sob a influência imediata uns dos outros. Alguém chegou mesmo a vir agradecer-me pela ajuda que tinha recebido através das minhas vibrações! Ninguém ficou mais surpreendido do que eu!

Tenho de fazer uma pausa agora e escreverei novamente mais tarde, muito obrigado.

Cynthia, fico feliz por ter esta oportunidade. Não tens escrito muito ultimamente, não percas o contacto connosco; este é um momento muito importante e há muito poucos como tu por aí.

Sim, estou a ter um tempo muito interessante. Tenho estado entre os planetas e avaliado as coisas à minha maneira, e percebi que somos um sistema solar muito pequeno, mas é nosso, e foi-nos dado um papel de liderança no desenvolvimento e crescimento deste sistema: não é um projeto pequeno, e é extremamente emocionante.

Estes outros planetas são compostos de forma tão diferente — isso é o mais surpreendente; cabe-nos a nós ajudar a construir corpos de pensamento e, talvez, corpos psíquicos que sejam capazes de viver, trabalhar e crescer sob condições completamente diferentes. Alguns dos planetas maiores estão quase por formar, onde podemos desenvolver as formas etéricas ou astrais que evoluirão com o planeta. Neptuno e Urano entram nesta categoria; enquanto na Terra estamos a criar as mentes com as quais moldar estes mundos em avanço.

É um grande projeto, quando a nossa Terra parece estar em tal tumulto, mas a produção de almas avançadas a partir destas áreas conflitivas é enorme. Elas parecem concluir a sua evolução física aqui e depois avançar para o astral e o etérico para trabalhar no próximo planeta à sua escolha.

Muito, muito têm sido escolhidos da Índia devido aos seus corpos astrais e etéricos avançados. Aqui na Europa somos tão práticos e ligados à terra que nos é dado o poder de entrar nas auras de Marte e Vénus. Gostaria de escrever mais sobre isto mais tarde.

* * *

Quando o meu irmão foi chamado a regressar ao Evereste para trazer de volta a Chartres as vibrações dos grandes picos, pediram-lhe que escolhesse alguém para o acompanhar. Ele escolheu Lord Dowding, e o seguinte é o relato deste último da sua primeira expedição.

C.S.

Cynthia, gostaria de continuar a minha primeira carta e contar-te como vivi esta extraordinária expedição ao Evereste com o teu irmão.

Sempre tive uma grande afinidade com montanhas, mas, como o teu Joe, nunca tive tempo nem oportunidade de escalar ou conhecer intimamente alguma das grandes montanhas. Eu tinha visto os Himalaias, voado entre as encostas mais baixas, e olhava para eles quase como para o céu na terra — inalcançáveis. Agora, possuo a palavra mágica para aceder a tanto.

Demasiado — demasiado mesmo; por isso absorvo-o devagar, com um enorme e avassalador prazer, que neste caso quase equivalia a êxtase. Suponho que eu andava a vaguear por regiões meio físicas, meio etéricas, quando encontrei o teu irmão, e ele contou-me da sua nova missão. Ele apaixonou-se pelo Evereste. A atração magnética desta grande montanha capturou-o completamente por agora, e ele tem sido usado para ajudar outros a ver, desfrutar e extrair poder deste grande reservatório.

Graças ao seu amor apaixonado por estes picos e com a ajuda do Gandhi, ele é agora persona grata nessas terras altas que envolvem o pensamento humano. Fiquei muito entusiasmado com tudo o que ele me contou, apanhei o fogo do seu entusiasmo e pedi-lhe de imediato se podia juntar-me a uma destas expedições; e assim encontrei-me a deslizar pelos vales e encostas baixas, até chegarmos aos obstáculos enormes no sopé da grande subida. Eu já estava habituado à viagem etérica, preparado para o fácil poder elevador do pensamento que me levava sobre estas quedas de gelo imensas e desafiantes. De repente, tornei-me completamente uno com o gelo e a neve, capaz de me fundir e mover dentro deles.

Uma nova sensação. Tornei-me um floco de neve, um caramelo de gelo; e toda a alegria despreocupada de viver que estes elementos possuem tornou-se minha. Cada passo foi um progresso no sentir de novas formas de amar e entrar na pele exterior do nosso grande corpo terrestre. Tornei-me completamente inconsciente do Joe ou de qualquer outro à minha volta, exceto das camadas variadas de seres etéricos e espíritos da natureza.

À medida que subíamos, vi estes espíritos a ascender para um grande poder vibratório, até começar a ver e ouvir as grandes comunhões dos picos, a harmonia dentro da discórdia deste imenso instrumento para conduzir, duplicar, preservar,

armazenar e eventualmente dispensar a consciência divina entre os homens. Era tão imponente na sua grandeza — a comunhão entre os Grandes Espíritos e o Todo-Poderoso — que me senti um ouvinte indigno, de repente lançado no centro desta vasta imensidão de Deus. Tive vergonha da minha capacidade de ouvir e da minha incapacidade de compreender, e ansiei com todo o meu ser que a luz entrasse na minha mente, que viesse um intérprete em meu auxílio; e imediatamente, ali ao meu lado, estava uma figura radiante.

O Joe já te descreveu isto, mas eu, ainda incapaz de aceitar maravilhas à moda antiga, questionei: "Porque estou aqui e sou incapaz de alcançar e absorver esta sabedoria maravilhosa?" E, sobre a vasta extensão de luz cintilante, veio uma voz diferente de tudo o que alguma vez ouvi antes, dizendo-me para ficar quieto e saber. A figura de luz aproximou-se de mim, e comecei a sentir o poder de ser absorvido pelos tentáculos exteriores desta presença radiante — vi e compreendi. Mas nenhuma palavra pode dar forma à sensação de santidade absoluta que me envolveu. Estava além do meu poder de a sustentar por muito tempo, mas o que consegui reter sabia que seria meu daquele momento até à eternidade.

— Hugh

Última carta da Sally – Envoi

Durante uma visita recente à Cynthia, escrevi (como sempre faço) à minha filha Sally, sugerindo que ela me descrevesse a sua vida presente — a sua consciência atual, comparada com o seu primeiro despertar após a morte física; o seu trabalho, interesses, recreações: em resumo, que ela escrevesse um esboço autobiográfico dos seus dezasseis anos "no Além". O que se segue é a resposta dela, escrita através da Cynthia.

R.L.

Mamã, que exercício me deste! Vou fazer o meu melhor, mas sabes, tenho estado noutros planos de vibração, cor e som para os quais tu não tens palavras. Estas experiências estão fora do tempo e do espaço e da individualidade, onde perdemos completamente a consciência pessoal, sabendo que é apenas um exercício temporário — que temos de regressar ao nosso trabalho na nossa própria personalidade. Mas, por um espaço de… devo chamar-lhe "tempo", por falta de outra palavra, somos capazes de nos fundir na Grande Consciência. Isto é algo tão soberbo que está além de qualquer explicação; tens simplesmente de experimentar. Mas vou tentar conduzir-te até esse ponto, tanto quanto puder.

Ao passar para este lado, sem conhecimento nem compreensão, tive de começar do princípio; tudo isso tu já sabes. Depois a Pat entrou na minha vida e eu ascendi da multidão dos "não sabem" para a massa de pessoas adoráveis e radiantes que "sabem", e comecei a viver novamente de forma vital. Agora, isso soa como se os "não

sabem" fossem deixados a si próprios; são, porque continuam a querer isso profundamente, agarrados às suas velhas mágoas e continuando a ser miseráveis e solitários a tal ponto que ninguém consegue penetrar — e se conseguem, os "não sabem" afastam-nos e continuam a resmungar. Mas no momento em que a luz começa a surgir, partem como eu, para um mundo de luz, cor e música.

Andei à deriva neste mundo maravilhoso durante muito tempo. Ninguém te pressiona a avançar até teres completamente saturado a ti própria com as vibrações pelas quais tens fome; e então, quando comecei a olhar à volta, a Pat veio ter comigo e disse: "Que tal uma viagem?"

"Para onde?", perguntei.

"A questão é: será neste plano, no próximo plano ou no plano terrestre, para veres se consegues entender como todos eles se fundem?"

Eu disse: "O plano terrestre; quero saber como escrevo através da Cynthia e porque é que ela me consegue ouvir."

Então voltámos às vibrações grosseiras da terra, mas elas tinham mudado, e comecei a ver ambos os planos; eu conseguia ver os dois corpos em tudo e em todos, e fiquei tão entusiasmada. Vi o teu corpo etérico, mamã, e o da Cynthia, e percebi como um som de um tipo peculiar penetra sem quaisquer vibrações físicas. Observei e escutei e pensei, e a Pat levou-me a igrejas, a montanhas e ao fundo do mar; e ali comecei a usar outro conjunto de vibrações completamente: são uma mistura de vibrações astrais, etéricas e X. Agora, foram as vibrações X que achei tão fascinantes, e comecei a encontrá-las por toda a parte.

Ao princípio descobri-as por mim própria no fundo do oceano. Elas jaziam numa massa de cor cintilante, e eu perguntei à Pat o que eram. Ela pegou num punhado e lançou-as para a sua aura, e instou-me a fazer o mesmo. Ao princípio senti-me apenas um pouco tonta; depois comecei a mover-me inconscientemente, e perguntei à Pat o que estava a acontecer.

"Estás a flutuar para longe, para a próxima dimensão ou plano. Não tenhas medo, eu também estou a vir."

E assim encontrámo-nos noutro lugar de beleza requintada. Os aromas deste plano eram como o mais maravilhoso jardim que alguma vez conheceste, e comecei a sentir a cor e o aroma por todo o meu corpo. Os meus pés sentiam as mesmas coisas de forma independente. Agora, este tipo de consciência 3D, 4D, 5D, 6D foi muito perturbador ao princípio. É tão mais fácil cheirar apenas com o nariz, e não com os ouvidos e dedos dos pés e tudo o mais envolvido. Ofeguei perante a consciência alargada do meu corpo e senti-me completamente atordoada por ela.

A Pat estava ao meu lado, explicando e acalmando-me, ou eu teria ficado absolutamente louca; mas não fiquei, e depois de algum tempo comecei a orientar-me e a desfrutar deste enorme alargamento. Pedi à Pat se podia descansar por um tempo antes de avançar mais, e ela concordou. Fiquei tão entusiasmada com esta consciência que não conseguia pensar em mais nada. A Pat, vendo a minha obsessão, lembrou-me de que não podemos avançar sem fazer algo para ajudar os menos afortunados; por isso, antes que eu percebesse o que tinha acontecido, estava de volta a uma enfermaria hospitalar entre os curadores, a tentar ajudar as crianças que estavam a deixar os seus corpos e a iniciar a primeira fase da sua jornada etérica.

Gostei tanto de escrever isto porque me clarifica a cabeça e coloca a sequência do crescimento da consciência no lugar certo.

Oh, mamã, cá estamos nós outra vez – agora torna-se mais difícil.

Eu tinha adquirido a consciência de todo o meu corpo, e claro que isso levou tempo e muita prática, mas foi neste estado que me permitiram deixar a Terra e penetrar na estratosfera. Fiquei lá durante muito tempo. Quando digo estratosfera, refiro-me tanto à parte etérica e astral como à parte material; tornei-me completamente alinhada com as vibrações deste estranho país do ar.

Comecei a viver como se estivesse no mar, sem relva, sem árvores, sem flores, e em vez da vida vegetal real, que eu adoro, estava entre as vibrações que contribuem para a criação deste maravilhoso reino vegetal múltiplo. E nesta estufa existiam todas as pequenas entidades que tratam do crescimento inicial. São de todas as formas e tamanhos; são como pequenas gotas de amor, cada uma cuidando e dando a essência vital do amor a cada embrião antes de ele se tornar aéreo e descer à Terra.

Num anel mais distante desta área de vida e amor, encontrei os embriões de pássaros, animais e peixes; e por fim encontrei o embrião humano. As sementes da vida dos bebés estavam todas guardadas, impregnadas com as essências divinas deste plano. Toda a vida pertencente à Terra era criada e alimentada dentro deste anel de Divindade omnisciente.

Claro que isto estava muito além da minha capacidade de aceitar ou compreender todas as facetas magníficas desta vibração impressionante. Eu olhava, escutava e vagueava infinitamente por estes lugares estranhos, onde a vida começa — ou parece começar — e, quando tinha reunido tudo o que podia conter dentro do meu entendimento limitado, a Pat disse: "Agora vou mostrar-te o mundo dos minerais. Eles têm o seu nascimento nos planetas, e bem longe, nas estrelas distantes."

Eu disse: "Isto parece-me estranho; pensei que os minerais fossem uma criação da Terra." Mas não, eles, acima de todas as entidades, têm a durabilidade para viagens longínquas, e sobre esses minúsculos pontos luminosos de mil estrelas, os nossos minerais nasceram. As primeiras sementes nasceram nas nebulosas, e atuaram como

ímanes enquanto as nebulosas gradualmente se solidificavam, e as pequenas sementes dentro germinavam para se tornarem num campo magnético, chamando os seus irmãos e irmãs minerais nas esferas distantes para crescerem e os reforçarem. E assim a Terra formou-se a partir da ajuda externa de incontáveis raios minúsculos trazidos através do espaço.

Eu tinha de ver, aprender e aceitar todo este ensinamento, mas não de uma só vez. Só às vezes me era dado, quando eu estava capaz de ver e seguir os raios até ao próprio coração da Terra. Era-me dado entre períodos de trabalho comum para aqueles menos avançados, como as crianças na enfermaria do hospital de que te falei.

Tornei-me consciente de tudo isto através de todo o meu corpo; ao entrar na Terra, usamos toda a nossa consciência ao último grau. Passei a gostar muito da Terra, era tão acolhedora e familiar, e uma mudança tão grande em relação à estratosfera, que tinha espaços imensos que, mesmo para nós em estágios avançados de consciência, parecem algo áridos. Aqui, envolta nas camadas da Terra, senti-me de volta à fase de formação dos metais. Tornei-me carvão e ferro; vi e senti todas as memórias de crescimento que eles guardavam nas suas profundezas: as florestas iluminadas pelo sol, os pântanos, finalmente o carvão negro a brilhar à minha volta; tudo isto tinha de se tornar meu.

Tive de viver dentro da consciência de cada coisa viva diferente, descendo através dos animais e peixes até às próprias rochas sob os meus pés. Cada um tinha um verdadeiro livro de memórias à espera do meu cérebro recetor; e uma vez que aceitamos uma verdade aqui, ela permanece; não há esquecimento nestes planos ou nestes corpos. E assim avançamos através do espaço, tornando-nos cada vez mais parte da essência universal a partir da qual todas as coisas são moldadas; e com cada passo de consciência ganhamos vida e ainda mais vida, tornamo-nos mais vitais e capazes de igualar-nos em força vibratória ao grande coração central de todo o que vive.

Com amor,
Sally

ENVOI – Dos grandes Espíritos que guardam Iona

Queremos instilar-te o poder de te moveres por tua própria vontade. Com isto quero dizer sobre a superfície da Terra, usando as correntes para dar energia às tuas pernas; deves conformar-te ao ritmo da Terra. Tenta sentir uma força que te impele. Invoca-a e não tenhas pressa. Aceita o poder como se ele te estivesse a acelerar montanha abaixo. Isto é fácil em Iona. Experimenta. Pede à Terra que te ajude, pede às rochas que te façam flutuar acima da superfície — reconhece a levitação.

Estás em união com a gravitação, podes usá-la de formas diferentes. Onde estão os teus laços com os pássaros? Eles desafiam a gravitação como uma força que os puxa para baixo. Atrai as forças do ar para o teu ser. Pedes pela grande fonte de poder, mas não te especializas. Tens aqui em Iona uma oportunidade única para estabelecer ligações com as criaturas do ar. Não me limito a pássaros, mas a todas as forças,

correntes e entidades que se movem por sua própria vontade. Podes aliar-te a elas. Pede, e ser-te-á concedido.

O homem pensa apenas em si mesmo, mas ele é apenas um entre muitas cadeias de vida que circundam a nossa criação terrestre. A cada um virá um despertar — um momento de visão. Então descobrirás que as árvores, os pássaros, os peixes conversarão contigo tão facilmente como o fazem connosco. Nem as águas, rios ou nuvens permanecem mudas.

Todas as coisas ao teu alcance de visão, audição e tato estão destinadas a registar vida expectante. Quando tiveres aprendido a estender-te até aos raios ascendentes e descartares a superfície da Terra, quando estiveres no ar, movida pela tua própria vontade, então começarás a entrar no REINO.